KURT VONNEGUT



KURT VONNEGUT

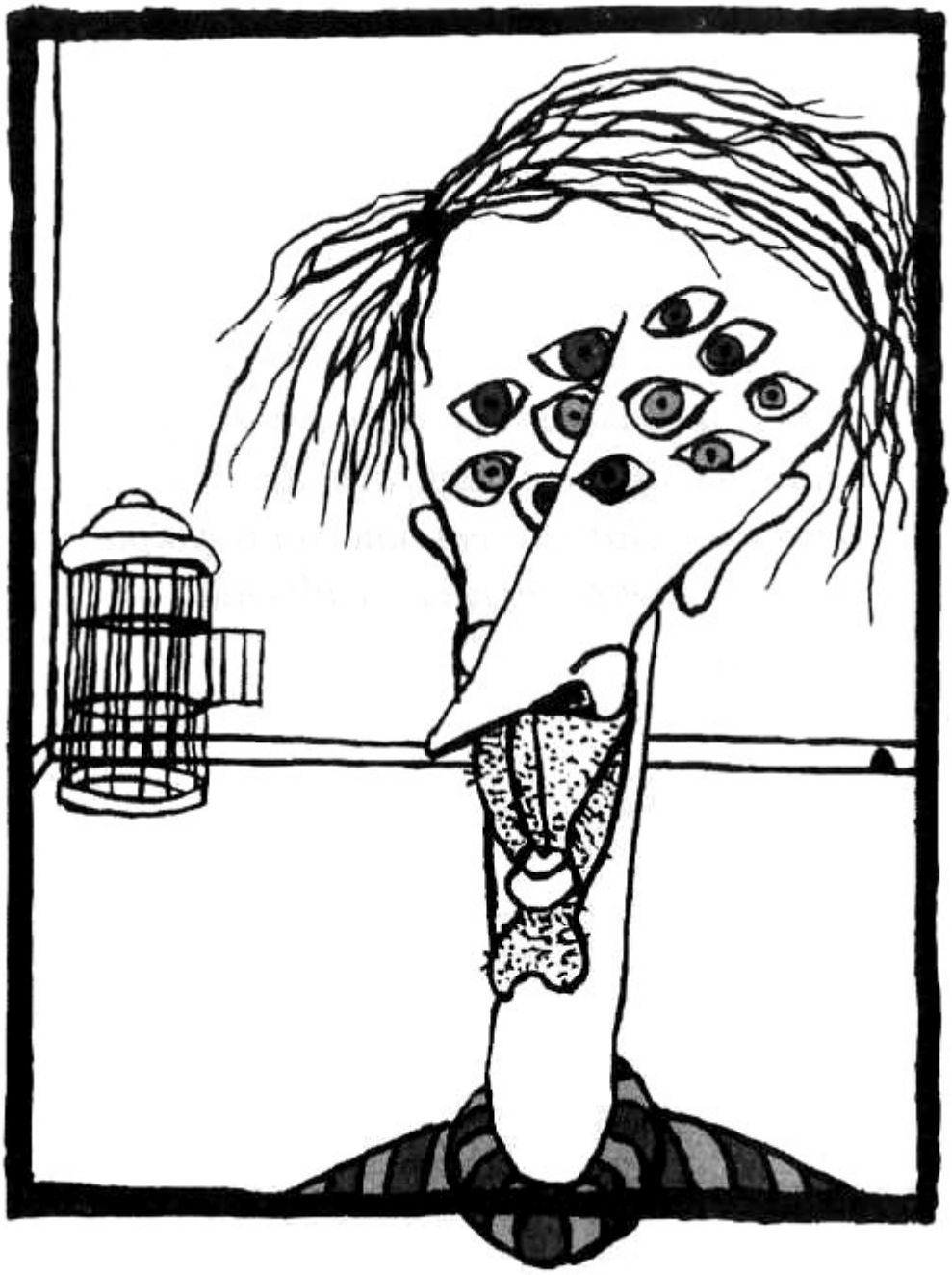
TIMEQUAKE

Tremor de tempo

Tradução
Waldéa Barcellos



Em memória de Seymour Lawrence,
editor romântico e admirável de histórias
curiosas relatadas em tinta sobre polpa
de madeira prensada e alvejada



Kilgore Trout, escritor não publicado de ficção científica, em Cohoes, estado de Nova York, em 1975, depois de ter sido informado da morte, num estaleiro sueco, de seu filho, Leon, com quem não se dava, depois de ter libertado seu periquito, "Cyclone Bill", e a um passo de se tornar um vagabundo.

Toda semelhança com pessoas vivas e mortas será mera coincidência.

PRÓLOGO

Em 1952, Ernest Hemingway publicou na revista *Life* um longo conto intitulado *O velho e o mar.* Falava de um pescador cubano que não havia pescado nada ao longo de oitenta e quatro dias. O cubano fisgou um marlim enorme, matou-o e o atou ao lado do seu barquinho. Entretanto, antes de conseguir chegar com ele à terra, tubarões arrancaram toda a carne do esqueleto.

Eu morava em Barnstable Village em Cape Cod quando o conto foi publicado. Perguntei a um pescador profissional da vizinhança o que achava da história. Ele disse que o herói era um idiota. Deveria ter retalhado os melhores pedaços de carne para colocá-los no fundo do barco, deixando o resto da carcaça para os tubarões.

Podia ser que os tubarões que Hemingway tinha em mente fossem os críticos que não haviam apreciado muito o primeiro romance que ele havia escrito em dez anos, *Do outro lado do rio entre as árvores,* publicado dois anos antes. Ao que eu saiba, ele nunca disse nada nesse sentido, mas o marlim poderia ter sido aquele romance.

E então, no inverno de 1996, eu me descobri criador de um romance que não funcionava, que não tinha razão de ser, que nunca quis ser escrito, para começo de conversa. *Merde!* Eu havia gasto quase uma década com aquele peixe ingrato, se me permitem. E ele não servia nem para lanche de tubarão.

Eu acabava de completar setenta e três anos. Minha mãe chegou aos cinquenta e dois, meu pai aos setenta e dois. Hemingway quase alcançou os sessenta e dois. Eu já havia vivido demais! O que me restava fazer?

Resposta: Corte o peixe em postas. O resto jogue fora.

Foi o que fiz no verão e no outono de 1996. Ontem, 11 de novembro desse ano, completei setenta e quatro anos de idade. Setenta e quatro!

Johannes Brahms parou de compor sinfonias quando estava com cinquenta e cinco. Chega! Meu pai não aguentava mais saber de arquitetura aos cinquenta e cinco anos. Chega! Romancistas norte-americanos do sexo masculino realizaram suas melhores obras antes dessa idade. Chega! Os cinquenta e cinco já são para mim uma época muito remota. Tenham dó!

Meu peixe descomunal, que fedia tanto, levou o título de *Timequake.* Vamos considerá-lo *Timequake I.* E vamos considerar este aqui, um ensopado preparado com suas melhores partes somadas a pensamentos e experiências que me ocorreram nos últimos sete meses, aproximadamente, como *Timequake II.*

Combinado?

A premissa de *Timequake I* era a de que um tremor de tempo, um súbito tranco no contínuo espaço-tempo, forçou todos e tudo a fazer pela segunda vez exatamente o que haviam feito, de bom ou de ruim, na década anterior. Foi um *déjà vu* que não desapareceu durante dez longos anos. Ninguém podia nem se queixar de que tudo continuava na mesma na sua vida. Ninguém podia perguntar se só a gente estava enlouquecendo ou se *todo mundo* estava ficando maluco.

Não havia absolutamente nada que se pudesse dizer durante a reprise que não tivesse sido dito na primeira vez em que se passou pela década. Não se podia nem mesmo salvar a própria vida ou a de algum ente querido, se não se tivesse conseguido o feito na primeira passagem.

Fiz com que o tremor de tempo transportasse tudo e todos instantaneamente de 13 de fevereiro de 2001 de volta a 17 de fevereiro de 1991. E assim, todos precisamos voltar a 2001 do modo difícil, minuto a minuto, hora a hora, ano a ano, apostando novamente no cavalo errado, casando-nos mais uma vez com a pessoa errada, contraindo gonorreia de novo. O que vocês quiserem!

Só quando as pessoas voltaram ao instante em que o tremor de tempo as atingiu, foi que pararam de ser robôs dos seus passados. Como declarou o velho escritor de ficção científica, Kilgore Trout: “Só quando o livre-arbítrio voltou a se instalar, foi que elas puderam parar de correr em pistas de obstáculos construídas por elas mesmas.”

Trout não existe na realidade. Ele foi meu alter ego em alguns dos meus outros romances. No entanto, a maior parte do que optei por preservar de *Timequake I* está relacionada às suas aventuras e às suas opiniões. Recuperei algumas das milhares de histórias que ele escreveu entre 1931, quando estava com quatorze anos, e 2001, quando morreu aos oitenta e quatro anos. Vagabundo durante grande parte da sua vida, ele morreu em meio ao luxo na Suíte Ernest Hemingway do retiro de escritores Xanadu, no balneário de verão de Point Zion, Rhode Island. É bom saber disso.

Sua primeira história, que ele me contou quando estava morrendo, se passava em Camelot, a corte do rei Artur, na Grã-Bretanha: Merlim, o Mago da Corte, lança um encantamento que lhe permite equipar os Cavaleiros da Távola Redonda com submetralhadoras Thompson e cartuchos de dunduns de calibre 45.

Sir Galahad, o mais puro de coração e mente, procura se familiarizar com esse novo equipamento promotor da virtude. Ao fazê-lo, ele atravessa o Santo Gral com uma bala e transforma a rainha Guinevere num queijo suíço.

Ouçam o que Trout disse quando percebeu que a reprise de dez anos havia terminado, que ele e todo o resto do mundo de repente estavam obrigados a pensar em coisas novas a fazer, a voltar a ser criativos: “Ai, meu Deus! Estou velho e experiente demais para começar de novo a jogar roleta-russa com o livre-arbítrio.”

É, e eu mesmo fui um personagem em *Timequake I,* com um pequeno papel durante uma mariscada preparada sobre pedras quentes, na praia, no retiro de escritores Xanadu, no verão de 2001, seis meses após o final da reprise, seis meses após a restauração do livre-arbítrio.

Eu estava lá com algumas pessoas fictícias do livro, entre elas Kilgore Trout. Tive o privilégio de ouvir o velho escritor de ficção científica, há tanto tempo sem nada publicado, descrever para nós e depois demonstrar o lugar especial dos terráqueos no grande esquema cósmico.

Portanto, agora meu último livro está pronto, a não ser por este prefácio. Hoje é o dia 12 de novembro de 1996, cerca de nove meses, creio eu, antes da data de sua publicação, da sua saída do canal de parto de uma gráfica. Não há pressa alguma. O período de gestação de um filhote de elefante indiano é quase três vezes maior.

O período de gestação de um filhote de gambá, caros amigos e vizinhos, é de doze dias.

Neste livro supus que ainda estarei vivo para a mariscada em 2001. No Capítulo 46, eu me imagino ainda vivo em 2010. Às vezes digo que estou em 1996, época em que realmente estou, e às vezes digo que estou no meio de uma reprise causada pelo tremor de tempo, sem fazer distinções claras entre as duas situações.

Devo estar maluco.

1

Podem me chamar de Junior. É o que fazem meus seis filhos adultos. Três são sobrinhos que adotei, três são meus mesmo. Eles me chamam de Junior pelas costas. Acham que não sei.

Digo em conferências que uma das missões plausíveis dos artistas é a de fazer com que as pessoas apreciem pelo menos um pouco o fato de estarem vivas. Perguntam-me, então, se conheço algum artista que tenha conseguido esse feito. E eu respondo: “Os Beatles conseguiram.”

Parece-me que as criaturas terráqueas do nível mais alto de evolução consideram estar vivo embaraçoso ou muito pior. Descartemos casos de extremo desconforto, como o de idealistas serem crucificados. Duas mulheres importantes na minha vida, minha mãe e minha única irmã, Alice, ou Allie, agora no Céu, detestavam a vida e não escondiam isso. Allie costumava gritar: “Eu desisto! Eu desisto!”

O norte-americano mais engraçado da sua época, Mark Twain, considerava a vida para si mesmo e para todos os outros tão estressante, quando estava na faixa dos setenta anos, como eu, que escreveu as seguintes palavras: “Desde que atingi a idade adulta, nunca desejei que algum amigo meu já morto fosse devolvido à vida.” Esta frase está num ensaio sobre a morte repentina da sua filha Jean, alguns dias antes. Entre aquelas pessoas que ele não pediria que ressuscitassem estavam Jean, uma outra filha, Susy, sua querida mulher e seu melhor amigo, Henry Rogers.

Twain não viveu o suficiente para ver a Primeira Guerra Mundial mas, mesmo assim, essa era sua opinião.

Jesus disse como a vida é horrível no Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os que choram”, “Bem-aventurados os mansos” e “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça.”

É de Henry David Thoreau a célebre frase: “A maior parte dos homens leva vidas de mudo desespero.”

Portanto, não há o mais leve mistério no fato de envenenarmos a água, o ar e o solo e desenvolvermos aparelhos cada vez mais engenhosos, tanto industriais quanto militares, que nos levem ao final dos tempos. Sejamos perfeitamente francos, para variar. Seria preferível, para praticamente todos nós, que o fim do mundo viesse logo.

Meu pai, Kurt Sênior, arquiteto de Indianápolis que estava com câncer e cuja mulher havia cometido suicídio uns quinze anos antes, foi preso por desrespeitar um sinal vermelho na cidadezinha em que morava. Revelou-se que ele sequer tinha carteira de motorista já havia vinte anos!

Sabem o que ele disse ao policial que o deteve? “Então me dê um tiro.”

O pianista de jazz afro-americano Fats Waller tinha uma frase que costumava gritar quando sua performance era absolutamente brilhante e divertida: “Alguém me mate enquanto estou feliz!”

O fato de existirem dispositivos como as armas de fogo, fáceis de operar como um isqueiro e baratas como torradeiras, capazes de, segundo o capricho de qualquer um, matar meu pai, Fats, Abraham Lincoln, John Lennon, Martin Luther King ou uma mulher empurrando um carrinho de bebê, só isso já deveria ser prova suficiente para qualquer um de que, para citar o velho escritor de ficção científica, Kilgore Trout, “estar vivo é uma merda”.

2

Imaginem o seguinte: uma famosa universidade dos Estados Unidos desiste do futebol em nome da sanidade. Transforma, então, seu estádio vazio numa fábrica de bombas. Lá se vai a sanidade. Nuanças de Kilgore Trout.

Estou falando de minha alma mater, da Universidade de Chicago. Em dezembro de 1942, muito antes de eu entrar para lá, a primeira reação em cadeia do urânio no planeta foi efetuada por cientistas debaixo das arquibancadas de Stagg Field. Sua intenção era demonstrar a viabilidade de uma bomba atômica. Estávamos em guerra com a Alemanha e o Japão.

Cinquenta e três anos depois, em 6 de agosto de 1995, houve uma reunião na capela da minha universidade para relembrar o quinquagésimo aniversário da detonação da primeira bomba atômica sobre a cidade de Hiroshima, no Japão. Eu compareci.

Um dos oradores foi o físico Leon Seren. Tantos anos antes, ele havia participado da experiência bem-sucedida debaixo das instalações esportivas desativadas. Ouçam essa: ele *pediu perdão* por ter feito aquilo!

Alguém lhe deveria ter avisado que ser físico, num planeta em que os animais mais inteligentes odeiam tanto viver, significa nunca ter de pedir perdão.

Agora, imaginem o seguinte. Um homem cria uma bomba de hidrogênio para uma União Soviética paranoica, certifica-se de que ela funcione e, depois, ganha o prêmio Nobel da Paz! Este personagem da vida real, digno de um conto de Kilgore Trout, foi o falecido físico Andrei Sakharov.

Ele ganhou seu Nobel em 1975 por exigir que fossem interrompidos os testes de armas nucleares. É claro que *a dele* já havia sido testada. Sua mulher era pediatra! Que tipo de indivíduo poderia aperfeiçoar uma bomba de hidrogênio enquanto estivesse casado com uma especialista em atendimento infantil? Que tipo de médica teria ficado com um companheiro capaz de uma resposta como a seguinte?

— Alguma coisa interessante hoje no trabalho, meu amor?

— Hum, hum. Minha bomba vai funcionar perfeitamente. E como você está indo com aquela criança com catapora?

Andrei Sakharov era uma espécie de santo em 1975, fato que não é mais celebrado agora que a Guerra Fria terminou. Ele era um *dissidente* na União Soviética. Clamou por um fim ao desenvolvimento e testes de armas nucleares e também por maior liberdade para o povo. Foi expulso da Academia de Ciências da União Soviética. Foi exilado de Moscou para uma minúscula comunidade numa região de solo permanentemente gelado.

Não lhe foi permitido ir a Oslo para receber seu Prêmio da Paz. Sua esposa pediatra, Elena Bonner, aceitou o prêmio em seu lugar. Mas, será que não está na hora de nos perguntarmos se ela, ou qualquer pediatra ou médico, não era mais merecedora de um Prêmio da Paz do que qualquer um que tivesse auxiliado na criação de uma bomba atômica para qualquer tipo de governo, não importa onde?

Direitos humanos? O que poderia ser mais indiferente aos direitos de qualquer forma de vida do que uma bomba atômica?

Em junho de 1987, a Staten Island College na cidade de Nova York concedeu a Sakharov o título de doutor *honoris causa.* Mais uma vez, o governo de seu país não quis permitir que ele viesse aceitá-lo pessoalmente. E fui convidado para representá-lo.

Tudo o que eu precisava fazer era transmitir uma mensagem enviada por ele: “Não desistam da energia nuclear.” Eu a recitei como um robô.

Como fui educado! É que isso ocorreu um ano após a calamidade nuclear mais letal que este planeta maluco havia presenciado até então: a de Chernobyl na Ucrânia. Crianças por todo o norte da Europa adoecerão ou sofrerão as piores consequências nos anos futuros em decorrência daquele vazamento de radiação. Bastante trabalho para os pediatras!

O que me enterneceu mais do que a ridícula exortação de Sakharov foi a atitude dos bombeiros de Schenectady, estado de Nova York, depois de Chernobyl. Eu costumava trabalhar em Schenectady. Os bombeiros enviaram uma carta para seus irmãos de profissão lá em Chernobyl, dando-lhes os parabéns por sua coragem e altruísmo enquanto tentavam salvar vidas e propriedades.

Um hurra para os bombeiros!

Por mais que alguns deles possam ser a escória da Terra no seu cotidiano, todos eles podem ser santos em situações de emergência.

Um hurra para os bombeiros.

3

Em *Timequake I,* Kilgore Trout escreveu um conto sobre uma bomba atômica. Por causa do tremor de tempo, precisou escrevê-lo duas vezes. Lembrem-se de que a reprise de dez anos que se seguiu ao tremor de tempo fez com que ele, eu, *vocês* e todo o resto do mundo voltássemos a fazer mais uma vez tudo o que havíamos feito de 17 de fevereiro de 1991 a 13 de fevereiro de 2001.

Trout não se importou de reescrevê-lo. Reprise ou não, ele conseguia se desligar do monte de merda que era estar vivo, desde que estivesse escrevendo, com a cabeça baixa, com uma esferográfica num bloco amarelo, tamanho ofício.

Ele intitulou o conto "Nenhum motivo de riso". Jogou-o fora antes que qualquer pessoa conseguisse vê-lo, e depois precisou jogá-lo fora novamente durante a reprise. Na mariscada no final de *Timequake I*, no verão do ano de 2001, depois que o livre-arbítrio se havia instalado novamente, Trout disse o seguinte sobre todos os contos que havia rasgado em mil pedaços, jogado em vasos sanitários, largado em terrenos baldios cheios de lixo ou em qualquer outro lugar: "O que o diabo dá o diabo leva."

"Nenhum motivo de riso" deve seu título a um comentário que um juiz, no conto, fez durante uma corte marcial ultrassecreta da tripulação do bombardeiro norte-americano *Joy's Pride,* na ilha do Pacífico de Banalulu, um mês após o final da Segunda Guerra Mundial.

O próprio *Joy's Pride* estava em perfeito estado, num hangar lá em Banalulu. Seu nome era em homenagem à mãe do piloto, Joy Peterson, enfermeira do setor de obstetrícia num hospital em Corpus Christi, no Texas. *Pride* era uma palavra com dois sentidos. Significava orgulho. Também significava uma família de leões.

Eis a história: depois que uma bomba atômica foi lançada sobre Hiroshima e depois mais uma, sobre Nagasaki, *Joy's Pride* recebeu a ordem de lançar ainda outra bomba sobre Yokohama, sobre uns dois milhões de "japonesinhos filhos da mãe". Os japonesinhos filhos da mãe eram chamados de "japonesinhos filhos da mãe" naquela época. Estávamos em guerra. Trout descreveu a terceira bomba atômica da seguinte forma: "Um troço roxo do tamanho de um boiler no porão de uma escola secundária de tamanho médio."

Ela era grande demais para caber no compartimento para bombas. Foi pendurada debaixo da barriga do avião, ficando a apenas trinta centímetros da pista quando o *Joy's Pride* decolou para o lindo céu azul.

À medida que o avião se aproximava do seu alvo, o piloto refletiu em voz alta no sistema de intercomunicação que sua mãe, a enfermeira da obstetrícia, se tornaria uma celebridade lá na sua terra depois que eles fizessem o que estavam a um passo de fazer. O bombardeiro *Enola Gay,* assim como a mulher em cuja homenagem ele havia sido batizado, se havia tornado tão famoso quanto astros do cinema depois de deixar cair sua carga sobre Hiroshima. A população de Yokohama era duas vezes maior do que a de Hiroshima e a de Nagasaki somadas.

Entretanto, quanto mais o piloto pensava nisso, mais certeza tinha de que sua doce mãe viúva jamais conseguiria dizer aos repórteres que estava feliz com o fato de o avião de seu filho ter matado um recorde mundial de civis, todos de uma só vez.

A história de Trout me lembra uma vez em que minha falecida tia-avó Emma Vonnegut disse que detestava os chineses. Seu falecido genro, Kerfuit Stewart, que era proprietário da Stewart's Book Store em Louisville, Kentucky, censurou-a, dizendo que era *feio* detestar tanta gente ao mesmo tempo.

Não importa.

A tripulação a bordo do *Joy's Pride,* fosse como fosse, disse ao piloto através do sistema de intercomunicação que seus sentimentos eram muito semelhantes. Estavam completamente sós lá no alto no céu. Não precisavam de uma escolta de caças, já que aos japoneses não restava nenhuma rota aérea. A guerra havia terminado, a não ser pela burocracia, o que se poderia alegar já ser a situação mesmo antes que o *Enola Gay* cremasse Hiroshima.

Numa citação de Kilgore Trout: "Aquilo já não era mais a guerra, da mesma forma que a bomba atômica sobre Nagasaki não havia sido. Aquilo era um 'Muito obrigado aos ianques por um trabalho bem-feito!' Agora era só para a plateia."

Trout disse em "Nenhum motivo de riso" que o piloto e seu bombardeador se sentiam como que divinos em missões anteriores, quando não carregavam nada além de bombas incendiárias e explosivos convencionais para lançar sobre pessoas. "Mas aquilo havia sido divino com 'd' minúsculo", escreveu ele. "Eles se identificavam com divindades menores que só destruíam e promoviam vinganças. Lá em cima, totalmente sós no céu, com a bomba amarrada ao avião, eles se sentiram como o Próprio Deus Chefe, que dispunha de uma opção que antes eles não tinham: a de ser *misericordioso.*"

O próprio Trout havia estado na Segunda Guerra Mundial, mas não na Aeronáutica, nem no Pacífico. Ele havia sido observador avançado para a artilharia de campo do Exército na Europa, um tenente com binóculos e rádio, lá adiante com a infantaria ou mesmo à frente dela. Ele relataria às baterias na retaguarda onde suas bombas, seu fósforo branco ou fosse lá o que fosse poderiam ser muito úteis.

Ele próprio decerto não havia sido misericordioso, nem, segundo seu próprio relato, jamais havia sentido que deveria ter sido. Perguntei-lhe, durante a mariscada em 2001, no retiro de escritores Xanadu, o que havia feito durante a guerra, que ele chamava de "segunda tentativa malograda de suicídio da civilização".

Ele respondeu sem o menor traço de remorso: “Fiz sanduíches de soldados alemães entre uma Terra em erupção e um céu em explosão, em meio a uma saraivada de giletes.”

O piloto do *Joy’s Pride* deu meia-volta lá em cima no céu. A porra da bomba ainda estava presa à barriga do avião. O piloto retornou a Banalulu. “Agiu assim”, escreveu Trout, “porque era assim que sua mãe teria querido que ele agisse.”

Na corte marcial ultrassecreta que se seguiu, todos tiveram um ataque de riso a certa altura. Isso fez com que o juiz batesse seu martelo e declarasse que o que os homens submetidos a julgamento haviam feito não era “nenhum motivo de riso”. O que as pessoas acharam tão engraçado foi a descrição do promotor do que o pessoal da base fez quando o *Joy’s Pride* voltou para aterrissar com a porra da bomba a apenas trinta centímetros da pista. Alguns pularam pelas janelas. Outros mijaram nas calças.

“Houve todo tipo de colisão entre diferentes tipos de veículos”, escreveu Kilgore Trout.

No entanto, mal o juiz havia restaurado a ordem, uma enorme fenda se abriu no fundo do Pacífico. Ela engoliu Banalulu, corte marcial, *Joy’s Pride,* bomba atômica não utilizada e tudo o mais.

4

Quando soube que eu nasci em 1922, o excelente romancista e artista gráfico alemão Günter Grass me disse: “Não existe na Europa nenhum homem da sua idade com quem você possa conversar.” Ele próprio era menino durante a guerra de Kilgore Trout e minha, assim como Elie Wiesel, Jerzy Kosinski, Milos Forman e tantos outros. Tive a sorte de nascer por aqui em vez de lá, de nascer branco e de classe média, numa casa cheia de livros e quadros, numa família grande e extensa, que não existe mais.

Ouvi o poeta Robert Pinsky dar uma palestra neste verão, na qual ele pedia desculpas didaticamente por ter tido uma vida muito melhor do que o normal. Eu deveria fazer o mesmo.

Pelo menos, aproveitei a oportunidade em maio passado para agradecer a minha cidade natal, na qualidade de orador na colação de grau na Butler University.

“Se eu tivesse a oportunidade de repetir tudo, optaria por nascer de novo num hospital em Indianápolis. Optaria por passar minha infância mais uma vez no 4365 da North Illinois Street, a cerca de dez quarteirões daqui, e de ser um produto das suas escolas públicas.

“Eu voltaria a estudar bacteriologia e análise quantitativa nos cursos de verão da Butler University.

“Tudo estava aqui à minha disposição, exatamente como esteve para vocês, o melhor e o pior da civilização ocidental, para quem quisesse prestar atenção: a música, as finanças, o governo, a arquitetura, o direito, a escultura e a pintura, a história, a medicina, o atletismo e todos os ramos da ciência. Além de livros, livros, livros, professores e figuras modelo.

“Gente tão inteligente que não dá para se acreditar, e gente tão idiota que não dá para se acreditar. Gente incrivelmente boa, e gente incrivelmente cruel.”

Também dei conselhos.

“Meu tio, Alex Vonnegut, um vendedor de seguros de vida formado em Harvard, que morava no 5033 da North Pennsylvania Street, me transmitiu um ensinamento importantíssimo. Ele dizia que, quando as coisas estivessem realmente indo bem, não deveríamos nos esquecer de *perceber* isso.

“Ele estava falando de situações simples, não de grandes vitórias: talvez a possibilidade de tomar uma limonada à sombra numa tarde quente, sentir o aroma do pão assando numa padaria na vizinhança, pescar sem se importar se apanhou algum peixe ou não, ou ouvir alguém que está sozinho tocando piano muito bem na casa ao lado.

“Tio Alex me recomendava que dissesse as seguintes palavras em voz alta durante esses momentos de revelação: ‘Se isso não é bom, o que então será?’”

Outro aspecto da minha sorte: durante os primeiros trinta e três anos da minha vida, escrever histórias no papel era uma importante indústria norte-americana. Embora eu na época tivesse mulher e dois filhos, fazia sentido largar um emprego de publicitário na General Electric, com seguro-saúde e plano de aposentadoria. Eu ganhava mais dinheiro vendendo contos para *The Saturday Evening Post* e para a *Collier’s,* revistas semanais cheias de anúncios, que publicavam cinco contos e um fascículo de um folhetim cheio de suspense em cada edição.

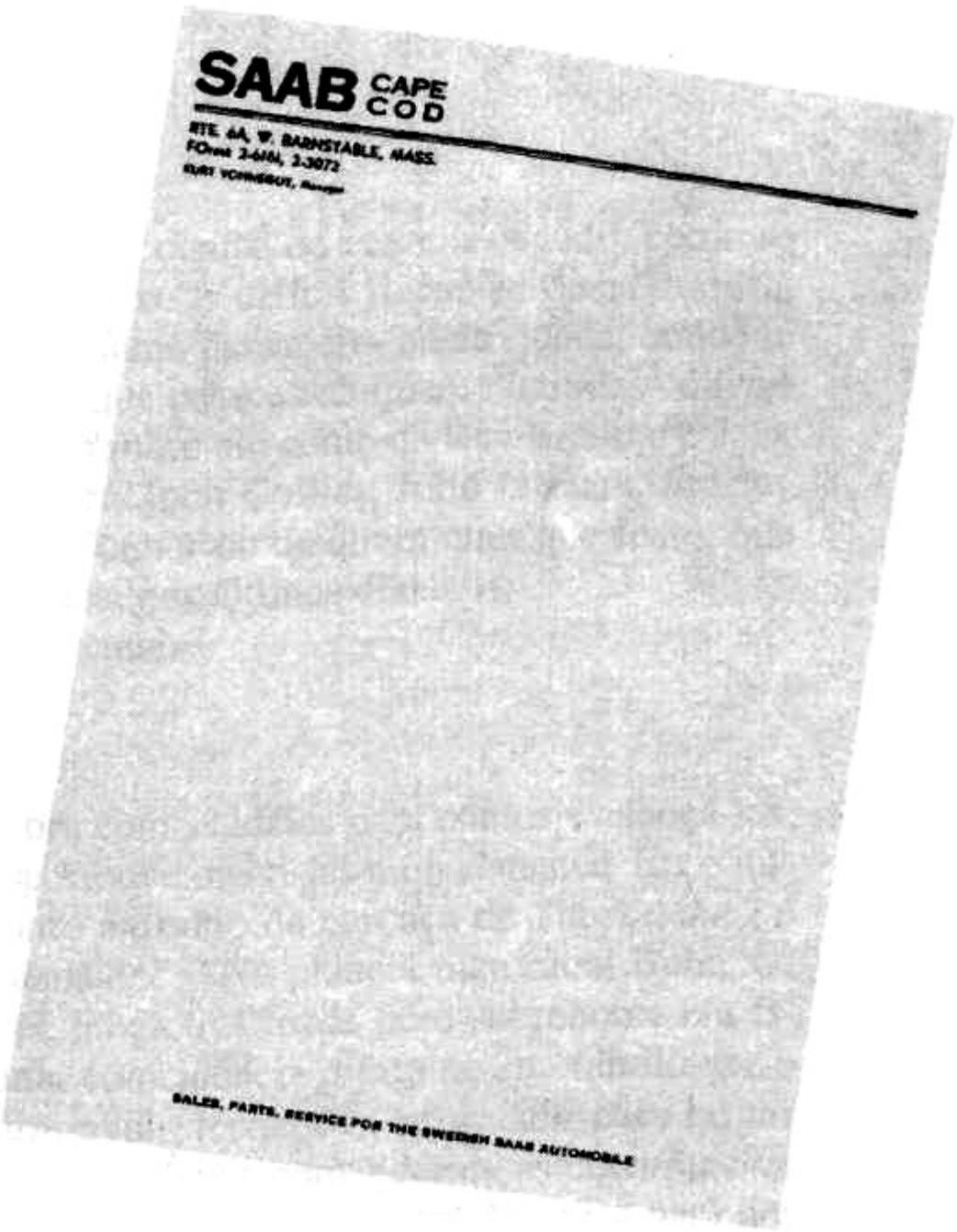
Esses eram apenas os compradores que pagavam mais pelo que eu conseguisse produzir. Havia tantas outras revistas sedentas por ficção que o mercado de contos era como uma máquina de fliperama. Quando eu enviava um conto para meu agente, podia ter bastante certeza de que alguém iria pagar algum valor por ele, mesmo que fosse rejeitado muitas vezes.

No entanto, pouco depois de eu transferir minha família de Schenectady, Nova York, para Cape Cod, a televisão, mídia muito mais interessante para os anunciantes do que as revistas, tornou obsoleto o jogo de fliperama com contos como meio de vida.

Eu vivia em Cape Cod e viajava todos os dias até Boston para trabalhar em uma agência de propaganda industrial. Depois, passei a vender os automóveis Saab e mais tarde ensinei inglês numa escola particular de nível secundário para jovens ricos seriamente mimados.

Meu filho, o médico Mark Vonnegut, que escreveu um livro fantástico sobre seu processo de enlouquecimento na década de 1960, e depois se formou na Harvard Medical School, promoveu uma mostra das suas aquarelas em Milton, Massachusetts, neste verão. Um repórter lhe perguntou como havia sido crescer filho de um pai famoso.

— Quando eu estava crescendo — respondeu Mark — meu pai era um vendedor de carros que não conseguiu emprego de professor na Cape Cod Junior College.


SAAB CAPE COD
RTE. 6A, W. BARNSTABLE, MASS.
FOrest 2-6161, 2-3072
KURT VONNEGUT, Manager
SALES, PARTS, SERVICE FOR THE SWEDISH SAAB AUTOMOBILE

5

Ainda penso em escrever contos de vez em quando, como se isso fosse gerar dinheiro. É difícil livrar-se desse hábito. Costumava haver uma fama passageira na atividade, também. Houve uma época em que pessoas altamente letradas conversavam com entusiasmo sobre um conto de Ray Bradbury, J. D. Salinger, John Cheever, John Collier, John O'Hara, Shirley Jackson, Flannery O'Connor ou de quem quer que fosse, que havia saído numa revista nos últimos dias.

Isso não acontece mais.

O que faço agora com as ideias para contos é esboçá-las, creditá-las a Kilgore Trout e inseri-las num romance. Eis o início de mais um conto extraído da carcaça de *Timequake I* e intitulado "As irmãs B-36": "No planeta matriarcal Bubu, na Nebulosa de Câncer, havia três irmãs cujo sobrenome era B-36. Só podia ser uma coincidência o fato de sua família ter o mesmo nome de um avião terráqueo, projetado para largar bombas sobre populações civis com lideranças corruptas. A Terra e Bubu estavam distantes demais um do outro para um dia conseguirem se comunicar."

Outra coincidência: a linguagem escrita de Bubu era semelhante ao inglês na Terra, visto que consistia em agrupamentos idiossincráticos, ao longo de linhas horizontais, de vinte e seis símbolos fonéticos, dez números e cerca de oito sinais de pontuação.

Todas as três irmãs eram lindas, segundo dizia a história de Trout, mas só duas delas faziam sucesso: uma, que pintava quadros, e a outra que escrevia contos. Ninguém suportava a terceira, que era cientista. Ela era tão *chata*! Só sabia falar de termodinâmica e era invejosa. Sua ambição secreta era fazer com que suas duas irmãs artistas se sentissem, para usar uma das expressões preferidas de Trout, “como algo que o gato arrastou para dentro de casa”.

Trout disse que os bubuláqueos figuravam entre as criaturas mais adaptáveis naquela família de galáxias. Isso em virtude dos seus cérebros grandes e admiráveis que podiam ser programados para fazer ou não fazer, para sentir ou não sentir praticamente qualquer coisa. É só dizer!

A programação não era feita por meio de cirurgia ou eletricidade, nem por qualquer outro tipo de intervenção neurológica. Ela era realizada *socialmente,* com nada a não ser conversa, conversa, conversa. Os adultos costumavam falar aos pequenos bubuláqueos em termos favoráveis sobre sentimentos e atos supostamente convenientes e desejáveis. Os cérebros dos jovens reagiam com o desenvolvimento de circuitos que tornavam automáticos o comportamento e os prazeres civilizados.

Parecia ser uma boa ideia, por exemplo, quando não estava acontecendo nada de importante, que os bubuláqueos se empolgassem beneficamente com estímulos mínimos, tais como agrupamentos idiossincráticos, ao longo de linhas horizontais, de vinte e seis símbolos fonéticos, dez números e cerca de oito sinais de pontuação ou manchas de pigmentos dispostas em superfícies planas emolduradas.

Quando um pequeno bubuláqueo estava lendo um livro, um adulto poderia interromper para dizer, dependendo do que estivesse acontecendo na história: “Não é triste? O belo cachorrinho da menina acabou de ser atropelado pelo caminhão do lixo. Isso não dá vontade de chorar?” Ou o adulto poderia comentar, acerca de uma história de um tipo muito diferente: “Não é engraçado? Quando aquele velho rico e cheio de si pisou na casca de *nim-nim* e caiu num bueiro aberto, você quase não estourou de tanto rir?”

Em Bubu, uma *nim-nim* era uma fruta parecida com a banana.

Um bubuláqueo imaturo que fosse levado a uma galeria de arte poderia ser alvo de perguntas sobre um certo quadro: se a mulher no quadro estava sorrindo ou não. Será que ela não poderia estar triste com alguma coisa, e ainda conseguia passar aquela impressão? Será que era casada? Será que tinha um filho? Que era uma boa mãe? Para onde ele achava que ela iria depois? Será que queria ir?

Se houvesse um prato de frutas no quadro, um adulto poderia perguntar se aquelas *nim-nims* não lhe pareciam boas o suficiente para comer. Que delícia!

Esses exemplos de pedagogia bubuláquea não são meus. São de Kilgore Trout.

E assim, os cérebros da maioria, mas não exatamente da totalidade, dos bubuláqueos eram levados a desenvolver circuitos, microchips, se preferirem, que na Terra seriam chamados de *imaginação.* É, era precisamente porque uma grande maioria de bubuláqueos tinha imaginação que duas das irmãs B-36, a escritora de contos e a pintora, eram tão amadas.

A irmã malvada tinha imaginação também, mas não no campo da apreciação da arte. Ela se recusava a ler livros ou a frequentar galerias de arte. Quando era pequena, passava cada minuto livre no jardim de um hospício vizinho à sua casa. Acreditava-se que os doidos no jardim fossem inofensivos. Portanto, o fato de ela lhes fazer companhia era considerado uma atividade de uma compaixão elogiável. Só que os malucos lhe ensinaram termodinâmica, cálculo e assim por diante.

Quando a irmã malvada era jovem, ela e os malucos elaboraram projetos de câmeras, transmissores e receptores de televisão. E então ela conseguiu dinheiro com a mãe, que era muito rica, para fabricar e comercializar esses aparelhos satânicos, que tornaram supérflua a imaginação. Eles conquistaram a popularidade imediatamente, porque os programas eram muito bonitos e não exigiam raciocínio.

Ela ganhou muito dinheiro, mas o que realmente lhe dava prazer era ver que as duas irmãs estavam começando a se sentir como alguma coisa que o gato arrastou para dentro de casa. Os jovens bubuláqueos não viam mais sentido em desenvolver sua imaginação, já que tudo que precisavam fazer era ligar um botão e ver todo tipo de lixo empolgante. Eles olhavam para uma página impressa ou para um quadro e se perguntavam como é que alguém poderia ter extraído tanto prazer de olhar para coisas tão simples e sem vida.

O nome da irmã malvada era Nim-nim. Quando seus pais lhe deram esse nome, não faziam a menor ideia de como ela viria a ser desprovida de doçura. E a televisão não era nem a metade! Ela continuava tão rejeitada quanto sempre porque ainda era tão chata quanto sempre. Por isso, inventou automóveis, computadores, arame farpado, lança-chamas, minas, metralhadoras e assim por diante. Só para mostrar como era revoltada.

Novas gerações de bubuláqueos foram crescendo sem imaginação. Seu apetite por diversões que lhes amenizassem o tédio era perfeitamente satisfeito por todo o lixo que Nim-nim lhes vendia. Por que não? Que importa?

Sem a imaginação, entretanto, os bubuláqueos não conseguiam fazer o que seus antepassados conseguiam, que era ler histórias interessantes e animadoras nos rostos uns dos outros. Por isso, de acordo com Kilgore Trout: “Os bubuláqueos passaram a figurar entre as criaturas mais cruéis daquela família de galáxias.”

6

Trout disse na mariscada em 2001 que a vida era inegavelmente absurda. “No entanto, nossos cérebros têm capacidade suficiente para permitir que nos adaptemos aos escorregões e palhaçadas”, prosseguiu ele, “através de revelações criadas pelo homem como esta aqui.” Estava falando da mariscada numa praia sob um céu estrelado. “Se isso não é bom, o que então será?”

Declarou que o milho verde, cozido no vapor de algas com lagostas e mariscos, estava *divino.* E acrescentou: “E as senhoras não estão parecendo *anjos* nesta noite?” Ele estava se banqueteando com o milho cozido e as mulheres enquanto *ideias.* Era-lhe impossível comer o milho porque a parte superior da sua dentadura estava frouxa. Seus relacionamentos a longo prazo com as mulheres haviam sido desastrosos. Na única história de amor que chegou a tentar compor, “Beije-me mais uma vez”, ele escreveu: “Não há como uma mulher linda possa viver à altura da promessa da sua aparência por um período minimamente razoável.”

A moral no final do conto é a seguinte: “Os homens são uns canalhas. As mulheres, psicóticas.”

Da maior importância entre as revelações criadas pelo homem foram para mim as peças de teatro. Trout as chamava de “temores de tempo artificiais”. “Antes que os terráqueos soubessem que havia na Natureza fenômenos como os temores de tempo, eles as inventaram”, disse ele. E é verdade. Os atores sabem tudo o que vão dizer e fazer, e como tudo vai terminar, de bom ou de mau, no momento em que a cortina sobe na Primeira Cena do Primeiro Ato. Entretanto, eles não têm outra opção a não ser a de se comportar como se o futuro fosse um mistério.

Isso mesmo, e quando o tremor de tempo de 2001 nos lançou de volta a 1991, ele transformou dez anos do nosso passado em dez anos do nosso futuro, de tal modo que pudemos nos lembrar de tudo que tínhamos de dizer e fazer de novo quando chegasse a hora.

Tenham em mente no momento em que se iniciar a nova reprise depois do próximo tremor de tempo: *O espetáculo não pode parar!*

O tremor de tempo artificial que mais me comoveu neste ano é antigo. Trata-se de *Our Town* do falecido Thornton Wilder. Eu já havia assistido a representações da peça talvez cinco ou seis vezes sem que isso reduzisse meu prazer. E então na primavera passada, minha filha de treze anos, minha querida Lily, foi escalada para ser um morto falante no cemitério de Grover's Corners numa produção escolar dessa obra-prima inocente e sentimental.

A peça transportou Lily e seus colegas da noite da apresentação de volta ao dia 7 de maio de 1901! Tremor de tempo! Eles foram robôs do passado imaginário de Thornton Wilder até o momento em que a cortina descesse, após o funeral da heroína Emily, na última cena. Só então poderiam voltar a viver em 1996. Só então poderiam voltar a decidir sozinhos o que dizer ou fazer em seguida. Só então poderiam voltar a exercer o livre-arbítrio.

Nessa noite, refleti com tristeza, enquanto Lily fingia ser um adulto morto, que eu estaria com setenta e oito anos quando ela se formasse no segundo grau e oitenta e dois, quando se formasse na faculdade, e assim por diante. Lembrando do futuro!

No entanto, o que realmente mexeu comigo foi a despedida do personagem Emily na última cena, quando os convidados já desceram o morro na direção do vilarejo, depois de enterrá-la. Ela diz: "Adeus, adeus, mundo. Adeus, Grover's Corners... Mamãe e papai. Adeus, relógios e seus tique-taques... e adeus, girassóis de mamãe. Adeus, comida e café. E vestidos recém-passados, banhos quentes de banheira... dormir e acordar. Ah, terra, você é maravilhosa demais para que alguém se dê conta disso.

"Será que algum ser humano tem plena consciência da vida enquanto a vive? A cada minuto?"

Eu mesmo me torno uma espécie de Emily cada vez que ouço essa fala. Ainda não morri, mas existe um lugar, aparentemente tão seguro e simples, tão cognoscível e aceitável quanto Grover's Corners na virada do século, com relógios a tiquetaquear, papai e mamãe, banhos quentes, roupas recém-passadas e tudo o mais, do qual já me despedi há muito tempo mesmo.

Eis o que ele era: os primeiros sete anos da minha vida, antes que a merda batesse no ventilador, primeiro a Depressão e em seguida a Segunda Guerra Mundial.

Dizem que, quando se envelhece, a primeira coisa que se perde ou são as pernas ou é a visão. Não é verdade. O que se perde primeiro é a capacidade de estacionar numa vaga ao longo do meio-fio.

Agora eu me flagro divagando sobre cenas de peças que quase ninguém conhece mais ou às quais quase ninguém dá importância, como por exemplo a cena do cemitério em *Our Town,* a partida de pôquer em *Um bonde chamado desejo* de Tennessee Williams ou o que a mulher de Willy Loman disse depois que este americano tragicamente vulgar, inabilmente heroico, cometeu suicídio na *Morte de um caixeiro-viajante* de Arthur Miller.

"É preciso prestar atenção", disse ela.

Em *Um bonde chamado desejo,* Blanche DuBois declarou quando estava sendo levada para um hospício, depois de ser estuprada pelo marido da irmã: "Sempre dependi da gentileza de desconhecidos."

Essas falas, essas situações, essas pessoas passaram a ser pontos de referência emocionais e éticos para mim no início da minha maturidade, e continuam sendo no verão de 1996. Isto porque eu estava imobilizado numa congregação de seres humanos enlevados num teatro quando as vi e ouvi pela primeira vez.

Não teriam deixado em mim nenhuma impressão mais forte do que o futebol de segunda à noite, se eu estivesse sentado comendo salgadinhos com os olhos fixos num tubo de raios catódicos.

Nos primeiros dias da televisão, quando havia apenas meia dúzia de canais no máximo, peças dramáticas significativas e bem escritas vistas através de um tubo de raios catódicos ainda conseguiam fazer com que nos sentíssemos membros de uma plateia atenta, por mais que estivéssemos sozinhos em casa. Naquela época, havia uma alta probabilidade, com tão poucos programas entre os quais escolher, de que amigos e vizinhos estivessem assistindo ao mesmo programa que nós, ainda considerando a televisão um milagre espantoso.

Poderíamos até ligar para um amigo naquela mesma noite e fazer uma pergunta cuja resposta já sabíamos: “Você viu *aquilo*? Uau!”

Isso não acontece mais.

7

Eu não teria perdido a Depressão, ou minha parte na Segunda Guerra Mundial, por nada. Trout afirmou, durante a mariscada, que nossa guerra viveria para sempre no mundo do show-biz, como outras guerras não sobreviveriam, graças aos uniformes dos nazistas.

Ele teceu comentários desfavoráveis acerca dos trajes de camuflagem que nossos próprios generais usam hoje em dia na televisão ao descreverem como arrasamos algum país do Terceiro Mundo por causa do petróleo.

— Não consigo imaginar — disse ele — nenhuma parte do mundo na qual pijamas tão vistosos pudessem tornar um soldado menos visível em vez de mais visível. É evidente que estamos nos preparando para lutar a Terceira Guerra Mundial no meio de uma imensa omelete à espanhola.

Trout me perguntou que parentes meus haviam sido feridos em guerras. Ao que eu soubesse, apenas um. Esse era meu bisavô, Peter Lieber, um imigrante que se tornou cervejeiro em Indianápolis depois de ser ferido na perna durante nossa Guerra de Secessão. Ele era um livre-pensador, o que quer dizer que era cético quanto às crenças religiosas convencionais, como haviam sido Voltaire, Thomas Jefferson, Benjamin Franklin e muitos outros. E como seríamos Kilgore Trout e eu.

Contei a Trout que o comandante da companhia anglo-americana de Peter Lieber deu a seus homens, todos livres-pensadores da Alemanha, trechos religiosos cristãos para que se inspirassem. Trout retribuiu, me transmitindo sua própria revisão do Livro do Gênese.

Felizmente, eu estava com um gravador, que liguei.

— Por favor, pare de comer e preste atenção — disse ele. — Isso é importante. — Ele fez uma pausa para apertar a parte superior da sua dentadura contra o céu da boca, com o polegar da mão esquerda. Ela costumava sair do lugar a cada dois minutos aproximadamente. Ele era canhoto, como eu era até meus pais me forçarem a usar a mão direita. E como são minhas filhas Edith e Lily ou, como as chamamos carinhosamente, Edie Bucket e Lolly-boo.

— No princípio, não havia absolutamente nada, e eu quero dizer *nada.* Só que o nada pressupõe alguma coisa, da mesma forma que para cima pressupõe para baixo, doce pressupõe azedo, homem, mulher, bêbado, sóbrio e alegria, tristeza. Detesto dizer-lhes isso, caros amigos e vizinhos, mas somos apenas minúsculas deduções de uma enorme dedução. E, se não estão gostando das coisas por aqui, por que não voltam para o lugar de onde vieram?

— O primeiro algo a ser deduzido de todo aquele absolutamente nada foi na verdade dois algos, ou seja Deus e Satanás. Deus era homem. Satanás, mulher. Um pressupunha o outro e, portanto, eram pares na estrutura emergente de poder, estrutura esta que por si própria não era nada além de dedução. O poder era pressuposto pela fraqueza.

— Deus criou o céu e a terra — prosseguiu o velho escritor de ficção científica, há muito tempo sem nada publicado. — E a terra era amorfa e vazia, e as trevas cobriam a face das profundezas. E o espírito de Deus passou pela superfície das águas. Satanás poderia ter feito isso sozinha, mas achava tolice fazer por fazer. Qual era o objetivo? A princípio, ela não disse nada.

— Satanás começou a se preocupar com Deus quando Ele disse “Que se faça a Luz”, e a luz se fez. Ela teve de se perguntar: “O que é que Ele pensa que está fazendo? Até onde será que pretende ir? E será que espera que eu O ajude a cuidar de toda essa maluquice?”

— E foi então que a merda realmente bateu no ventilador. Deus fez o homem e a mulher, lindas miniaturinhas d'Ele e dela, e lhes deu liberdade para ver no que poderiam acabar se transformando. O Jardim do Éden poderia ser considerado o protótipo para o Coliseu e os jogos romanos.

— Satanás — disse Trout — não podia desfazer nada que Deus houvesse feito mas, pelo menos, podia tentar tornar a existência menos dolorosa para seus brinquedinhos. Ela percebia o que Ele não conseguia ver: que estar vivo era estar entediado ou estar morrendo de medo. Por isso, encheu uma maçã com todo tipo de ideias que poderiam ao menos amenizar o tédio, como, por exemplo, regras para jogos de cartas e dados, trepar, receitas de cerveja, vinho e uísque, figuras de plantas diferentes que podiam ser fumadas e assim por diante. Além de instruções sobre como criar música, cantar e dançar de uma forma realmente louca, realmente sexy. E ainda como blasfemar quando se dava uma topada no dedão do pé.

— Satanás fez com que uma serpente entregasse a Eva a maçã. Eva deu uma mordida e a passou para Adão. Adão deu uma mordida e então os dois treparam.

— Devo admitir — disse Trout — que algumas das ideias na maçã provocaram efeitos colaterais catastróficos numa minoria dos que as experimentaram. — Que fique claro aqui que o próprio Trout não era alcoólatra, não se drogava, não jogava nem era louco por sexo. Ele só escrevia.

— Tudo o que Satanás queria era ajudar, e em muitos casos ela conseguiu — concluiu ele. — E suas estatísticas por promover panaceias com efeitos colaterais eventualmente horrendos não são piores do que as dos laboratórios farmacêuticos mais respeitados dos nossos tempos.

8

Os efeitos colaterais das receitas de bebidas de Satanás exerceram um papel prejudicial na vida e na morte de muitos escritores norte-americanos célebres. Em *Timequake I,* imaginei um retiro de escritores chamado Xanadu, no qual cada uma das quatro suítes para convidados tinha o nome de um norte-americano agraciado com o prêmio Nobel de Literatura. As suítes Ernest Hemingway e Eugene O'Neill ficavam no segundo andar da mansão. A Sinclair Lewis, no terceiro. A John Steinbeck, no galpão.

Kilgore Trout exclamou ao chegar a Xanadu, duas semanas depois do retorno repentino do livre-arbítrio.

— Todos os quatro dos seus heróis da literatura eram alcoólatras comprovados!

O jogo foi a mina de William Saroyan. Uma combinação de bebida e jogo acabou com o jornalista Alvin Davis, saudosíssimo amigo meu. Perguntei a Al uma vez qual era a maior emoção que extraía dos jogos de azar. Ele disse que ela surgia depois que ele havia perdido todo o dinheiro num jogo de pôquer de varar a noite.

Algumas horas mais tarde, ele voltava com dinheiro que havia obtido onde quer que conseguisse, com um amigo, com a penhora de algum objeto, com um agiota. Sentava-se, então, à mesa e dizia: "Podem me incluir no jogo."

O falecido filósofo britânico Bertrand Russell dizia que perdera amigos a um de três vícios: a bebida, a religião ou o xadrez. Kilgore Trout tinha a compulsão de criar agrupamentos idiossincráticos, ao longo de linhas horizontais, com tinta preta sobre polpa de madeira prensada e alvejada, de vinte e seis símbolos fonéticos, dez números e cerca de oito sinais de pontuação. Ele era um buraco negro para qualquer um que porventura imaginasse ser seu amigo ou amiga.

Fui casado duas vezes e me divorciei uma. Minhas mulheres, tanto Jane quanto Jill agora, chegaram a dizer que sou muito parecido com Trout sob esse aspecto.

Minha mãe era viciada na riqueza, em ter criados e crédito ilimitado, em oferecer jantares suntuosos, em fazer frequentes viagens de primeira classe para a Europa. Portanto, seria possível dizer que ela foi atormentada pela síndrome da abstinência durante toda a Depressão.

Ela foi *aculturada*!

As pessoas aculturadas são aquelas que descobrem que não são mais tratadas como o tipo de pessoa que achavam que eram, porque o mundo lá fora mudou. Uma catástrofe econômica ou uma nova tecnologia, a conquista por parte de outro país ou a derrota por outra facção política podem fazer isso com as pessoas num piscar de olhos.

Como escreveu Trout no seu conto “Uma família americana isolada no planeta Plutão”: “Nada destrói com tanta eficácia qualquer tipo de amor do que descobrir que seu comportamento anteriormente aceitável se tornou ridículo.”

— Se eu não tivesse aprendido a viver sem uma cultura e sem uma sociedade, a aculturação teria arrasado meu coração milhares de vezes — disse ele na mariscada em 2001.

Em *Timequake I,* fiz com que Trout jogasse seu “As irmãs B-36” numa lata de lixo de arame sem tampa acorrentada a um hidrante diante da Academia Americana de Letras e Artes, lá no fim de mundo da West 155th Street em Manhattan, duas portas a oeste da Broadway. Isso foi na tarde da véspera de Natal no ano 2000, supostamente cinquenta e um dias antes que o tremor de tempo lançasse tudo e todos de volta a 1991.

Eu disse que os membros da Academia, que eram viciados em criar arte antiquada por meios antiquados, sem computadores, estavam passando por uma aculturação. Eram como as duas irmãs artistas no planeta matriarcal de Bubu na Nebulosa de Câncer.

Existe de fato uma Academia Americana de Letras e Artes. Suas instalações palacianas ficam onde as coloquei em *Timequake I.* Existe de fato um hidrante lá fora, na frente. E há mesmo uma biblioteca ali dentro, além de uma galeria de arte, salões de recepção, salas de reunião, escritórios para a administração e um auditório bastante imponente.

De acordo com uma decisão do Congresso aprovada em 1916, a Academia não pode ter mais de 250 membros, cidadãos norte-americanos, todos que se tenham distinguido como romancistas, dramaturgos, poetas, historiadores, ensaístas, críticos, compositores, arquitetos, pintores ou escultores. Seu contingente costuma ser reduzido com regularidade pela ação da Ceifadora Implacável, a Morte. Uma das tarefas dos sobreviventes consiste em indicar e depois, por voto secreto, eleger pessoas para preencher as vagas.

Entre os fundadores da Academia estavam escritores antiquados, tais como Henry Adams, William e Henry James e Samuel Clemens, assim como o antiquado compositor, Edward MacDowell. Suas plateias eram necessariamente restritas. Seus próprios cérebros eram tudo de que dispunham para trabalhar.

Eu disse, em *Timequake I,* que antes do ano 2000 artesãos dessa natureza já seriam velharias tão exóticas, na opinião do público em geral, “quanto os fabricantes contemporâneos da Nova Inglaterra dos moinhos de brinquedo que conhecemos desde os tempos coloniais como *cataventos*”.

9

Os fundadores da Academia na virada do século eram contemporâneos de Thomas Alva Edison, inventor, entre outras coisas, das gravações de som e dos filmes. Antes da Segunda Guerra Mundial, porém, essas técnicas para atrair a atenção de milhões de pessoas no mundo inteiro não passavam de caricaturas estridentes ou tremidas da própria vida.

A Academia ocupou seu prédio atual, projetado pela empresa de McKim, Mead & White e financiado pelo filantropo Archer Milton Huntington em 1923. Naquele ano, o inventor norte-americano Lee De Forest fez uma demonstração de um aparelho que tornava possível acrescentar o som aos filmes.

Incluí em *Timequake I* uma cena ambientada no escritório de Monica Pepper, fictícia secretária executiva da Academia, na véspera do Natal do ano 2000. Isso foi na tarde em que Kilgore Trout pôs “As irmãs B-36” na lata de lixo de arame sem tampa lá na frente, mais uma vez, cinquenta e um dias antes de o tremor de tempo ocorrer.

A Sra. Pepper, mulher do compositor Zoltan Pepper, agora preso a uma cadeira de rodas, apresentava uma espantosa semelhança com minha falecida irmã Allie, que odiava tanto a vida. Allie morreu de câncer de tudo lá pelos idos de 1958, quando eu estava com trinta e seis anos e ela, com quarenta e um, perseguida até os momentos finais por cobradores. As duas eram louras e bonitas, o que não era problema. Mas tinham um metro e oitenta e cinco de altura! As duas haviam sido permanentemente aculturadas na adolescência, já que em nenhuma parte do planeta, a não ser entre os watusis, fazia sentido uma mulher ser tão alta assim.

As duas não tiveram sorte. Allie casou-se com um cara simpático que perdeu todo o seu dinheiro e mais um pouco em negócios bobos. Monica Pepper era o motivo pelo qual o marido, Zoltan, estava paralisado da cintura para baixo. Dois anos antes, ela havia caído acidentalmente em cima dele numa piscina em Aspen, Colorado. Allie pelo menos teve de morrer tão endividada, e com quatro filhos para criar, apenas uma vez. Depois do tremor de tempo, Monica Pepper teria de dar um salto ornamental para cair em cima do marido uma segunda vez.

Monica e Zoltan estavam conversando no escritório dela na Academia naquela véspera de Natal do ano 2000. Zoltan ria e chorava ao mesmo tempo. Os dois eram da mesma idade, quarenta anos, o que significava que eram da geração pós-guerra. Não tinham filhos. Por causa da mulher, seu dim-dom não funcionava mais. Zoltan ria e chorava por esse motivo, sem dúvida, mas principalmente por causa de um menino desafinado da vizinhança, que havia composto e orquestrado um quarteto para cordas aceitável, embora pouco original, à maneira de Beethoven, com a ajuda de um novo programa de computador chamado Wolfgang.

O pai do menino insuportável não se contentou enquanto não mostrou a Zoltan a partitura que a impressora do filho cuspiu naquele dia de manhã e lhe perguntou se tinha algum valor.

Como se Zoltan já não estivesse suficientemente desequilibrado emocionalmente por causa das pernas e do dim-dom que não funcionavam mais, seu irmão mais velho, Frank, um arquiteto, havia cometido suicídio depois de um golpe quase idêntico ao seu amor-próprio apenas um mês antes. É, e Frank Pepper acabaria sendo ejetado da cova pelo tremor de tempo, para poder estourar os miolos novamente, enquanto sua mulher e seus três filhos ficavam olhando.

Foi esta a história: Frank foi à drogaria para comprar camisinhas, chicletes ou sei lá o quê, e o farmacêutico lhe disse que sua filha de dezesseis anos era agora arquiteta e estava pensando em largar a escola de segundo grau por ser um tamanho desperdício de tempo. Ela havia projetado um centro recreativo para adolescentes em vizinhanças carentes, com o auxílio de um novo programa de computador que a escola havia comprado para seus alunos de cursos técnicos, palermas que não conseguiriam concluir um curso superior. Chamava-se Palladio.

Frank foi a uma loja de informática e perguntou se poderia experimentar o Palladio antes de comprá-lo. Duvidava muito que ele pudesse ser útil para qualquer pessoa com seu talento inato e sua formação. Por isso, bem ali na loja mesmo, e num período de não mais do que meia hora, o Palladio lhe deu o que ele havia pedido: plantas detalhadas que permitiriam a um empreiteiro construir um edifício-garagem de três andares no estilo de Thomas Jefferson.

Frank havia feito a especificação mais louca que lhe ocorreu, confiante de que o Palladio lhe diria para procurar ajuda em outro lugar. Não foi o que o programa fez! Ele lhe apresentou um menu após o outro, perguntando quantos carros, em que cidade, se, em virtude da variedade dos regulamentos municipais, os caminhões também poderiam utilizá-lo e assim por diante. Chegou a perguntar por prédios na vizinhança e se a arquitetura jeffersoniana estaria em harmonia com eles. E oferecia plantas alternativas no estilo de Michael Graves ou I. M. Pei.

O programa lhe deu plantas para tubulações hidráulicas e rede elétrica, assim como estimativas aproximadas de qual seria o custo da obra em qualquer parte do mundo que ele desejasse indicar.

Por isso, Frank foi para casa e se matou pela primeira vez.

Entre lágrimas e risos ali no escritório da mulher na Academia na primeira das duas vésperas de Natal do ano 2000, Zoltan Pepper disse à sua mulher bonita porém desajeitada: “Costumava-se dizer de um homem que sofresse um revés catastrófico no trabalho que lhe haviam entregado a própria cabeça numa bandeja. Agora estão nos entregando nossas cabeças com *pinças.*”

Estava se referindo, naturalmente, aos microchips.

10

Allie morreu em Nova Jersey. Ela e o marido, Jim, também nascido em Indiana, estão enterrados, inteiros, no cemitério de Crown Hill em Indianápolis. Também está ali James Whitcomb Riley, o *Poeta de Indiana,* um alcoólatra que nunca se casou. Assim como John Dillinger, o querido ladrão de bancos da década de 1930. Além de nossos pais, Kurt e Edith, e do irmão mais novo de papai, Alex Vonnegut, o vendedor de seguros de vida formado em Harvard que dizia, sempre que a vida ia bem: “Se isso não é bom, o que então será?” Também ali estão duas gerações anteriores de antepassados dos nossos pais: um cervejeiro, um arquiteto, comerciantes e músicos, além das esposas, naturalmente.

Lotação esgotada!

John Dillinger, um trabalhador rural, uma vez fugiu da cadeia brandindo uma pistola de madeira que havia esculpido de uma aduela quebrada de uma tina. Ele a escureceu com graxa de sapatos! Era tão *divertido*! Enquanto estava em fuga, roubando bancos e desaparecendo no mato, Dillinger escreveu a Henry Ford uma carta de fã. Nela agradecia ao velho antissemita por fabricar carros de fuga tão velozes e ágeis.

Naquela época era possível escapar da polícia se o fugitivo fosse um motorista melhor com um carro melhor. E venham falar em *jogo limpo*! Venham falar do que dizemos que queremos para todos nos Estados Unidos: *igualdade de oportunidades*! E ele só roubava dos ricos e dos fortes, bancos com guardas armados, e *em pessoa.*

Dillinger não era um fraudador matreiro, com sorrisos afetados. Era um *atleta.*

Na busca furiosa pela literatura subversiva nas estantes das nossas escolas públicas, que jamais terá fim, as duas histórias mais subversivas de todas permanecem incólumes, totalmente acima de qualquer suspeita. Uma é a história de Robin Hood. Por menos instrução que John Dillinger tivesse, essa sem dúvida foi sua inspiração: um projeto *respeitável* para o que um homem de verdade poderia *fazer* da sua vida.

Naquela época, as cabeças de crianças em lares norte-americanos intelectualmente humildes não eram saturadas de inúmeras histórias da televisão. Elas ouviam ou liam apenas algumas histórias e, por isso, conseguiam se lembrar delas e talvez aprender alguma coisa com elas. Em qualquer ponto do mundo em que o inglês fosse a língua dominante, uma dessas histórias era *Cinderela.* Outra era *O patinho feio.* Ainda outra era a história de *Robin Hood.*

E mais uma, tão desrespeitosa da autoridade estabelecida quanto a história de Robin Hood, o que *Cinderela* e *O patinho feio* não são, é a vida de Jesus Cristo, como está descrita no Novo Testamento.

Sob ordens de J. Edgar Hoover, o diretor solteiro e homossexual do FBI, agentes especiais mataram Dillinger a tiros, simplesmente o executaram quando ele saía de um cinema com uma namorada. Ele não sacou uma arma, não se jogou ao chão, não investiu contra eles nem procurou fugir correndo. Seu estado era semelhante ao de qualquer um de nós que sai para o mundo real depois de um filme, um despertar do encantamento. Ele foi morto porque havia feito os agentes especiais, todos os quais naquela época usavam chapéus “diplomata”, parecerem bobalhões, desprovidos das faculdades mentais.

Isso foi em 1934. Eu estava com onze anos. Allie, com dezesseis. Ela chorou e se descabelou. E nós dois praguejamos contra a namorada no cinema. Aquela *vagabunda,* e não havia outra forma de chamá-la, avisou aos policiais federais onde Dillinger estaria naquela noite. Disse que usaria um vestido laranja. O gajo indefinível ao seu lado quando ela saísse seria o homem que o diretor gay do FBI havia tachado de Inimigo Público Número Um.

Ela era húngara. Como diz o velho ditado: “Quem tem um amigo húngaro não precisa de inimigos.”

Mais tarde, Allie fez com que tirassem uma fotografia sua com a grande lápide de Dillinger no Crown Hill, não muito longe da cerca de West Thirty-eighth Street. Eu mesmo me deparei com ela de vez em quando, enquanto atirava em corvos com uma espingarda calibre 22 semiautomática que nosso pai, fanático por armas, me deu de presente de aniversário. Naquela época, os corvos eram classificados como inimigos da humanidade. Se lhes déssemos a menor chance, eles comeriam nosso milho.

Um garoto que eu conheci matou uma águia dourada. Era de se ver a envergadura das asas!

Allie detestava tanto a caça que parei de caçar, e papai fez o mesmo. Como escrevi em algum outro lugar, ele se havia tornado caçador e fanático por armas para provar que não era afeminado, muito embora estivesse ligado às artes: arquiteto, pintor e ceramista. Em palestras públicas, eu mesmo costumo dizer: “Se você quiser realmente magoar seus pais e não tiver coragem suficiente para ser homossexual, o mínimo que pode fazer é se dedicar às artes.”

Papai supôs que ainda pudesse demonstrar sua masculinidade pescando. Mas meu irmão Bernie estragou também essa atividade para ele, dizendo que era como se ele estivesse destroçando relógios suíços, ou algum outro pequeno mecanismo de engenharia delicada.

Contei a Kilgore Trout na mariscada em 2001 a história de como meu irmão e minha irmã haviam deixado papai envergonhado de caçar e pescar. Ele citou Shakespeare: “Como dói mais do que a picada da serpente ter um filho ingrato!”

Trout era um autodidata, nunca tendo terminado o segundo grau. Fiquei, portanto, ligeiramente surpreso por ele poder citar Shakespeare. Perguntei-lhe se ele havia decorado grande quantidade das palavras daquele admirável autor. Ele respondeu: “Decorei, caro colega, incluindo-se uma única frase que descreve a vida como é vivida pelos seres humanos, com tanta perfeição que, depois dele, nenhum escritor precisaria ter escrito mais uma palavra que fosse.”

Perguntei-lhe que frase era essa.

— “O mundo inteiro é um palco, e todos os homens e mulheres são meros atores.”

11

Escrevi uma carta a um velho amigo na primavera passada sobre o motivo pelo qual eu evidentemente não podia mais escrever ficção que fosse publicável, depois de passar muitos anos tentando em vão. Ele é Edward Muir, poeta e publicitário da minha idade, que mora em Scarsdale. No meu romance *Cama de gato,* digo que qualquer pessoa cuja vida, sem qualquer razão aparente, não para de se enredar com a nossa é porque ela deve fazer parte do mesmo *karass,* uma equipe que Deus formou para fazer alguma coisa por Ele. Ed Muir sem dúvida faz parte do meu *karass.*

Prestem atenção: quando eu estava na Universidade de Chicago depois da Segunda Guerra Mundial, Ed estudava lá, muito embora não nos conhecêssemos. Quando fui para Schenectady, Nova York, para trabalhar em publicidade para a General Electric Company, Ed foi para lá para ser professor na Union College. Quando saí da GE e me mudei para Cape Cod, ele apareceu por lá como recrutador para o programa Great Books. Afinal, nós nos conhecemos e, a serviço de Deus ou não, minha primeira mulher e eu nos tornamos líderes de um grupo do Great Books.

E, quando ele aceitou um emprego de publicitário em Boston, eu fiz o mesmo, sem saber da sua decisão. Quando o primeiro casamento de Ed se desfez, o mesmo aconteceu com o meu, e agora nós dois estamos em Nova York. O que quero dizer, porém, é o seguinte: quando lhe enviei uma carta falando do meu bloqueio de escritor, ele lhe deu a aparência de um poema e a devolveu.

Descartou minha saudação e as primeiras linhas, que elogiavam o *Reader's Block* de David Markson, que havia sido seu aluno na Union College. Eu dizia que David não tinha por que agradecer ao Destino por deixá-lo escrever um livro tão bom numa época em que grande número de pessoas não consegue mais se empolgar com um romance, por melhor que ele seja. Algo nesse sentido. Não tenho uma cópia da minha carta como prosa. Como poema, no entanto, esta é sua forma:

E nada a agradecer ao Destino.
Quando nos formos, não haverá ninguém
Suficientemente atraído pela tinta no papel
Para perceber como é bom.

Sofro de uma aflição não muito diferente da
Pneumonia ambulatorial, que poderia ser chamada de
Bloqueio de escritor ambulatorial.

Cubro o papel com palavras todos os dias,
Mas as histórias nunca vão a nenhum lugar
Que eu considere que valha a pena.

Matadouro 5 *foi transformado*
Em ópera por um jovem alemão,
E terá sua première em Munique em junho.
Lá também não pretendo ir.
Não estou interessado.

Agrada-me a Navalha de Occam,
Ou o Princípio de Parcimônia, que sugere
Que a explicação mais simples de um fenômeno
Seja geralmente a mais confiável.

E agora acredito, com o auxílio de David,
Que o bloqueio de escritor reside em descobrir
Como as vidas dos entes queridos realmente terminaram
Em vez de como esperávamos que terminassem
Com a ajuda do corpo da nossa língua.

A ficção é o corpo da língua.

Seja lá o que for.

Foi uma gentileza de Ed fazer isso. Outra história interessante a seu respeito é do tempo em que ele viajava como representante do Great Books. Ed é um poeta sem importância, que publica alguma coisa eventualmente em *The Atlantic Monthly* e periódicos semelhantes. No entanto, seu nome é quase idêntico ao do célebre poeta Edwin Muir, um escocês que morreu em 1959. Pessoas vagamente sofisticadas às vezes lhe perguntavam se ele era *o poeta,* querendo falar de Edwin.

Uma vez, quando Ed disse a uma mulher que ele não era *o poeta,* ela demonstrou profunda decepção. Disse que um dos seus poemas preferidos era “O poeta cobre seu filho”. Vejam só: esse poema havia sido escrito pelo Ed Muir norte-americano.

12

Eu gostaria de ter escrito *Our Town.* Gostaria de ter inventado os patins.

Perguntei a A. E. Hotchner, amigo e biógrafo do falecido Ernest Hemingway, se Hemingway havia alguma vez atirado num ser humano sem ser ele mesmo. Hotchner disse que não.

Perguntei ao grande romancista alemão, já falecido, Heinrich Böll qual era o defeito fundamental do caráter alemão. “A obediência”, disse ele.

Perguntei a um dos sobrinhos que adotei o que achava do meu jeito de dançar. “Passável”, respondeu ele.

Quando aceitei um emprego em Boston como redator de publicidade, porque estava totalmente sem dinheiro, um gerente de conta me perguntou de onde vinha o nome Vonnegut. Eu disse que era alemão. “Os alemães mataram seis milhões dos meus primos”, retrucou ele.

Querem saber por que eu não tenho AIDS, por que não sou soropositivo como tantas outras pessoas? Eu não saio trepando por aí. Só isso.

Trout disse que esta era a história de por que a AIDS e novas cepas de sífilis, gonorreia e outras doenças venéreas estavam batendo de porta em porta como vendedoras da Avon enlouquecidas. No dia 1º de setembro de 1945, imediatamente após o final da Segunda Guerra Mundial, representantes de todos os elementos químicos realizaram uma reunião no planeta Tralfamadore. Estavam ali para protestar contra o fato de alguns dos seus companheiros terem sido introduzidos nos corpos de organismos grandes, desleixados e fedorentos tão cruéis e idiotas quanto os seres humanos.

Elementos como o Polônio e o Itérbio, que jamais haviam sido partes essenciais de seres humanos, ficaram, mesmo assim, indignados com a possibilidade de que *qualquer* elemento químico sofresse tamanha violência.

O Carbono, embora veterano constrangido de inúmeros massacres ao longo da história, concentrou a atenção da reunião na execução pública de apenas um homem, acusado de traição na Inglaterra no século XV. Ele foi enforcado até quase morrer. Foi reanimado. Abriram-lhe o abdômen.

O carrasco puxou uma alça dos seus intestinos. Segurou a alça diante do rosto do homem e a queimou com um archote ali mesmo. A alça ainda estava presa às entranhas do homem. O carrasco e seus auxiliares amarraram um cavalo a cada um dos seus membros.

Chicotearam os cavalos, o que rasgou o homem em quatro partes. Esses pedaços ficaram em exibição em ganchos de carne numa feira.

Segundo Trout, antes que a reunião tivesse início, houve um acordo para que ninguém relatasse atos horríveis que seres humanos adultos tivessem cometido contra crianças. Diversos delegados ameaçaram boicotar a reunião caso se esperasse que eles ficassem sentados enquanto ouviam histórias tão repugnantes. Qual seria o sentido?

— O que os adultos fizeram com adultos não deixa nenhuma dúvida quanto à necessidade de se exterminar a espécie humana — disse Trout. — Remexer *ad nauseam* no que os adultos fizeram a crianças seria chover no molhado, por assim dizer.

O Nitrogênio chorou por sua servidão involuntária como auxiliar de guardas e médicos nazistas em campos de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. O Potássio contou histórias de arrepiar os cabelos sobre a Inquisição espanhola. O Cálcio, sobre os jogos romanos. E o Oxigênio, sobre a escravidão dos negros africanos.

O Sódio declarou que isso bastava, que qualquer outro depoimento seria levar areia para o deserto. Apresentou uma proposta para que todos os elementos químicos envolvidos em pesquisa médica se combinassem sempre que possível para criar antibióticos cada vez mais potentes. Estes, por sua vez, fariam com que os organismos nocivos desenvolvessem novas cepas que lhes fossem resistentes.

Num instante, previu o Sódio, cada afecção humana, incluindo-se a acne e a tinha da virilha, não seria apenas incurável, mas também fatal.

— Todos os seres humanos morrerão — disse o Sódio, segundo Trout. — Como eram na criação do Universo, todos os elementos voltarão a estar livres de pecado.

O Ferro e o Magnésio apoiaram a moção do Sódio. O Fósforo a submeteu a voto. A moção foi aprovada por aclamação.

13

Kilgore Trout estava bem ao lado da Academia Americana de Letras e Artes na véspera do Natal de 2000, quando Zoltan Pepper disse à mulher que agora estavam entregando as cabeças às pessoas com pinças, em vez de em bandejas. Trout não o ouvia. Havia uma grossa parede de alvenaria entre eles, enquanto o compositor paraplégico discorria sobre a aparente mania de forçar as pessoas a competir com máquinas que eram mais inteligentes do que elas.

Pepper propôs a seguinte pergunta retórica.

— Por que é tão importante que todos sejamos humilhados, com tanta engenhosidade e a um custo tão alto? Para começo de conversa, nunca achamos que fôssemos assim tão maravilhosos.

Trout estava sentado na sua cama de lona num abrigo para homens sem-teto que no passado havia sido o Museu do Índio americano. Ele, que era possivelmente o escritor de contos mais prolífico de toda a história, havia sido apanhado pela polícia numa operação de limpeza da Biblioteca Pública de Nova York, lá na esquina da Quinta Avenida com a 42nd Street. Ele e cerca de trinta outros que estavam morando lá, o que Trout chamou de “gado sagrado”, foram transportados num ônibus escolar preto e depositados no abrigo naquele fim de mundo da West 155th Street.

Cinco anos antes da chegada de Trout, o Museu do Índio havia transferido o que restava dos aborígines subjugados e dioramas de como eles viviam antes que a merda batesse no ventilador, para uma vizinhança mais segura, no centro da cidade.

Ele estava com oitenta e quatro anos agora, tendo passado mais uma vez pela data marcante de 11 de novembro. Iria morrer no Dia do Trabalho em 2001, ainda com oitenta e quatro anos. Mas, àquela altura, o tremor de tempo lhe teria dado e a todos nós a *bonificação,* se é que se pode chamar assim, inesperada de mais dez anos.

Ele escreveria sobre a reprise quando ela terminasse, em memórias que jamais concluiria, intituladas *Meus dez anos no piloto automático*: “Prestem atenção, se isso aí não é um tremor de tempo nos fazendo passar por todos os nós de todas as ramificações, é alguma outra coisa com a mesma crueldade e o mesmo poder.”

“Esse foi um homem”, disse eu em *Timequake I,* “um filho único, cujo pai, professor universitário em Northampton, Massachusetts, assassinou sua mãe quando o filho estava com apenas doze anos de idade.”

Eu disse que Trout era um vagabundo, que jogava seus contos fora em vez de oferecê-los para publicações, desde o outono de 1975. Isso foi depois que ele recebeu a notícia da morte do seu filho único, Leon, desertor do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Relatei que Leon havia sido decapitado por acaso num acidente num estaleiro na Suécia, onde havia recebido asilo político e onde trabalhava como soldador.

Contei que Trout estava com cinquenta e nove anos quando pôs o pé na estrada, para nunca mais voltar a ter sua própria casa até lhe ser oferecida, quando estava prestes a morrer, a Suíte Ernest Hemingway no retiro de escritores chamado Xanadu, em Rhode Island.

Quando chegou ao ex-Museu do Índio, que havia sido uma lembrança do genocídio mais abrangente e persistente conhecido pela história, “As irmãs B-36” como que lhe queimavam as mãos. Ele havia terminado o conto na Biblioteca Pública no centro, mas a polícia o deteve antes que pudesse se livrar da história.

Por isso, ele não tirou seu sobretudo velho da Marinha quando disse ao funcionário do abrigo que seu nome era Vincent van Gogh, e que não tinha nenhum parente vivo. Depois, voltou a sair. O frio lá fora dava para congelar os ovos de um macaco de bronze. Ele enfiou os originais na lata de lixo de arame sem tampa, que estava presa por uma corrente com cadeado a um hidrante em frente à Academia Americana de Letras e Artes.

Quando voltou para o abrigo, após uma ausência de dez minutos, o funcionário lhe perguntou por onde havia andado. “Todos nós sentimos sua falta aqui, Vince.” Ele lhe disse onde ficava sua cama. Era encostada na parede comum entre o abrigo e a Academia.

No lado da Academia, pendurado acima da escrivaninha de jacarandá de Monica Pepper, estava um quadro dos ossos descorados da cabeça de uma vaca sobre a areia do deserto, de Georgia O’Keeffe. No lado de Trout, bem acima da cabeceira da sua cama de lona, havia um cartaz recomendando que ele nunca enfiasse seu dim-dom em nada sem antes pôr uma camisinha.

Depois do tremor de tempo, depois que a reprise finalmente tivesse acabado e que o livre-arbítrio estivesse novamente em ação, Trout e Monica viriam a se conhecer. Por sinal, a mesa de trabalho de Monica havia pertencido ao romancista Henry James. Sua cadeira havia outrora pertencido ao compositor e maestro Leonard Bernstein.

Quando percebeu como sua cama estivera próxima à mesa de trabalho de Monica durante os cinquenta e um dias anteriores ao tremor de tempo, Trout fez o seguinte comentário:

— Se eu tivesse uma bazuca, poderia ter aberto um buraco na parede entre nós. Se não matasse um de nós ou os dois de uma vez, eu poderia ter lhe perguntado: “O que uma moça bonita como você está fazendo num lugar desses?”

14

Um vagabundo numa cama ao lado da de Trout no abrigo desejou-lhe Feliz Natal.

— Tlintlim! Tlintlim! — respondeu Trout.

Foi só por acaso que sua resposta foi adequada à época, numa alusão, seria possível supor-se, aos sinos do trenó de Papai Noel no alto de um telhado. Mas a verdade é que Trout teria dito “Tlintlim” a qualquer pessoa que lhe houvesse dirigido um cumprimento vazio, como, por exemplo, “Como vão as coisas?”, “Belo dia” ou fosse o que fosse, não fazendo diferença a época do ano.

Dependendo da sua expressão corporal, tom de voz e circunstâncias sociais, ele realmente poderia fazer com que significasse “E um feliz Natal para você também”. Mas também poderia querer dizer, como o *aloha* havaiano, “Olá” ou “Até logo”. O velho escritor de ficção científica poderia fazer com que esse mesmo som significasse “Por favor”, “Obrigado”, “Sim”, “Não”, “Estou plenamente de acordo com você” ou ainda “Se seu cérebro fosse dinamite, a quantidade não seria suficiente nem para explodir seu chapéu”.

Em Xanadu, no verão de 2001, perguntei-lhe como “Tlintlim” se havia tornado uma apojatura, ou ornamento, tão frequente na sua fala. Ele me deu o que mais tarde se revelaria uma explicação superficial.

— Era o que eu gritava durante a guerra — disse ele — quando uma barragem de artilharia que eu havia indicado caía exatamente no alvo: “Tlintlim! Tlintlim!”

Cerca de uma hora depois, e isso foi na tarde que precedeu à mariscada, ele fez um gesto com o dedo para que eu entrasse na sua suíte e fechou a porta depois que entrei.

— Você quer mesmo saber da história do “Tlintlim”? — perguntou-me.

Eu havia ficado satisfeito com sua primeira explicação. Era Trout quem queria que eu ouvisse muito mais. Minha pergunta inocente havia despertado lembranças da sua infância medonha em Northampton. Ele só conseguiria exorcizá-las contando que lembranças eram essas.

— Meu pai assassinou minha mãe — disse Kilgore Trout — quando eu tinha doze anos.

— O corpo estava no porão, mas tudo o que eu sabia era que ela havia desaparecido. Papai jurava que não fazia a menor ideia do que havia acontecido com ela. Ele disse, como os assassinos de esposas costumam dizer, que talvez ela tivesse ido visitar parentes. Ele a matou naquele dia de manhã, depois que saí para a escola.

— Ele aprontou o jantar para nós dois naquela noite. Papai disse que no dia seguinte de manhã ia dar parte do seu desaparecimento à polícia, se não tivéssemos nenhuma notícia dela até lá. Comentou que ela andava muito cansada e nervosa ultimamente e perguntou se eu havia percebido.

— Ele era louco — prosseguiu Trout. — Até que ponto? Ele entrou no meu quarto à meia-noite e me acordou. Disse que tinha uma coisa muito importante para me contar. Não era nada a não ser uma piada indecente, mas o coitado daquele homem insano havia chegado a acreditar que se tratava de uma parábola sobre os golpes terríveis que a vida lhe aplicara. Era a história de um fugitivo que procurou se esconder da polícia na casa de uma mulher que conhecia.

— A sala de estar tinha um teto altíssimo, do estilo que acompanha o telhado até o topo, com vigas rústicas cruzando o espaço abaixo. — Trout fez uma pausa. Era como se ele estivesse tão envolvido com o relato quanto seu pai deveria ter estado.

Ele prosseguiu, ali na suíte que homenageava o suicida Ernest Hemingway.

— Ela era viúva, e ele se despiu enquanto ela ia procurar algumas roupas do marido. No entanto, antes que ele as vestisse, a polícia já estava batendo com violência na porta da frente com seus cassetetes. Por isso, o fugitivo foi se esconder em cima de uma viga. Quando a mulher abriu a porta para a polícia, porém, os testículos exagerados do homem estavam pendurados bem à mostra.

Trout fez mais uma pausa.

— A polícia perguntou à mulher onde o cara estava. A mulher disse que não sabia de que cara eles estavam falando — disse Trout. — Um dos policiais viu os testículos suspensos de uma viga e perguntou o que era aquilo. A mulher respondeu que eram sinos de um templo chinês. Ele acreditou nela. Disse que sempre havia tido vontade de ouvir sinos de templos chineses.

— Ele lhes deu um forte golpe com seu cassetete, mas não ouviu som algum. Por isso, golpeou-os novamente, com muito mais força, com uma força enorme. Sabe o que o cara na viga berrou? — perguntou-me Trout.

Eu disse que não sabia.

— Ele berrou: “TLINTLIM, TLINTLIM, SEU FILHO DA PUTA!”

15

A Academia deveria ter mudado seu pessoal e seus tesouros para uma vizinhança mais segura quando o Museu do Índio transferiu dali suas recordações genocidas. Ela ainda estava enfiada naquele fim de mundo longe do centro, no meio do nada a não ser de pessoas com vidas que não valiam a pena viver, em todas as direções, porque o conjunto desmotivado e cada vez menor dos seus membros não conseguia se animar a aprovar uma mudança.

Para ser perfeitamente franco, as únicas pessoas que se importavam com o que acontecesse com a Academia eram seus funcionários administrativos, da limpeza e manutenção e seus vigilantes armados. A maioria deles também não se enlevava com práticas artísticas antiquadas. Precisavam dos empregos, por mais sem sentido que o trabalho pudesse ser. E, por isso, faziam lembrar das pessoas durante a Depressão da década de 1930, que comemoravam quando conseguiam absolutamente qualquer emprego.

Trout descreveu esse tipo de trabalho que conseguia arrumar naquela época como “limpar titica de passarinho de relógios de cuco”.

A secretária executiva da Academia sem dúvida precisava do emprego. Monica Pepper, que era tão parecida com minha irmã Allie, era o único sustento de si mesma e do marido, Zoltan, que ela havia deixado fora de combate com um salto de anjo. Por isso, ela havia fortificado o prédio, substituindo a porta da frente, de madeira, por uma porta blindada com meia polegada de aço, provida de um olho mágico, que também poderia ser fechada e trancada.

Ela se havia esforçado ao máximo para fazer o lugar dar a impressão de estar tão abandonado e saqueado quanto as ruínas da Columbia University, a quase quatro quilômetros ao sul dali. As janelas, como a porta da frente, tinham postigos de aço, e os postigos por sua vez eram disfarçados por compensados grosseiros pintados de preto, com uma camuflagem de grafite, que acompanhava sem falha toda a fachada. O próprio pessoal havia criado aquela arte berrante. Monica havia pintado, ela mesma, em spray “FODA-SE A ARTE!” em laranja e roxo, de um lado a outro da porta da frente.

Aconteceu que um vigilante armado de origem afro-americana chamado Dudley Prince estava espiando pelo olho mágico daquela porta quando Trout pôs “As irmãs B-36” na lata de lixo lá na frente. Vagabundos em interação com a lata de lixo não eram nenhuma novidade, Deus bem sabe, mas Trout, que Prince confundiu com uma velhinha de rua em vez de com um velhinho de rua, estava fazendo uma exibição rara lá fora.

Eis o segredo da aparência de Trout, visto de longe: em vez de calças, ele estava usando três camadas de ceroulas térmicas, revelando a forma das suas barrigas das pernas abaixo da bainha do seu sobretudo velho da Marinha. Isso mesmo, e estava usando sandálias em vez de botas, mais um toque aparentemente feminino, da mesma forma que seu lenço amarrado à moda da vovó, lenço adaptado de um cobertor de berço estampado com balões vermelhos e ursinhos azuis.

Trout estava ali falando e gesticulando com a lata de lixo de arame sem tampa como se ela fosse um editor numa editora antiquada e como se seu original manuscrito em quatro páginas de papel amarelo fosse um grande romance, destinado a fazer grande sucesso de venda. Ele não estava nem de longe maluco. Mais tarde, diria da sua representação: “Era o mundo que havia sofrido o colapso nervoso. Eu estava apenas me divertindo num pesadelo, discutindo com um editor imaginário questões como o orçamento para publicidade, quem deveria fazer que papel no filme, meu comparecimento a programas de televisão e assim por diante, uma palhaçada perfeitamente inofensiva.”

Seu comportamento era tão absurdo que uma velhinha de rua, de verdade, que passava por ali lhe perguntou: “Tudo bem com você, querida?” Palavras às quais ele respondeu com toda a animação possível: “Tlintlim! Tlintlim!”

Quando Trout voltou ao abrigo, porém, o vigilante armado Dudley Prince destrancou a porta de aço e, levado pelo tédio e pela curiosidade, salvou os originais do lixo. Ele queria saber o que era que uma velhinha de rua, supostamente com todos os motivos possíveis para cometer suicídio, havia jogado fora com tanto enlevo.

16

Segue-se, pelo valor que possa ter, e com base em *Timequake I,* a explicação de Kilgore Trout para o tremor de tempo e suas ondas de choque, a reprise, extraída das suas memórias inacabadas *Meus dez anos no piloto automático*:

“O tremor de tempo de 2001 foi uma cãibra cósmica nos tendões do Destino. Naquilo que era a cidade de Nova York às 2:27 da tarde do dia 13 de fevereiro daquele ano, o Universo sofreu uma crise de autoconfiança. Ele deveria continuar a se expandir indefinidamente? Qual era o sentido?

“Ele fibrilou, indeciso. Talvez devesse fazer uma reunião familiar lá onde tudo havia começado e depois voltar a promover um enorme BIG BANG.

“De repente, ele encolheu dez anos. Isso lançou a mim e a todo o resto do mundo de volta ao dia 17 de fevereiro de 1991, ao que eram para mim 7:51 da manhã, numa fila diante de um banco de sangue em San Diego, Califórnia.

“Por motivos que ele conhece melhor, porém, o Universo cancelou a reunião em família, pelo menos por enquanto. E voltou a se expandir. Qual facção, se é que houve alguma, deu os votos decisivos quanto a expandir ou encolher, isso não sei dizer. Apesar de ter vivido oitenta e quatro anos, noventa e quatro, se quiserem contar a reprise, muitas perguntas continuam para mim sem resposta.

“Há quem diga agora que o fato de a reprise ter durado dez anos, com apenas quatro dias a menos, é a prova de que existe um Deus e de que Ele adota o Sistema Decimal. Ele tem dez dedos nas mãos e nos pés, exatamente como nós, é o que dizem, e os usa para fazer contas.

“Tenho lá minhas dúvidas. Não posso evitar. É assim que sou. Mesmo se meu pai, o professor de ornitologia Raymond Trout, de Smith College, em Northampton, Massachusetts, não tivesse assassinado minha mãe, uma dona de casa e poeta, creio que eu teria sido assim mesmo. Mas a verdade é que nunca fiz um estudo sério das diferentes religiões, não sendo, portanto, qualificado para fazer comentários. Praticamente o que sei ao certo é que os muçulmanos devotos não acreditam em Papai Noel.”

Na primeira das duas vésperas de Natal do ano 2000, o vigilante armado afro-americano Dudley Prince, que ainda era religioso, achou que “As irmãs B-36” de Trout poderia talvez ser uma mensagem do próprio Deus para a Academia. Afinal de contas, o que aconteceu com o planeta Bubu não era muito diferente do que parecia estar acontecendo com seu próprio planeta e, especialmente, com seus patrões, o que restava da Academia Americana de Letras e Artes, lá naquele fim de mundo da West 155th Street, duas portas a oeste da Broadway.

Trout veio a conhecer Prince, da mesma forma que veio a conhecer a Monica Pepper e a mim, depois que a reprise terminou e o livre-arbítrio voltou a se instalar. Em decorrência daquilo que o tremor de tempo lhe fez, Prince passou a desdenhar tanto a ideia de um Deus justo e sábio quanto minha irmã Allie havia desdenhado. Allie uma vez deu a seguinte opinião, não apenas sobre sua vida, mas sobre a de todo mundo: “Se Deus existe, Ele sem dúvida detesta gente. É só isso o que posso dizer.”

Quando Trout soube como Prince havia levado a sério “As irmãs B-36” na primeira véspera de Natal do ano 2000, como Prince acreditava que uma velhinha de rua havia feito um tal espetáculo enquanto jogava fora as páginas amarelas manuscritas só para que Prince quisesse saber o que elas eram e fosse recolhê-las, o velho escritor de ficção científica fez a seguinte observação: “Perfeitamente compreensível, Dudley. Para qualquer pessoa que pôde acreditar em Deus, como você acreditou um dia, seria moleza acreditar no planeta Bubu.”

Vejam só o que ia acontecer com Dudley Prince, monumental figura de autoridade e decência no uniforme da empresa de segurança que protegia a Academia sitiada, vinte e quatro horas por dia, com uma pistola no coldre no quadril, apenas cinquenta e um dias depois da primeira das duas vésperas de Natal do ano 2000. O tremor de tempo ia devolvê-lo instantaneamente à cela solitária, à *surda,* dentro das muralhas e torres do Instituto Penal de Segurança Máxima para Adultos do Estado de Nova York, em Athena, uns cem quilômetros ao sul da sua cidade natal de Rochester, onde ele havia sido proprietário de uma pequena locadora de vídeos.

É verdade que o tremor de tempo o deixara dez anos mais jovem, mas no seu caso isso não foi nada feliz. Significava que ele estava novamente cumprindo duas sentenças de prisão perpétua consecutivas, sem esperanças de uma condicional, pelo estupro e assassinato de uma menina de dez anos descendente de chineses-americanos e ítalo-americanos, Kimberly Wang, numa espelunca onde se fumava crack em Rochester, crimes dos quais ele era totalmente inocente!

É verdade que, no início da reprise, Dudley Prince, se lembrava, como todos nós, de tudo que estava por lhe acontecer nos dez anos seguintes. Ele sabia que dentro de sete anos seria inocentado por exames de DNA do sêmen seco nas calcinhas da vítima. Essa prova que o eximia de culpa seria mais uma vez encontrada esquecida num envelope transparente na caixa-forte do Promotor Público que o havia prejudicado na esperança de conseguir a indicação do seu partido para concorrer a Governador.

E era verdade que esse mesmo Promotor Público seria encontrado com sapatos de cimento no fundo do lago Cayuga apenas seis anos depois. Enquanto isso, Prince ia precisar obter novamente um Certificado de Conclusão do Supletivo de Segundo Grau, transformar Jesus no centro da sua vida mais uma vez e assim por diante.

E então, depois que voltasse a ser liberado, ele compareceria novamente a programas de entrevistas na televisão com outras pessoas que haviam sido encarceradas por engano e inocentadas como de direito, para afirmar que a prisão era a maior felicidade que lhe havia acontecido porque foi lá que encontrou Jesus.

17

Em qualquer uma das duas vésperas de Natal do ano 2000. E não fazia diferença em qual, a não ser pela opinião das pessoas sobre o que estava acontecendo, o ex-presidiário Dudley Prince entregou “As irmãs B-36” ao escritório de Monica Pepper. Seu marido Zoltan, na sua cadeira de rodas, estava prevendo para um futuro não muito distante o fim da capacidade para a leitura.

— O profeta Maomé não sabia ler — dizia Zoltan. — É provável que Jesus, Maria e José também não lessem. Maria Madalena não sabia. O imperador Carlos Magno confessou que não conseguia ler. Era simplesmente difícil demais! Ninguém em todo o hemisfério ocidental sabia ler. Nem mesmo os sofisticados maias, incas e astecas conseguiram imaginar essa atividade antes da chegada dos europeus.

— Naquela época a maioria dos europeus também não sabia ler e escrever. Os poucos que sabiam eram especialistas. Eu lhe garanto, minha querida, graças à televisão, essa situação em breve voltará a prevalecer.

— Com licença — disse Dudley Prince, reprise ou não. — Com licença, mas acho que talvez alguém esteja tentando nos dizer alguma coisa.

Monica leu “As irmãs B-36” rapidamente, com uma impaciência crescente, e declarou o conto ridículo. Ela o passou ao marido. Mas Zoltan não passou do nome do autor para ficar eletrizado.

— Meu Deus, meu Deus — exclamou —, depois de vinte e cinco anos de silêncio total, Kilgore Trout volta mais uma vez à minha vida!

Eis a explicação para a reação de Zoltan Pepper. Quando estava no segundo ano do segundo grau em Fort Lauderdale, Flórida, Zoltan copiou uma história de uma das revistas velhas de ficção científica da coleção do seu pai. Ele a apresentou à professora de inglês, Sra. Florence Wilkerson, como sua própria criação. Era um dos últimos contos que Kilgore Trout submeteria a um editor. Na época em que Zoltan estava no segundo grau, Trout já era um vagabundo.

O conto plagiado era sobre um planeta em outra galáxia, no qual as criaturinhas verdes, cada uma com um olho no meio da testa, só conseguiam se alimentar se vendessem bens ou serviços umas às outras. Houve uma falta de fregueses, e ninguém conseguiu pensar em algo racional para fazer. Todas as criaturinhas verdes morreram de fome.

A Sra. Wilkerson suspeitou de plágio. Zoltan confessou, achando que o que fizera havia sido uma brincadeira, não algo sério. Para ele, o plágio era o que Trout teria chamado de *palermice,* "exibicionismo indecente na presença de um indivíduo cego do mesmo sexo".

A Sra. Wilkerson resolveu ensinar uma lição a Zoltan. Ela fez com que ele escrevesse "EU ROUBEI ALGO QUE PERTENCIA A KILGORE TROUT" no quadro-negro enquanto a turma olhava. Depois, durante a semana seguinte, ela o forçou a usar um cartaz na camisa com a letra P, pendurado no pescoço sobre o peito, sempre que estivesse na sua aula. Hoje em dia, ela seria processada até a morte por fazer uma coisa dessas. Mas aquela época era aquela época, e agora é agora.

É óbvio que a inspiração para o que a Sra. Wilkerson fez ao jovem Zoltan Pepper foi *A letra escarlate,* de Nathaniel Hawthorne. Naquela história, uma mulher tem de usar no peito uma grande letra A de *adultério* por ter deixado que um homem que não era seu marido ejaculasse no seu canal de parto. Ela se recusa a dizer o nome desse homem. Trata-se de um *religioso*!

Como Dudley Prince disse que foi uma velhinha de rua quem pôs o conto na lata de lixo lá fora, Zoltan não considerou a possibilidade de que tivesse sido o próprio Trout.

— Poderia ter sido sua filha ou sua neta — especulou ele. — O próprio Trout deve ter morrido anos atrás. Eu sem dúvida espero que sim, e que sua alma apodreça no Inferno.

Só que Trout estava ali bem ao lado! Estava se sentindo ótimo! Estava tão aliviado por ter conseguido se livrar de “As irmãs B-36” que havia começado mais um conto. Vinha completando um conto de dez em dez dias, em média, desde os quatorze anos. Isso somava trinta e seis por ano, digamos. Este poderia ser seu conto de nº 2.500! Não era ambientado em outro planeta. Passava-se no consultório de um psiquiatra em St. Paul, Minnesota.

O nome do psiquiatra era também o título do conto, “Dr. Schadenfreude”. Esse médico fazia com que seus pacientes se deitassem num divã e falassem, até aí tudo bem, mas eles só podiam tagarelar sobre coisas bobas ou loucas que tivessem acontecido a perfeitos desconhecidos em jornais sensacionalistas ou em programas de entrevistas na televisão.

Se um paciente por acaso dissesse “eu”, “me”, “mim”, “comigo” ou “meu”, o Dr. Schadenfreude perdia o controle. Dava um salto da sua poltrona de couro, excessivamente estofada. Batia com os pés no chão. Agitava os braços.

Ele punha o rosto lívido diretamente acima do paciente. Rosnava e resmungava frases como as seguintes: “Quando é que você vai aprender que ninguém liga a mínima para você, você, você, seu merda chato e insignificante? Todo o seu problema está em pensar que você *tem alguma importância*! Supere essa ilusão, ou suma da minha frente com esse seu traseiro cheio de si!”

18

Um vagabundo numa cama ao lado da de Trout perguntou-lhe o que ele estava escrevendo. Era o parágrafo inicial de “Dr. Schadenfreude”. Trout disse que era um conto. O vagabundo disse que talvez Trout conseguisse algum dinheiro com o pessoal vizinho. Quando soube que se tratava da Academia Americana de Letras e Artes, Trout respondeu:

— Tanto faria se fosse uma faculdade para barbeiros chineses, no que me diz respeito. Eu não faço literatura. E literatura é tudo o que importa para esses micos afetados aí do lado.

— Esses idiotas daí ao lado, que só arrotam arte, criam personagens vivos, tridimensionais, que parecem respirar, com palavras sobre papel — prosseguiu ele. — Maravilha! Como se o planeta já não estivesse à morte por ter um excesso de três bilhões de personagens vivos, tridimensionais, que respiram!

Na realidade, as únicas pessoas ali ao lado eram naturalmente Monica e Zoltan Pepper, bem como os três homens do turno do dia de vigilantes armados, chefiados por Dudley Prince. Monica havia concedido ao pessoal de escritório e de manutenção o dia de folga para compras de Natal de última hora. Por sinal, eles eram todos cristãos, agnósticos ou apóstatas.

O turno da noite de vigilantes armados seria totalmente muçulmano. Como Trout escreveria em Xanadu, em *Meus dez anos no piloto automático*: “Os muçulmanos não acreditam em Papai Noel.”

— Em toda a minha carreira de escritor — disse Trout no ex-Museu do Índio — criei apenas um personagem vivo, tridimensional, que respirasse. E fiz isso com meu dim-dom num canal de parto. Tlintlim! — Ele estava se referindo ao filho Leon, o desertor dos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos em tempo de guerra, que mais tarde foi decapitado num estaleiro sueco.

— Se eu tivesse perdido meu tempo criando personagens, nunca teria chegado a chamar atenção para as coisas que de fato têm importância: forças irresistíveis na natureza, invenções cruéis, e economias, governos e ideais ridículos que fazem com que heróis e heroínas pareçam alguma coisa que o gato arrastou para dentro de casa.

Trout poderia ter dito, o que também se aplicaria a mim, que criou *caricaturas* em vez de personagens. Além do mais, sua animosidade contra a suposta *literatura tradicional* não era uma peculiaridade sua. Era geral entre os escritores de ficção científica.

19

No sentido estrito, muitos dos contos de Trout, a não ser por seus personagens inacreditáveis, não eram absolutamente ficção científica. “Dr. Schadenfreude” não era, a menos que se seja tão desprovido de humor a ponto de considerar a psiquiatria uma ciência. O que ele depositou na lata de lixo da Academia depois de “Dr. Schadenfreude”, com o tremor de tempo se aproximando cada vez mais, “Bingo no bunker” era um *roman à clef.*

Este era ambientado no confortável bunker à prova de bombas de Adolf Hitler debaixo das ruínas de Berlim, na Alemanha, no final da Segunda Guerra Mundial na Europa. Nesse conto, Trout chama a sua guerra, e minha também, de “segunda tentativa malograda de suicídio da civilização ocidental”. Ele costumava falar assim também em conversas, e uma vez acrescentou na minha presença: “Se de início você não conseguir, tente, por favor, continue tentando.”

Os tanques e a infantaria da União Soviética estão a apenas algumas centenas de metros da porta de ferro do bunker, lá em cima no nível da rua. “Hitler, encurralado ali embaixo, o ser humano mais odioso que um dia viveu”, escreveu Trout, “não sabe se borra as calças ou finge que nada está acontecendo. Ele está ali com sua amante Eva Braun e alguns amigos íntimos, entre eles, Joseph Goebbels, seu ministro da Propaganda, bem como a mulher e os filhos de Goebbels.”

Por falta de qualquer coisa remotamente decisiva a fazer, Hitler propõe casamento a Eva. Ela aceita!

A essa altura no conto, Trout fez a seguinte pergunta retórica, um aposto, com um parágrafo só para ela:

“E daí?”

Todos se esquecem dos seus problemas durante a cerimônia nupcial. Depois que o noivo beija a noiva, porém, a festa volta a ficar chocha. “Goebbels tem um pé torto”, escreveu Trout. “Mas Goebbels sempre teve um pé torto. Não é esse o problema.”

Goebbels lembra que os filhos trouxeram o jogo de bingo. Ele foi capturado intacto de soldados norte-americanos durante a Batalha do Bolsão uns quatro meses antes. Eu mesmo fui capturado intacto durante aquela batalha. A Alemanha, a fim de poupar seus recursos, parou de fabricar seus próprios jogos de bingo. Em decorrência disso, e porque os adultos no bunker estiveram muito ocupados durante a ascensão de Hitler e agora na sua queda, os filhos de Goebbels são os únicos que sabem como se joga. Aprenderam com um menino vizinho, cujos pais tinham um jogo de bingo de antes da guerra.

Ocorre então esta cena espantosa na história: um menino e uma menina, explicando as regras do bingo, passam a ser o centro do Universo para os nazistas que os cercam, em uniforme de gala, incluindo-se entre eles um Adolf Hitler abobalhado.

Devemos a Dudley Prince o fato de possuirmos um exemplar de “Bingo no bunker” e dos outros quatro contos que Trout jogou fora diante da Academia antes do tremor de tempo. Da primeira vez, quando a década era a original, ele continuou a acreditar, ao contrário de Monica Pepper, que uma velhinha estava usando a lata de lixo como caixa-postal, sabendo que ele estaria observando suas danças malucas através do olho mágico na porta de aço.

Prince recolhia cada conto e o examinava, na esperança de descobrir alguma mensagem importante de alguma força superior codificada no texto. Depois do trabalho, com reprise ou sem reprise, ele era um afro-americano solitário.

20

No verão de 2001 em Xanadu, Dudley Prince entregou a Trout o maço de contos, que Trout esperava que a Limpeza Urbana tivesse incinerado, enterrado ou lançado no oceano em mar aberto antes que qualquer outra pessoa além dele os lesse. Segundo o relato que ele próprio me fez, Trout folheou as páginas encardidas com repugnância, ali sentado, nu, na sua cama enorme na Suíte Ernest Hemingway. Estava quente. Ele acabava de sair da sua Jacuzzi.

Foi então que seu olhar deu com a cena na qual duas crianças antissemitas ensinam bingo a nazistas do alto escalão com suas fardas loucamente teatrais. Em perplexa admiração por algo brilhante que ele próprio havia escrito, e Trout jamais se havia considerado grande coisa como escritor, ele elogiou a cena como um eco da seguinte profecia encontrada no Livro de Isaías:

"O lobo habitará com o cordeiro; e o leopardo se deitará ao pé do cabrito; o novilho, o leão e o cevado viverão juntos; e um pequeno menino os conduzirá."

Um *cevado* é qualquer animal que é engordado para o abate.

— Li aquela cena — disse Trout a mim e a Monica — e me perguntei: "Como é que eu *consegui* escrever isso?"

Essa não era a primeira vez que eu ouvia uma pessoa que havia realizado um trabalho extraordinário fazer essa pergunta deliciosa. Nos idos da década de 1960, muito, muito antes do tremor de tempo, eu tinha um velho e enorme casarão em Barnstable Village em Cape Cod, no qual minha primeira mulher, Jane Marie Vonnegut, *née* Cox, e eu criávamos quatro meninos e duas meninas. O puxado onde eu escrevia estava desmoronando.

Mandei que o demolissem por inteiro e levassem o entulho embora. Contratei meu amigo Ted Adler, um pau-para-toda-obra, da minha idade, para me construir um novo puxado igual ao antigo. Ted preparou sozinho as formas para os alicerces. Supervisionou a colocação do concreto derramado de uma betoneira. Ele pessoalmente sentou blocos de concreto sobre os alicerces, construiu a superestrutura, instalou os forros e as paredes laterais, fez o telhado e a instalação elétrica. Pôs no lugar as janelas e as portas. Pregou e rejuntou as divisórias internas de gesso.

As divisórias foram o último passo. Eu mesmo me encarregaria da pintura externa e interna. Disse a Ted que queria fazer pelo menos isso, ou ele também teria feito essa parte. Quando seu próprio trabalho estava terminado e ele havia levado para o depósito de lixo todos os restos de madeira que eu não queria para lenha, Ted me fez parar ao seu lado para admirar meu novo puxado, de uns dez metros de distância. E então fez a tal pergunta:

— Como é que eu *consegui* fazer isso?

No verão de 1996, essa pergunta continua sendo para mim uma das minhas três citações preferidas. Duas dessas três são perguntas em vez de bons conselhos de qualquer natureza. A segunda pergunta é de Jesus Cristo: “Quem é que dizem que eu sou?”

A terceira é do meu filho Mark, pediatra, aquarelista e saxofonista. Já o citei em outro livro. “Estamos aqui para nos ajudar uns aos outros a passar por tudo isso, não importa o que seja.”

Seria possível protestar: “Meu caro Dr. Vonnegut, não podemos todos ser pediatras.”

Em “Bingo no bunker”, os nazistas jogam bingo, com o ministro da Propaganda, que se poderia afirmar ser o comunicador de maior eficácia de toda a história, gritando as coordenadas de quadrados que vencem ou que perdem nos cartões dos jogadores. O jogo revela-se tão analgésico para criminosos de guerra em situação desesperadora quanto continua a ser para velhinhas inofensivas em quermesses.

Diversos dos criminosos de guerra estão usando uma Cruz de Ferro, concedida apenas àqueles alemães que demonstraram no campo de batalha um destemor tão excessivo a ponto de ser classificado como psicopata. Hitler está usando uma. Ele a ganhou como cabo na primeira tentativa malograda de suicídio pela civilização ocidental.

Eu fui cabo no segundo esforço malsucedido de acabar com tudo. Como Ernest Hemingway, nunca atirei num ser humano. Talvez Hitler também não tenha realizado esse grande feito. Ele não recebeu a mais alta condecoração do seu país por matar um monte de gente. Conquistou-a por ser um mensageiro muito valente. Nem todas as pessoas no campo de batalha precisam estar concentradas exclusivamente em matar. Eu mesmo fui um observador de reconhecimento e espionagem, indo a lugares que nosso lado ainda não havia ocupado, à procura de inimigos. Não se esperava que eu lutasse com eles, se os encontrasse. Eu deveria me manter vivo e despercebido, para poder relatar aos meus superiores onde os inimigos estavam e o que parecia que estavam fazendo.

Já era inverno, e eu mesmo fui condecorado com a penúltima medalha do meu país, um Coração Púrpura por queimaduras causadas pelo frio.

Quando voltei da guerra para casa, meu tio Dan me deu tapinhas nas costas e disse aos berros que eu agora era um *homem.*

Foi aí que eu quase matei meu primeiro alemão.

Voltando ao *roman à clef.* Como se realmente houvesse um Deus no Paraíso, no final das contas, é Der Führer quem grita “BINGO!” Adolf Hitler ganha! Ele comenta, incrédulo, em alemão, naturalmente.

“Não posso acreditar. Nunca joguei isso antes, e mesmo assim ganhei. *Eu ganhei!* O que isso pode ser senão um milagre?” Ele é católico romano.

Hitler se levanta da cadeira à mesa. Seus olhos, ainda fixos no cartão vencedor, diante de si, segundo o relato de Trout, “como se fosse um fragmento do Santo Sudário”. O canalha pergunta: “O que isso pode querer dizer a não ser que as coisas não estão tão ruins quanto achávamos que estavam?”

Eva Braun estraga o momento engolindo uma cápsula de cianeto. Tratava-se de um presente de casamento que a mulher de Goebbels lhe dera. Frau Goebbels tinha mais cápsulas do que necessitava para sua família mais próxima. “Seu único crime foi permitir que um monstro ejaculasse no seu canal de parto. Esse tipo de coisa acontece com as melhores mulheres.”

Um obus comunista de 240mm explode em cima do bunker. Flocos de calcimina caem em chuva do teto abalado sobre os ocupantes ensurdecidos. O próprio Hitler faz uma piada, demonstrando que ainda tem senso de humor. “Está nevando”, diz ele. É um jeito poético de dizer, também, que já está mais do que na hora de ele se matar, a menos que queira se tornar um superastro enjaulado num circo ambulante, junto com a mulher barbada e o bobo.

Ele leva a pistola à cabeça. Todos dizem “*Nein, nein, nein*”. Hitler convence todos de que o suicídio é a única saída digna. Quais deveriam ser suas últimas palavras?

“O que vocês acham de ‘Não me arrependo de nada’?”, pergunta ele.

Goebbels responde que uma declaração dessas seria adequada, mas que a cantora de cabaré parisiense Edith Piaf conquistou reputação mundial, cantando essas mesmas palavras em francês há décadas. “Seu apelido”, diz Goebbels, “é ‘Pardalzinho’. Você não vai querer ser lembrado como um pardalzinho qualquer, ou estou errado?”

Hitler ainda não perdera seu senso de humor. “E o que vocês acham de ‘BINGO’?”

No entanto, ele está cansado. Volta a levar a pistola à cabeça e diz: “Para começo de conversa, nunca pedi para nascer.”

A pistola dispara.

21

Sou presidente honorário da Associação Humanista Americana, cuja sede em Amherst, estado de Nova York, jamais visitei. Sucedi ao falecido escritor e bioquímico Dr. Isaac Asimov nesse posto sem função. O fato de termos uma organização, algo entediante, tem como objetivo fazer com que os outros saibam que somos numerosos. Preferiríamos levar nossas vidas como humanistas sem falar a respeito disso ou mesmo sem pensar nisso nem um pouco mais do que pensamos na nossa respiração.

Os humanistas procuram se comportar com decência e honradez sem nenhuma expectativa de recompensas ou punições numa vida após a morte. Até agora o criador do Universo permanece incognoscível aos nossos olhos. Servimos da melhor forma possível à abstração maior da qual temos algum entendimento, ou seja, nossa comunidade.

Será que somos inimigos de seguidores de religiões estabelecidas? Não. Meu grande companheiro da guerra Bernard V. O'Hare, já falecido, perdeu sua fé na igreja católica durante a Segunda Guerra Mundial. Não fiquei feliz. Achei que era perder demais.

Eu nunca havia tido uma fé como aquela, por ter sido criado por pessoas interessantes e éticas que, como Thomas Jefferson e Benjamin Franklin, ainda assim encaravam com ceticismo o que os religiosos diziam que estava acontecendo. Mas eu sabia que Bernie havia perdido algo importante e respeitável.

Repito que não me alegrei. Não me alegrei porque eu gostava muito *dele.*

Fui orador numa homenagem póstuma da Associação Humanista ao Dr. Asimov alguns anos atrás e disse: “Isaac agora está no Céu.” Esta foi a frase mais engraçada que eu poderia ter dito a uma plateia de humanistas. Fiz com que rolassem de rir. O salão ficou como a cena da corte marcial em “Nenhum motivo de riso” de Trout, momentos antes que o fundo do Oceano Pacífico engolisse a terceira bomba atômica, *Joy’s Pride* e todo o resto.

Quando eu mesmo tiver morrido, que Deus me livre, espero que algum brincalhão diga a meu respeito: “Ele agora está no Céu.”

Gosto de dormir. Publiquei um novo réquiem em homenagem à música antiga em outro livro, no qual dizia que não era censurável querer que o sono fosse para todos a vida após a morte.

Não vejo nenhuma necessidade de mais salas de tortura e partidas de bingo lá em cima, no Céu.

Ontem, quarta-feira, 3 de julho de 1996, recebi uma carta bem escrita de um homem que nunca pediu para ter nascido, para começo de conversa, e que é detento há muitos anos nas nossas incomparáveis instituições penais, de início como delinquente juvenil e depois como adulto. Ele está prestes a ser solto num mundo no qual não tem amigos nem parentes. O livre-arbítrio está pronto para se instalar novamente depois de uma lacuna de bem mais do que uma década. O que ele deveria fazer?

Eu, presidente honorário da Associação Humanista Americana, respondi hoje à sua carta: “Entre para uma igreja.” Escrevi isso porque o que um adulto desamparado como ele precisa mais do que de qualquer outra coisa é de algo como uma família.

Eu não poderia recomendar o humanismo para uma pessoa dessas. Não o recomendaria para a grande maioria da população do planeta.

O filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche, que tinha sífilis, disse que só uma pessoa de uma fé profunda poderia se dar ao luxo do ceticismo religioso. Os humanistas, em geral pessoas instruídas, com uma confortável situação de classe média e vidas compensadoras como a minha, encontram enlevo suficiente na esperança e no conhecimento secular. A maioria não consegue.

Voltaire, o autor francês de *Cândido,* e portanto o Abraão dos humanistas, ocultava seu desdém pela hierarquia da igreja católica apostólica romana dos seus criados menos instruídos, mais assustados e de raciocínio mais simplório porque sabia que grande fator de estabilização sua religião era para eles.

Com alguma apreensão, falei a Trout no verão de 2001 sobre meu conselho ao homem que logo seria expulso da prisão. Trout quis saber se eu havia ouvido falar desse homem novamente, se eu sabia o que havia acontecido com ele naquele período de cinco anos, ou de dez anos, se contássemos a reprise. Eu não havia, e não sabia.

Trout me perguntou se eu havia algum dia tentado entrar para uma igreja, só pela experiência, só para ver como era. *Ele* havia. O mais perto que cheguei, disse eu, foi quando Jill Krementz, que seria minha segunda esposa, e eu achamos que seria engraçado e sofisticado nos casarmos na Little Church Around the Corner, uma casa de culto episcopal, no estilo Disney, na East Twenty-ninth Street, próxima à Quinta Avenida, em Manhattan.

— Quando descobriram que eu era divorciado, prescreveram todo tipo de serviços de penitência que eu deveria cumprir antes que estivesse purificado o suficiente para me casar ali.

— Viu? — disse Trout. — Agora imagine toda a titica que você ia ter de suportar se fosse um ex-presidiário. E se esse pobre coitado que lhe escreveu realmente encontrou uma igreja que o aceitasse, é bem possível que esteja novamente atrás das grades.

— Por que motivo? — perguntei. — Pelo roubo das esmolas aos pobres?

— Não — disse Trout. — Por agradar a Jesus matando a tiros um médico que chega para trabalhar numa clínica de abortos.

22

Não me lembro do que estava fazendo na tarde de 13 de fevereiro de 2001, quando ocorreu o tremor de tempo. Não podia ter sido nada de muito importante. Sem a menor sombra de dúvida, não estava escrevendo mais um livro. Eu estava com setenta e oito anos, façam-me o favor! Minha filha Lily estava com dezoito!

O velho Kilgore Trout, porém, ainda escrevia. Sentado na sua cama de lona no abrigo, onde todos pensavam que seu nome era Vincent van Gogh, ele acabava de começar um conto sobre um londrino da classe operária, Albert Hardy, que era também o nome do conto. Albert Hardy nasceu em 1896, com a cabeça entre as pernas e os órgãos genitais brotando do alto do pescoço, que parecia uma “abobrinha”.

Os pais de Albert o ensinaram a andar com as mãos e a comer com os pés. Isso para poderem esconder seus órgãos com calças. Suas partes pudendas não eram excessivamente grandes como os testículos do fugitivo na parábola do “Tlintlim” do pai de Trout. Não era essa a questão.

Monica Pepper estava à mesa de trabalho no prédio vizinho, a poucos metros de distância, mas eles ainda não se conheciam. Ela, Dudley Prince e o marido ainda acreditavam que o depositante de contos na lata de lixo lá fora era uma velha, de modo que era impossível que ela morasse ali ao lado. Seu palpite mais próximo era o de que a mulher frequentava o abrigo para velhos espancados lá para os lados de Convent Avenue ou o centro de desintoxicação na casa paroquial da Catedral de São João Evangelista, que era unissex.

A casa de Monica, e de Zoltan, era um apartamento lá em Turtle Bay, um bairro seguro, a mais de dez quilômetros dali, a uma tranquilizadora proximidade das Nações Unidas. Ela ia e vinha do trabalho para casa e vice-versa na sua própria limusine com motorista, adaptada para a cadeira de rodas de Zoltan. A Academia era de uma prosperidade fabulosa. O dinheiro não era problema. Graças a generosas doações de antiquados amantes da arte no passado, ela era agora mais rica do que alguns membros das Nações Unidas, incluindo-se entre eles, sem dúvida, o Mali, a Suazilândia e Luxemburgo.

Naquela tarde, Zoltan ficou com a limusine. Ele estava a caminho para apanhar Monica no trabalho. Ela esperava a chegada de Zoltan quando ocorreu o tremor de tempo. Ele chegaria a tocar a campainha da Academia antes de ser levado de volta a 17 de fevereiro de 1991. Ficaria dez anos mais novo e *perfeito* novamente!

Uma reação a um toque de campainha!

Quando a reprise terminou, porém, e o livre-arbítrio voltou a prevalecer, tudo e todos estavam exatamente no mesmo lugar em que estavam quando o tremor de tempo aconteceu. Portanto, Zoltan estava paraplégico de novo numa cadeira de rodas, tocando mais uma vez a campainha. Ele não se deu conta de que de repente cabia a ele decidir o que seu dedo ia fazer em seguida. O dedo, por falta de instruções dele ou de qualquer outra coisa, continuou a tocar e a tocar a campainha.

E era isso o que estava fazendo quando Zoltan foi esmagado por um caminhão desgovernado do corpo de bombeiros. O motorista do caminhão não havia percebido que cabia a ele *dirigir* o veículo.

Como Trout escreveu em *Meus dez anos no piloto automático*: “Foi o livre-arbítrio que causou todos os danos. O tremor de tempo e suas ondas de choque não chegaram a arrebentar sequer um fio de teia de aranha, a menos que alguma outra força já tivesse arrebentado o fio na primeira vez.”

Monica estava trabalhando no orçamento para Xanadu quando o tremor de tempo ocorreu. A dotação para aquele retiro de escritores lá em Point Zion, Rhode Island, a Fundação Julius King Bowen, era administrada pela Academia. Julius King Bowen, que morreu antes do nascimento de Monica, foi um homem branco que não se casou e que acumulou uma fortuna durante a década de 1920 e o início da de 1930 com histórias e palestras sobre os esforços hilariantes, mas também comoventes, dos negros norte-americanos para imitar os brancos bem-sucedidos, a fim de que eles também pudessem ter sucesso.

Um marco histórico em ferro fundido nos limites entre a praia pública de Point Zion e Xanadu dizia que a mansão havia sido o lar de Bowen e seu local de trabalho de 1922 até sua morte em 1936. Dizia ainda que o presidente Warren G. Harding havia proclamado Bowen “Humorista Laureado dos Estados Unidos, Mestre dos Dialetos dos Escurinhos e Herdeiro da Coroa de Rei do Humor Outrora Usada por Mark Twain”.

Como Trout salientaria para mim quando li esse marco em 2001: “Warren G. Harding gerou uma filha ilegítima ao ejacular no canal de parto de uma estenógrafa num armário de vassouras na Casa Branca.”

23

Quando Trout foi atirado de volta a uma fila diante de um banco de sangue em San Diego, Califórnia, em 1991, ele se lembrava de como terminaria seu conto sobre o cara com a cabeça entre as pernas e o dim-dom no alto do pescoço, “Albert Hardy”. Não pôde, porém, escrever seu final até que se passassem dez anos, até que o livre-arbítrio se instalasse novamente. Albert Hardy seria atingido por uma bomba quando estivesse servindo como soldado na Segunda Batalha do Somme na Primeira Guerra Mundial.

A placa de identificação de Albert Hardy não seria encontrada. As partes do seu corpo seriam reunidas como se ele tivesse sido como qualquer outra pessoa, com a cabeça no alto do pescoço. Não conseguiram lhe devolver seu dim-dom. Para ser perfeitamente franco, seu dim-dom não teria sido alvo do que se poderia chamar de uma busca exaustiva.

Albert Hardy seria enterrado sob a Chama Eterna na França, no Túmulo ao Soldado Desconhecido, “enfim normal”.

Eu mesmo fui atirado de volta a esta casa perto da ponta de Long Island, Nova York, onde estou escrevendo agora, já na metade da reprise. Em 1991, como agora, eu estava olhando para uma lista de tudo que eu havia publicado e me perguntando: “Como é que eu *consegui* fazer isso?”

Estava me sentindo como me sinto agora, como baleeiros que Herman Melville descreveu, que não conversavam mais. Eles já haviam dito absolutamente tudo que poderiam dizer.

Falei a Trout em 2001 de um ruivo que era amigo meu de infância, David Craig, hoje construtor em Nova Orleans, na Louisiana, que ganhou uma Estrela de Bronze por acabar com um tanque alemão na Normandia. Ele e um colega toparam com aquele monstro de aço estacionado inteiramente só no bosque. Seu motor estava parado. Não havia ninguém do lado de fora. Dentro, um rádio tocava música.

Dave e o amigo foram buscar uma bazuca. Quando voltaram, o tanque ainda estava lá. O rádio ainda tocava música. Os dois atiraram no tanque com a bazuca. Nenhum alemão apareceu na torre. O rádio parou de tocar. Foi só isso. Só isso.

Dave e seu colega fugiram dali às pressas.

Trout disse que, ao seu ver, parecia que a Estrela de Bronze do meu amigo de infância havia sido merecida.

— É quase certo que ele matou gente além de um rádio — disse ele. — O que poupou aos mortos anos de decepções e tédio na vida civil. Ele lhes possibilitou, para citar o poeta inglês A. E. Housman, "morrer no auge da glória e nunca envelhecer".

Trout fez uma pausa e ajeitou sua dentadura superior com o polegar esquerdo antes de prosseguir.

— Eu poderia ter escrito um *best-seller,* se tivesse paciência para criar personagens tridimensionais. A Bíblia pode ser a Melhor História Já Contada, mas a história popular que se pode contar trata de um casal de boa aparência aproveitando ao máximo as oportunidades para copular fora do matrimônio e tendo de se separar por um motivo qualquer antes que deixe de ser novidade.

Lembrei-me de Steve Adams, um dos três filhos da minha irmã Allie que minha primeira mulher, Jane, e eu adotamos depois que o pobre marido de Allie, Jim, morreu num trem que despencou de uma ponte levadiça aberta em Nova Jersey e então, dois dias mais tarde, Allie morreu de câncer de tudo.

Quando veio para casa em Cape Cod para as férias de Natal no seu primeiro ano em Dartmouth, Steve estava quase em lágrimas porque, cedendo à pressão de um professor da universidade, ele acabara de ler *Adeus às armas,* de Ernest Hemingway.

Steve, que agora na meia-idade redige textos humorísticos para o cinema e a televisão, estava tão maravilhosamente arrasado naquela época que fui levado a reler a obra para ver o que o havia deixado naquele estado. *Adeus às armas* revelou-se um ataque à instituição do casamento. O herói de Hemingway é ferido na guerra. Ele e sua enfermeira se apaixonam. Passam uma lua de mel longe dos campos de batalha, consumindo os melhores pratos e os melhores vinhos, sem terem se casado. Ela engravida, provando, como se fosse possível haver dúvida, que ele é de fato homem.

Ela e a criança morrem. E ele não precisa arrumar um emprego fixo, uma casa, seguro de vida e toda essa porcaria. E tem recordações tão lindas.

— As lágrimas que Hemingway fez com que você quisesse chorar são lágrimas de *alívio*! — disse eu a Steve. — Parecia que o cara ia ter de se casar e tomar juízo. Mas no final não foi preciso. Ufa! Por um triz!

Trout disse que só conseguia pensar em mais um livro que desfazia do casamento tanto quanto *Adeus às armas.*

— Qual é? — perguntei.

Ele respondeu que era um livro de Henry David Thoreau, intitulado *Walden.*

— Adorei — disse eu.

24

Digo em conferências em 1996 que 50% ou mais dos casamentos nos Estados Unidos acabam porque a maioria de nós não tem mais famílias extensas. Quando alguém se casa hoje em dia, tudo o que recebe é uma única pessoa.

Digo que, quando os casais brigam, não é por dinheiro, sexo ou poder. O que eles de fato estão dizendo é: “Você não é gente o bastante!”

Sigmund Freud disse que não sabia o que as mulheres queriam. Eu sei o que elas querem. Um monte de gente com quem conversar.

Sou grato a Trout pelo conceito de *homem-mulher/hora,* como unidade de medida da intimidade conjugal. Trata-se de uma hora durante a qual um marido e sua mulher estão próximos o suficiente para perceber o outro e para que qualquer um dos dois diga alguma coisa ao outro sem berrar, se lhe der vontade. Trout afirma no seu conto “Bodas de ouro” que as pessoas não precisam ter vontade de dizer nada para receberem o crédito por um homem-mulher/hora.

“Bodas de ouro” é outro conto que Dudley Prince recolheu da lata de lixo antes do tremor de tempo. Ele fala de um florista que tenta aumentar seu movimento convencendo as pessoas que trabalham juntas em casa, ou que passam longos expedientes juntos cuidando de uma lojinha de família, de que elas têm direito a festejar diversos aniversários de casamento por ano.

Ele calcula que um casal normal que trabalhe em locais diferentes registre quatro homem-mulher/horas a cada dia útil e dezesseis nos fins de semana. Dormir profundamente na companhia do outro não conta. Isso lhe dá um *homem-mulher/semana* composto de trinta e seis homem-mulher/horas.

Esse valor ele multiplica por cinquenta e dois. Arredondando, isso lhe dá um *homem-mulher/ano* com mil e oitocentos homem-mulher/horas. Ele anuncia que qualquer casal que já tenha acumulado essa quantidade de homem-mulher/horas tem direito a celebrar um aniversário de casamento e a receber flores e presentes adequados, mesmo que tenham gasto somente vinte semanas para atingir isso!

Se não pararem de acumular homem-mulher/horas desse jeito, como minhas mulheres e eu fizemos nos meus dois casamentos, os casais poderão celebrar facilmente suas Bodas de Rubi com apenas vinte anos, e as de Ouro, em vinte e cinco!

Não me proponho a examinar minha vida amorosa. Devo dizer que ainda fico apalermado com as formas femininas, e que serei enterrado ainda querendo acariciar seus peitos e traseiros. Devo dizer, também, que fazer amor, quando o ato é sincero, é uma das melhores ideias que Satanás pôs na maçã que entregou à serpente para que a desse a Eva. No entanto, a melhor ideia naquela maçã era a do jazz.

25

O marido de Allie, Jim Adams, estava de fato num trem que despencou de uma ponte levadiça aberta, dois dias antes de Allie morrer no hospital. Mais estranho do que qualquer ficção!

Jim havia mergulhado o casal em dívidas enormes com a fabricação de um brinquedo inventado por ele. Era um balão de borracha com uma bola de barro permanentemente maleável dentro. Era barro com pele!

O rosto de um palhaço aparecia estampado no balão. Usando-se os dedos, era possível fazer com que ele abrisse muito a boca, que seu nariz ficasse mais saliente ou que seus olhos afundassem mais. Jim chamou-o de Putty Puss. O brinquedo jamais conquistou popularidade. Além disso, acumulou dívidas enormes na sua fabricação e em publicidade.

Allie e Jim, gente de Indianápolis em Nova Jersey, tinham quatro meninos e nenhuma menina. Um dos meninos era um bebê de colo, e para começo de conversa nenhuma dessas criaturas tinha pedido para nascer.

Tanto os meninos quanto as meninas na nossa família costumam chegar a este mundo, como Allie, com dons naturais para desenhar, pintar, esculpir e assim por diante. Minhas duas filhas com Jane, Edith e Nanette, são artistas profissionais que fazem exposições e vendem quadros. O mesmo acontece com nosso filho, o doutor Mark. E comigo. Allie também poderia ter feito isso, se tivesse tido disposição para dar duro e se promover um pouco. Mas, como já relatei em outro lugar, ela dizia: “Não é só porque se tem talento que se é obrigada a *fazer* alguma coisa com ele.”

No meu romance *Bluebeard,* escrevi: “Cuidado com deuses que trazem presentes.” Acho que estava pensando em Allie quando disse isso. E também estava pensando em Allie quando, em *Timequake I*, fiz Monica Pepper escrever com spray “FODA-SE A ARTE!” em roxo e laranja na porta de aço da Academia. Tenho quase certeza de que Allie não sabia que existia uma instituição como a Academia, mas ela teria ficado feliz de ver essas palavras gravadas ali.

Nosso pai, o arquiteto, se pavoneava diante de qualquer obra de arte que Allie fizesse quando estava crescendo, como se ela fosse um novo Michelangelo, que ela ficou inibida. Não era burra e tampouco desprovida de gosto. Sem que fosse sua intenção, papai lhe esfregava no nariz como seu talento era limitado e assim estragava qualquer modesto prazer que ela, sem grandes expectativas, poderia ter encontrado em usá-lo.

Allie também pode ter se sentido protegida, exageradamente elogiada por muito pouco, só por ser uma menina bonita. Só os homens poderiam vir a ser grandes artistas.

Quando eu estava com dez anos, Allie com quinze e nosso irmão mais velho Bernie, o cientista nato, com vinte, eu disse numa noite na hora do jantar que as mulheres nem chegavam a ser as melhores na arte culinária ou na confecção de roupas. Os homens eram. E mamãe derramou uma jarra de água na minha cabeça.

Só que mamãe se pavoneava diante das perspectivas de Allie vir a se casar com um homem rico e de como era importante que conseguisse isso, como papai acerca da arte que ela produzia. Durante a Depressão, sacrifícios financeiros foram feitos para mandar Allie para estudar com herdeiras de grandes famílias de Indiana na escola para moças Tudor Hall, ou *Two-Door Hell* (Inferno de Duas Portas), o *Vazadouro de senhoritas,* quatro quarteirões ao sul da Shortridge High School, onde ela poderia ter recebido o que eu recebi, uma formação gratuita e muito mais rica, democrática e loucamente heterossexual.

Os pais da minha primeira mulher, Jane, Harvey e Riah Cox, agiram da mesma forma. Mandaram a filha única para Tudor Hall, compraram-lhe roupas de menina rica e mantiveram para ela o título de sócios do Woodstock Golf and Country Club que mal podiam pagar, para que ela pudesse se casar com um homem cuja família tivesse dinheiro e poder.

Quando primeiro a Depressão e depois a Segunda Guerra Mundial terminaram, a ideia de que um homem de uma família rica e poderosa de Indianápolis receberia permissão para se casar com uma moça cuja família não tinha onde cair morta, desde que ela tivesse os modos e o bom gosto de uma moça rica, revelou-se tão idiota quanto a ideia de tentar vender balões com bolas de barro úmido dentro.

Negócios são negócios.

O melhor que Allie conseguiu para marido foi Jim Adams, rapaz bonito, simpático e divertido, sem dinheiro nem profissão, que havia servido no setor de relações públicas do Exército durante a guerra. O melhor que Jane conseguiu, e era uma época de pânico para moças solteiras, foi um cara que voltou para casa como cabo, que antes de ir para a guerra vinha tirando péssimas notas em todos os cursos que frequentava em Cornell, e que não fazia a menor ideia do que fazer em seguida, agora que o livre-arbítrio se instalava novamente.

Vejam só: Jane não era só boas maneiras e roupas de menina rica. Ela obtivera grande distinção acadêmica na Swarthmore e havia sido a melhor escritora de lá!

Eu achava que eu talvez pudesse ser algum tipo de cientista medíocre, já que essa havia sido minha formação.

26

Na terceira edição de *The Oxford Dictionary of Quotations,* o poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) fala daquela "suspensão voluntária e temporária da descrença, que constitui a fé poética". Essa aceitação do disparate é essencial para a apreciação de poemas, romances e contos bem como da arte dramática. Algumas declarações de escritores, no entanto, são simplesmente ridículas demais para que se acredite nelas.

Quem por exemplo poderia acreditar em Kilgore Trout quando ele escreveu o seguinte trecho em *Meus dez anos no piloto automático*: "Existe um planeta no sistema solar no qual as pessoas são tão burras que nem em um milhão de anos puderam perceber que seu planeta tinha outra metade. Só foram calcular isso há quinhentos anos! Só há quinhentos anos! E mesmo assim eles agora se intitulam *Homo sapiens.*"

"Burras? Você está falando de burrice? As pessoas numa das metades eram tão burras que nem tinham alfabeto! Elas nem haviam inventado a roda ainda!"

Ora, Sr. Trout, me poupe!

Ele parece estar lançando seu escárnio especialmente sobre os aborígines americanos, que supostamente já teriam sido bem castigados, por sua falta de inteligência. De acordo com Noam Chomsky, professor no Massachusetts Institute of Technology (MIT), onde meu irmão, meu pai e meu avô completaram cursos de pós-graduação, mas onde meu tio materno, Peter Lieber, não se saiu bem: "As estimativas atuais sugerem que pode ter havido cerca de 80 milhões de aborígines americanos na América Latina quando Colombo 'descobriu' o continente — como costumamos dizer — e cerca de mais 12 a 15 milhões ao norte do Rio Grande."

Chomsky prossegue: “Já em 1650, cerca de 95% da população da América Latina havia sido dizimada; e na época em que as fronteiras continentais dos Estados Unidos foram estabelecidas, restavam cerca de 200.000 da população indígena.”

Na minha opinião, Trout, longe de querer castigar ainda mais os nossos aborígines, está levantando a questão, talvez com um excesso de sutileza, de saber se grandes descobertas, tais como a existência de mais um hemisfério ou o acesso à energia atômica, realmente tornam as pessoas mais felizes do que eram antes.

Eu mesmo afirmo que a energia atômica deixou as pessoas mais infelizes do que antes. E que ter de viver num planeta com dois hemisférios deixou nossos aborígines muito mais infelizes, sem que o pessoal da roda e do alfabeto que os “descobriu” tivesse sequer um pouco mais de prazer em estar vivo do que antes.

Mas a verdade é que sou um depressivo monopolar, de uma linhagem de depressivos monopolares. É por isso que escrevo tão bem.

Será que é melhor ter dois hemisférios do que um só? Sei que curiosidades não têm absolutamente nenhum valor científico, mas um bisavô meu por parte de mãe mudou de hemisfério a tempo de ser ferido na perna como soldado confederado na nossa Guerra Civil notoriamente desprovida de civilidade. Seu nome era Peter Lieber. Peter Lieber comprou uma cervejaria em Indianápolis, que prosperou. Uma criação sua conquistou uma Medalha de Ouro na Exposição de Paris de 1889. O ingrediente secreto era o café.

No entanto, Peter Lieber deu a cervejaria para o filho, Albert, meu avô materno, e voltou para seu hemisfério de origem. Concluiu que gostava mais daquele outro. E chegou aos meus ouvidos que há uma fotografia muito comum nos livros escolares que supostamente mostra imigrantes desembarcando aqui, mas na realidade eles estão embarcando num navio de volta ao lugar de onde vieram.

Este hemisfério não é nenhum mar de rosas. Minha mãe cometeu suicídio por aqui. E depois o trem em que estava meu cunhado despencou de uma ponte levadiça aberta.

27

O primeiro conto que Trout teve de reescrever depois que o tremor de tempo o lançou de volta a 1991, disse-me ele, foi “Refeição de cachorro”. Falava de um cientista maluco chamado Fleon Sunoco, que estava fazendo pesquisa nos National Institutes of Health (NIH) em Bethesda, Maryland. O Dr. Sunoco acreditava que as pessoas realmente inteligentes tinham pequenos receptores de rádio na cabeça e captavam suas ideias brilhantes de algum outro lugar.

— Os geninhos *tinham de estar obtendo ajuda externa* — disse-me Trout em Xanadu. Enquanto representava o louco Sunoco, o próprio Trout parecia convencido de que havia um computador enorme em algum lugar, que, através do rádio, havia falado a Pitágoras dos triângulos retângulos, a Newton da força da gravidade, a Darwin da evolução, a Pasteur dos micróbios, a Einstein da relatividade e assim por diante.

— Não importa onde esteja, não importa o que seja, esse computador, enquanto finge nos ajudar, pode estar de fato tentando nos *matar,* a nós patetas, com um excesso de coisas em que pensar — disse Kilgore Trout.

Trout disse não se ter importado de escrever “Refeição de cachorro” outra vez ou os trezentos ou mais contos que refez e jogou fora antes que o livre-arbítrio se instalasse novamente.

— Escrever ou reescrever é a mesma coisa para mim — disse ele. — Aos oitenta e quatro anos, meu espanto e divertimento são os mesmos de quando eu estava com quatorze anos e descobri que, se levasse a ponta de uma caneta ao papel, ela escreveria um conto por si só.

— Quer saber por que eu digo às pessoas que meu nome é Vincent van Gogh? — perguntou ele. E aqui é melhor que eu explique que o verdadeiro Vincent van Gogh foi um holandês que pintava no sul da França, cujos quadros figuram hoje entre os tesouros mais preciosos do mundo, mas que, durante sua própria vida, somente vendeu dois deles.

— Não é só porque ele, como eu — disse Trout —, não tivesse nenhum orgulho da sua aparência e causasse repulsa às mulheres, embora sem dúvida esse seja um fator.

— A principal semelhança entre mim e van Gogh é que ele pintava quadros que *o* surpreendiam com sua importância, muito embora ninguém mais lhes desse nenhum valor, e eu escrevo contos que *me* espantam, muito embora ninguém mais lhes dê nenhum valor. Até onde vai a sorte de cada um?

Trout era a única plateia de admiradores de que precisava para o que era e o que fazia. Isso lhe permitiu aceitar as condições da reprise como algo que não o surpreendia. Era apenas mais uma tolice no mundo lá fora, e não merecia mais respeito da sua parte do que guerras, colapsos econômicos, pestes, maremotos, astros da televisão ou o que quer que fosse.

Trout foi capaz de ser um herói tão racional ali nas vizinhanças da Academia no instante em que o livre-arbítrio voltou a se impor porque, na minha opinião, ele, ao contrário do resto de nós, não havia encontrado nenhuma diferença significativa entre a vida como *déjà vu* e a vida como material original.

Quanto ao fato de ter sido pouquíssimo afetado pela reprise, em comparação com o inferno que ela foi para a maioria de nós, ele escreveu em *Meus dez anos no piloto automático*: “Eu não precisava de um tremor de tempo para me ensinar que viver era uma merda. Isso eu já havia aprendido com minha infância, crucifixos e livros de história.”

Para que fique registrado, o Dr. Fleon Sunoco dos NIH, que é um homem rico e independente, contrata violadores de túmulos para que lhe tragam os cérebros de membros falecidos da Mensa, uma associação nacional de pessoas com alto quociente de inteligência, ou QI, conforme determinado por testes padronizados de habilidades verbais e não verbais, que comparam os que se submetem aos testes à ralé, ao *Lumpenproletariat.*

Seus asseclas necrófilos também lhe trazem cérebros de pessoas que morreram em acidentes realmente idiotas, atravessando a rua com o sinal fechado, acendendo uma churrasqueira de carvão com gasolina e casos semelhantes, para comparação. De modo a não despertar suspeitas, eles entregam os cérebros frescos um a um em baldes roubados de uma loja próxima da Kentucky Fried Chicken. Nem é preciso dizer que os superiores de Sunoco não fazem a menor ideia de quais sejam suas verdadeiras atividades quando ele trabalha até tarde da noite.

Eles chegam a perceber como Sunoco parece gostar de frango frito, que compra aos baldes, e que nunca oferece a mais ninguém. Também se perguntam como é que continua tão magro. Durante o expediente normal, ele faz o que é pago para fazer: desenvolver um pílula para controle da natalidade que tire todo o prazer do sexo para que os adolescentes não tenham vontade de fazer sexo.

À noite, porém, sem ninguém por perto, ele fatia cérebros de alto QI, à procura de rádios minúsculos. Na sua opinião, os membros da Mensa não se submeteram a nenhuma cirurgia para inseri-los. Acredita que eles *nasceram* com eles. O que quer dizer que os receptores devem ser de carne. Sunoco escreveu no seu diário secreto: “Não há como um cérebro humano, que não é mais do que uma refeição de cachorro, um quilo e meio de uma esponja encharcada de sangue, poderia ter composto, sem nenhum auxílio, ‘*Stardust*’, isso para não falar na Nona Sinfonia de Beethoven.”

Uma noite ele descobre uma minúscula protuberância, inexplicada, da cor de meleca, que não chega a ser maior do que uma semente de mostarda, no ouvido interno de um membro da Mensa, que quando estava no segundo grau ganhava todos os concursos de ortografia. *Heureca!*

Ele examina novamente o ouvido interno de uma palerma que morreu quando estava, de patins, agarrando maçanetas de veículos em alta velocidade. Nenhum dos seus ouvidos internos apresentava uma protuberância da cor de meleca. *Heureca!*

Sunoco examina mais cinquenta cérebros, metade de pessoas tão burras que não dava para se acreditar, metade de pessoas tão inteligentes que não dava para se acreditar. Só os ouvidos internos dos cientistas de maior ascensão, por assim dizer, apresentam protuberâncias. As protuberâncias *têm de ter sido o motivo* pelo qual os inteligentes eram tão bons nos testes de QI. Um pedacinho de tecido a mais tão pequeno assim, e não sendo nada além de tecido, não poderia ter sido de maior utilidade do que uma espinha. Tem de ser um rádio! E rádios desse tipo têm de estar fornecendo as respostas certas a perguntas, por mais enigmáticas que sejam, dos membros mais destacados da Mensa e da Phi Beta Kappa e dos participantes de programas de perguntas e respostas na televisão.

Trata-se de uma descoberta digna de um prêmio Nobel! Por isso, mesmo antes de publicá-la, Fleon Sunoco sai e compra um fraque para ir a Estocolmo.

28

Segundo Trout: “Fleon Sunoco suicidou-se jogando-se do alto do prédio dos National Institutes of Health e caindo no estacionamento. Estava usando seu novo fraque, que jamais chegaria a Estocolmo.

“Ele percebeu que sua descoberta provava que ele não merecia nenhum crédito por tê-la feito. O tiro lhe saiu pela culatra! Era impossível que qualquer um que tivesse feito algo tão maravilhoso quanto o que ele fizera pudesse ter realizado a proeza apenas com um cérebro humano, com nada além da refeição de cachorro que ele trazia na caixa craniana. Ele só poderia ter chegado àquele resultado com ajuda de fora.”

Quando o livre-arbítrio voltou a se instalar após um hiato de dez anos, Trout fez a transição do *déjà vu* para oportunidades ilimitadas, quase sem perceber. A reprise o trazia de volta ao ponto no contínuo espaço-tempo no qual ele estava novamente contando a história do soldado britânico que tinha a cabeça no lugar do dim-dom e o dim-dom no lugar onde a cabeça deveria estar.

Sem aviso e em silêncio, a reprise parou.

Foi um momento e tanto para qualquer pessoa que estivesse no comando de algum meio de transporte automotivo, que fosse passageiro num deles ou que estivesse parado no caminho de um deles. Ao longo de dez anos, as máquinas, como as pessoas, vinham fazendo o mesmo que haviam feito na primeira vez que passaram pela década, muitas vezes com resultados fatais, sem dúvida. Como escreveu Trout em *Meus dez anos no piloto automático*: “Com reprise ou sem ela, os meios de transporte modernos estão sempre por um triz.” Na segunda vez, porém, foi o Universo com seu soluço, não a humanidade, o responsável por absolutamente todas as fatalidades. As pessoas poderiam estar dando a impressão de estar dirigindo veículos, mas na verdade não estavam. Elas não tinham a possibilidade de dirigir nada.

Citando Trout mais uma vez: “O cavalo conhecia o caminho de casa.” No entanto, quando a reprise terminou, o cavalo, que poderia na realidade ter sido qualquer coisa, desde uma lambreta até um jumbo, não sabia mais o caminho de casa. As pessoas teriam de lhe dizer o que fazer em seguida, se não quisessem que ele se tornasse um joguete totalmente amoral das Leis do Movimento de Newton.

Trout, na sua cama de lona ao lado da Academia, não estava operando nada mais perigoso ou teimoso do que uma caneta esferográfica. Quando o livre-arbítrio voltou a se instalar, ele simplesmente continuou a escrever. Terminou o conto. As asas de uma narrativa, que implorava por ser relatada, haviam transportado seu autor fazendo com que superasse o que foi para a maioria de nós um abismo que se escancarava.

Só depois de completar sua própria atividade envolvente, o conto, foi que Trout se sentiu livre para observar o que o mundo ali fora ou, na realidade, o Universo poderia estar fazendo agora, se é que estava fazendo alguma coisa. E, como homem sem cultura ou sociedade, ele estava especialmente livre para aplicar a Navalha de Occam ou, se preferirem, o Princípio de Parcimônia, a praticamente qualquer situação, a saber: A explicação mais simples de um fenômeno é, em noventa por cento dos casos, digamos, mais verdadeira do que uma explicação realmente sofisticada.

As ruminações de Trout a respeito de como havia conseguido terminar um conto cuja conclusão havia sido impedida por tanto tempo não foram complicadas por paradigmas convencionais do significado da vida, o que o Universo pode ou não pode fazer, e assim por diante. Por isso, o velho escritor de ficção científica pôde seguir direto para esta simples verdade: que todos estiveram passando pela mesma situação que ele havia enfrentado nos últimos dez anos, que ele não havia enlouquecido, que não havia morrido e ido para o inferno, e que o Universo havia encolhido um pouquinho para depois retomar a expansão, fazendo com que tudo e todos fossem robôs do próprio passado e demonstrando, por sinal, que o passado era indestrutível e inflexível, ou seja,

> *O Ponteiro que se Move escreve; e, tendo escrito,*
> *Prossegue. Nem toda a tua Devoção, ou Astúcia,*
> *Conseguirá induzi-lo a cancelar meia Linha.*
> *Nem todo o teu Pranto, apagar uma Letra do que foi dito.*

E então, no que era a tarde de 13 de fevereiro de 2001, na cidade de Nova York, lá para os confins da West 155th Street, e por toda a parte, o livre-arbítrio de repente voltou a se instalar.

29

Eu, também, passei do *déjà vu* a oportunidades ilimitadas numa série de atos que eram contínuos. Um observador poderia ter dito que exerci o livre-arbítrio no instante em que ele se tornou disponível. Eis a questão, porém: eu havia derramado um prato de sopa de galinha com macarrão quentíssima no colo, dei um salto da cadeira e com as próprias mãos estava tentando limpar o líquido escaldante e o macarrão da frente das minhas calças pouco antes do tremor de tempo. Era isso o que eu estava fazendo de novo no final da reprise.

Quando o livre-arbítrio voltou a se instalar, eu simplesmente continuei a tentar tirar a sopa da minha roupa antes que ela se infiltrasse até minha cueca. Trout comentou, com total acerto, que meus atos haviam sido *reflexos*, não suficientemente criativos para serem considerados atos de livre-arbítrio.

— Se você estivesse pensando — disse ele — você teria aberto o zíper das calças e deixado que elas caíssem em volta dos tornozelos, já que estavam encharcadas de sopa. Por mais que você raspasse freneticamente a superfície das calças, isso não iria impedir que a sopa se infiltrasse até chegar à cueca.

Trout estava sem dúvida entre as primeiras pessoas no mundo inteiro, e não só entre as que se encontravam lá nos confins da West 155th Street, a perceber que o livre-arbítrio voltara a se instalar. Isso foi muito interessante para ele, como não foi para muitos outros. A maioria das outras pessoas, depois da implacável reprise dos seus erros, da sua falta de sorte e de vitórias sem significado ao longo dos últimos dez anos, havia, nas palavras de Trout, “parado de dar a mínima para o que estivesse acontecendo ou que pudesse estar por acontecer”. Essa síndrome acabaria recebendo o nome de *Apatia Pós-Tremor,* ou APT.

Trout agora fazia uma experiência que muitos de nós haviam tentado no início da reprise. Dizia coisas sem sentido, de propósito e em voz alta, como por exemplo: “Bupabupadupa, gugu-dadá, sebosento, uauá” e outras. Todos nós tentamos dizer palavras de natureza semelhante no nosso segundo 1991 esperando com isso provar que ainda podíamos dizer ou fazer o que quer que quiséssemos, se nos esforçássemos o suficiente. Claro que não podíamos. Mas, quando Trout tentou dizer “Bifocais de *mink* abóbora” ou fosse lá o que fosse, *depois* do final da reprise, é claro que conseguiu.

Sem nenhum problema!

As pessoas na Europa, na África e na Ásia estavam na escuridão quando o livre-arbítrio se instalou. A maioria estava na cama ou sentada em algum canto. No seu hemisfério foi muito menor o número de pessoas que caíram do que no nosso, onde uma nítida maioria estava bem acordada.

Em qualquer dos dois hemisférios, uma pessoa que caminhasse costumava se desequilibrar, inclinando-se na direção para a qual seguia, e com a maior parte do peso distribuído de forma pouco uniforme entre os pés. Quando o livre-arbítrio se instalou, essa pessoa naturalmente caiu. E permaneceu no chão, mesmo no meio de uma rua com os carros avançando, em decorrência da Apatia Pós-Tremor.

Dá para se imaginar como ficaram as bases de escadarias e escadas rolantes, especialmente no Hemisfério Ocidental, depois que o livre-arbítrio se instalou.

É assim que é o *Novo Mundo,* se quer saber!

Minha irmã Allie na vida real, que para ela durou apenas quarenta e um anos, que sua alma descanse em paz, achava que cair era uma das coisas mais engraçadas que uma pessoa podia fazer. Não estou falando de pessoas que caíam em virtude de derrames, ataques do coração, rupturas de tendões ou motivos semelhantes. Estou falando de pessoas de dez anos de idade ou mais, de qualquer raça ou sexo, em condições físicas razoavelmente boas que, num dia como qualquer outro, de repente levam um tombo.

Quando Allie estava decididamente morrendo, sem muito tempo de vida, eu ainda conseguia enchê-la de alegria, conseguia proporcionar-lhe uma *revelação*, por assim dizer, se comentasse o tombo de alguém. Meu relato não poderia ser do cinema ou de ouvir falar. Tinha de ser um lembrete grosseiro da força da gravidade que eu mesmo tivesse testemunhado.

Somente uma das minhas histórias era sobre um comediante profissional. Era do tempo em que eu tive a felicidade de ainda ver os estertores do teatro de variedades no palco do Apollo Theater, em Indianápolis. Um homem perfeitamente maravilhoso, meu tipo de santo, como parte integrante do seu número, a certa altura caía no poço da orquestra e voltava a subir ao palco enfiado no bumbo.

Todas as minhas histórias, que Allie nunca se cansou de ouvir até estar mais morta do que um poste, envolviam *amadores.*

30

Uma vez, quando Allie estava talvez com quinze anos e eu com dez, ela ouviu alguém caindo da escada do porão, num ruidoso trambolhão. Pensou que fosse eu e ficou parada no alto da escada, se arrebentando de tanto rir. Isso talvez tenha sido em 1932, quando a Depressão já estava com uns três anos.

Mas não era eu. Era um cara da companhia de gás, que estava ali para ler o medidor. Ele saiu do porão batendo os pés, todo desarrumado e absolutamente furioso.

Uma outra vez, quando Allie tinha dezesseis anos ou mais, já que estava dirigindo um carro em que eu era passageiro, nós vimos uma mulher sair de um bonde parado, totalmente na horizontal, com a cabeça na frente e o corpo paralelo à calçada. Os saltos dos seus sapatos haviam ficado presos não sei bem como.

Como escrevi em algum outro lugar e declarei em entrevistas, Allie e eu rimos dessa mulher anos a fio. Ela não sofreu ferimentos graves. E voltou a se pôr de pé com facilidade.

Uma história que só eu presenciei, mas que Allie gostava de ouvir de qualquer jeito, era a de um cara que se ofereceu para ensinar uma mulher linda, que não era sua esposa, a dançar tango. Era o final de um coquetel que já havia perdido boa parte da animação.

Não creio que a esposa estivesse presente. Não consigo imaginar que ele tivesse feito um oferecimento desses se sua mulher estivesse lá. Ele não era professor de dança profissional. Talvez houvesse dez pessoas ao todo ali, incluindo-se o casal anfitrião. Isso foi nos tempos dos toca-discos. Os anfitriões haviam cometido o erro tático de pôr no toca-discos uma gravação em acetato de tango.

E assim esse cara, com os olhos cintilando, as narinas trêmulas, pegou nos braços a linda mulher e levou um tombo.

Isso mesmo, e todas as pessoas que caíram em *Timequake I*, bem como as que caem agora neste livro, são como “FODA-SE A ARTE!” pintado com tinta spray na porta de aço da Academia. São uma homenagem à minha irmã Allie. São o tipo de pornografia de Allie: pessoas às quais foram negadas posturas dignas pela gravidade em vez de pelo sexo.

Segue-se uma estrofe de uma canção popular durante a Depressão.

Ontem papai chegou tarde.
Mamãe lhe disse: “Você está bebum.”
Quando ele tentou acender a luz
Caiu no chão e fez BUUUM!

Foi, porém, de forma desagradável que descobri, numa apresentação de o *Lago dos cisnes* pelo Royal Ballet em Londres, na Inglaterra, que o impulso de rir de pessoas saudáveis que, mesmo assim, levam tombos não é de modo algum universal. Eu estava na plateia com minha filha Nanny, que àquela altura devia estar com uns dezesseis anos. Ela está agora com quarenta e um, neste verão de 1996. Isso deve ter acontecido há uns vinte e cinco anos!

Uma bailarina, na ponta dos pés, ia saindo delicadamente para os bastidores como se esperava que fizesse. E então ouviu-se um ruído nas coxias, como se ela tivesse enfiado o pé num balde e depois caído de uma escada de ferro ainda com o pé no balde.

Eu imediatamente quase morri de tanto rir.

Fui a única pessoa a ter essa reação.

Um incidente semelhante ocorreu numa apresentação da Orquestra Sinfônica de Indianápolis quando eu era pequeno. Eu não estava envolvido, porém, e não se tratou de riso. Havia uma peça musical que estava ficando cada vez mais alta e que deveria parar de repente.

Na mesma fileira que eu, talvez a umas dez poltronas de mim, estava uma mulher a conversar com uma amiga durante o *crescendo,* e ela também precisava falar cada vez mais alto. A música parou. E ela gritou, estridente: “OS MEUS EU FRITO NA MANTEIGA!”

31

Minha filha Nanny e eu fomos a Westminster Abbey no dia seguinte àquele em que me transformei num pária no Royal Ballet. Ela ficou assombrada quando se deparou com o túmulo de Sir Isaac Newton. Na sua idade, e naquele mesmo lugar, meu irmão mais velho Bernie, um cientista nato que não consegue desenhar ou pintar nem que a vaca tussa, teria ficado ainda mais embasbacado.

E da mesma forma qualquer pessoa instruída poderia se considerar o cocô da mosca do cocô do cavalo do bandido quando contemplasse as ideias tremendamente verdadeiras que esse comum dos mortais emitiu, aparentemente sem nenhum outro recurso, ao que saibamos, além dos sinais da sua refeição de cachorro, daquele seu quilo e meio de esponja encharcada de sangue. Esse macaco nu inventou o cálculo diferencial! Inventou o telescópio de reflexão! Descobriu e explicou como um prisma decompõe um raio de luz do sol nas cores que o constituem! Detectou e registrou leis anteriormente desconhecidas que governavam o movimento, a gravidade e a ótica!

Ai, dá um tempo!

"Chamando o Dr. Fleon Sunoco! Afie seu bisturi microscópico. Não é que temos um *cérebro* para o senhor!"

Minha filha Nanny tem um filho, Max, que está com doze anos, agora em 1996, na metade da reprise. Ele estará com dezessete anos quando Kilgore Trout morrer. Neste último mês de abril, Max fez para a escola um trabalho realmente fantástico sobre Sir Isaac Newton, um super-homem de aparência tão comum. O trabalho me disse algo que eu não sabia. Que Newton foi aconselhado por seus supervisores oficiais a tirar uma folga das duras verdades da ciência para se atualizar em teologia.

Gosto de pensar que fizeram isso, não porque fossem tolos, mas para relembrá-lo de como o faz de conta da religião pode ser um consolo e um estímulo para as pessoas comuns.

Para citar o conto “Empire State” de Kilgore Trout, que fala de um meteoro do tamanho e da forma do arranha-céu de Manhattan, e que se aproximava da Terra de cabeça, a uma velocidade constante de oitenta quilômetros por hora: “A ciência nunca alegrou ninguém. A verdade sobre a situação humana é simplesmente horrível demais.”

E a verdade sobre essa situação em todo o planeta nunca será pior do que foi durante as primeiras horas após o final da reprise. É claro que havia milhões de pedestres deitados no chão porque o peso não estava distribuído de modo uniforme quando o livre-arbítrio voltou a se instalar. Mas a maioria deles até que estava bem, à exceção daqueles que estavam perto do alto de escadarias e escadas rolantes. A maioria não se machucou mais do que a mulher que Allie e eu vimos saindo de um bonde num mergulho de cabeça.

Como já disse antes, os danos verdadeiros foram causados por meios de transporte automotivos, dos quais não havia naturalmente nenhuma unidade no interior do ex-Museu do Índio. Tudo continuou em paz ali dentro, mesmo com as colisões de veículos e os gritos dos feridos e moribundos atingindo um *crescendo* lá fora.

“Os meus eu frito na manteiga!” mesmo.

Os vagabundos, ou “gado sagrado”, como Trout os chamava, estavam sentados ou deitados de bruços ou de costas quando ocorreu o tremor de tempo. Era assim que se encontravam quando a reprise terminou. Como o livre-arbítrio poderia feri-los?

— Mesmo antes do tremor — diria Trout a respeito deles mais tarde — eles haviam exibido sintomas indistinguíveis dos sintomas da APT.

Trout foi o único que se levantou com um pulo quando um caminhão do corpo de bombeiros descontrolado, um daqueles com escada Magirus, colidiu com a entrada da Academia com seu para-choque dianteiro direito e seguiu caminho. O que ele fez dali em diante não teve nada a ver com as pessoas, e não poderia ter tido. A súbita redução da sua velocidade, em decorrência do raspão que deu na Academia, fez com que os bombeiros aparvalhados que estavam nele voassem pelo ar à velocidade que o caminhão desenvolvia quando vinha ladeira abaixo da Broadway, antes de bater. O melhor palpite de Trout, com base na distância atingida pelo voo dos bombeiros, era de cerca de oitenta quilômetros por hora.

Desacelerado e sem tripulação, o veículo de socorro fez uma curva fechada à esquerda entrando no cemitério do outro lado da rua em frente à Academia. Começou a subir uma ladeira íngreme, parou pouco antes de chegar ao topo e veio rolando para trás. A colisão com a Academia havia passado sua alavanca de câmbio para o *ponto morto*!

Foi apenas o momento o que o havia feito subir a ladeira. O motor poderoso roncava. O acelerador estava preso. Mas a única oposição que ele conseguia oferecer à força da gravidade era a inércia da sua própria massa. Já não estava mais ligado às rodas traseiras pelo eixo de transmissão!

Ouçam só essa: a gravidade arrastou o estridente monstro vermelho de volta à West 155th Street e depois de ré na direção do rio Hudson.

A colisão do veículo de socorro com a Academia foi tão forte, embora de raspão, que fez com que um candelabro de cristal caísse no piso do *foyer.*

O elegante lustre por questão de centímetros não atingiu o vigilante armado Dudley Prince. Se ele não tivesse estado parado em pé, com o peso distribuído uniformemente entre os dois pés, na hora em que o livre-arbítrio voltou, teria caído de bruços na direção para a qual olhava, a da porta da frente. O candelabro o teria *matado.*

Querem falar de sorte? No momento inicial do tremor de tempo, Zoltan, o marido paraplégico de Monica, estava tocando a campainha. Dudley Prince estava prestes a ir até a porta de aço. Antes, porém, que pudesse dar um passo nessa direção, um alarme de fumaça disparou na pinacoteca às suas costas. Ele ficou paralisado. Para onde ir?

Portanto, quando o livre-arbítrio voltou a se instalar, ele estava nas garras do mesmo dilema. O alarme de incêndio às suas costas lhe havia salvado a vida!

Quando soube dessa salvação milagrosa de uma morte por lustre, graças a um alarme de incêndio, Trout citou Katharine Lee Bates, falando em vez de cantando:

Oh, bela, pelos céus amplos
Pelas ondas de âmbar dos trigais,
Pelo púrpura da montanha majestosa
Acima da planície frutífera!
América! América!
Que Deus derrame sua bênção sobre ti
E coroe tua prosperidade com a fraternidade
De um oceano cintilante ao outro.

Em decorrência da APT, o ex-presidiário de uniforme era uma estátua inoperante em termos motivacionais quando Kilgore Trout se precipitou pela entrada que não estava mais fechada, minutos depois de as rigorosas normas do livre-arbítrio terem voltado à vigência.

— Acordem! Pelo amor de Deus, acordem! Livre-arbítrio! Livre-arbítrio! — gritava Trout.

A porta de aço não estava apenas caída na horizontal, com a mensagem enigmática “ODA-SE A AR”, de tal forma que Trout precisou pular por cima para chegar a Prince. Ela ainda estava trancada e presa ao batente pelas dobradiças. O próprio batente é que se soltara com o impacto. Estava agora separado da alvenaria em volta. A porta, as dobradiças, os trincos e o olho mágico estavam praticamente intactos, já que o batente havia oferecido resistência quase nenhuma ao caminhão desgovernado.

O empreiteiro que instalou a porta e o batente havia feito economia na fixação do batente à alvenaria. Tratava-se de um vigarista!

— O incrível era que conseguisse dormir à noite! — diria Trout mais tarde a respeito daquele profissional, e o mesmo poderia ser dito de todos os empreiteiros que agem dessa forma.

32

Costumo dizer em palestras em 1996, já passada metade da reprise até 2001, que fui estudar no Departamento de Antropologia da Universidade de Chicago depois da Segunda Guerra Mundial. Digo, brincando, que nunca deveria ter estudado essa matéria porque não consigo suportar os primitivos. São tão *burros*! O verdadeiro motivo pelo qual meu interesse pelo estudo do homem como animal esmoreceu foi que minha mulher Jane Marie Cox Vonnegut, que morreria como Jane Marie Cox Yarmolinsky, deu à luz um bebê chamado Mark. Estávamos precisando de grana.

A própria Jane, uma das melhores alunas de Swarthmore, havia conseguido uma bolsa de estudos no Departamento de Russo da universidade. Quando engravidou de Mark, ela renunciou à bolsa. Lembro-me de termos encontrado o chefe do Departamento de Russo na biblioteca, e de ela ter dito a esse melancólico refugiado do stalinismo que precisava largar tudo por ter sido infectada com um descendente.

Mesmo sem um computador, nunca vou poder me esquecer do que ele disse a Jane.

— Minha cara Sra. Vonnegut, a gravidez é o *início,* não o fim da vida.

O que quero dizer, porém, é que um dos cursos que fiz exigia que eu lesse e me preparasse para debater *Estudo de história,* do historiador inglês Arnold Toynbee, que agora está no Céu. Ele escreveu sobre desafios e reações, dizendo que várias civilizações persistiam ou fracassavam, dependendo de os desafios que enfrentassem estarem simplesmente acima do seu alcance ou não. Ele dava exemplos.

O mesmo poderia ser dito de indivíduos que gostariam de ter um comportamento heroico. E com maior impacto ainda no caso de Kilgore Trout na tarde e noite de 13 de fevereiro de 2001, depois que o livre-arbítrio se instalou. Se ele tivesse estado na região de Times Square, perto da entrada ou da saída de alguma ponte ou de algum túnel importante, ou num aeroporto no qual os pilotos, como haviam aprendido a agir durante a reprise, esperavam que seus aviões decolassem ou aterrissassem sozinhos, sem problemas, o desafio teria sido avassalador não só para Trout mas para qualquer outro.

O que Trout contemplou quando saiu do abrigo em resposta ao estrondo no prédio vizinho foi uma cena apavorante, sim, mas o elenco era pequeno. Os mortos e moribundos estavam bem espalhados, em vez de empilhados ou confinados num ônibus ou avião em chamas ou esmagado. Eles ainda eram indivíduos. Vivos ou mortos, ainda tinham personalidades, com histórias a serem lidas nos seus rostos e roupas.

O trânsito de veículos naquele trecho da West 155th Street, lá naquele fim de mundo e que não era caminho para parte alguma, costumava ser a qualquer hora do dia praticamente inexistente. Isso tornou o caminhão do corpo de bombeiros um artista solo, quando Trout ficou olhando a força da gravidade arrastá-lo para trás na direção do rio Hudson. Ele teve tanta liberdade para pensar detalhadamente no caminhão desafortunado, apesar do baralho que vinha de vias mais movimentadas, que concluiu com calma, como me relataria em Xanadu, que uma de três explicações para seu desamparo tinha de ser a certa: sua alavanca de marchas estava em ré ou em ponto morto, o eixo de transmissão estava quebrado ou a embreagem estava patinando.

Ele não entrou em pânico. Suas experiências como observador avançado da artilharia lhe haviam ensinado que o pânico só piora as coisas.

— Na vida real, como na ópera dramática, as árias só pioram as situações irremediáveis — diria ele, depois, em Xanadu.

E a verdade é que ele não entrou em pânico. Ao mesmo tempo, entretanto, ainda precisava perceber que só ele estava andando e totalmente alerta. Trout havia calculado por alto o que o Universo havia feito, encolhido para depois se expandir. Essa era a parte *fácil.* O que estava realmente acontecendo, a não ser pelo fato de ser concreto, poderia perfeitamente ser a consequência no papel de uma ideia para um conto que ele próprio havia escrito, rasgado em pedaços e jogado num vaso sanitário antes de dar a descarga numa rodoviária ou fosse lá onde fosse, anos atrás.

Ao contrário de Dudley Prince, Trout não havia chegado a obter um diploma de supletivo de segundo grau, mas ele apresentava pelo menos uma semelhança espantosa com meu irmão mais velho, Bernie, que é Ph.D. em físico-química pelo MIT. Tanto Bernie quanto Trout, desde o início da adolescência, se dedicavam a uma brincadeira imaginária que começava com a seguinte pergunta: “Se tal e tal fato acontecessem na nossa proximidade, como seria? Como seria?”

O que Trout havia deixado de extrapolar a partir da premissa do tremor de tempo e da reprise, na relativa tranquilidade do finalzinho da West 155th Street, era que todo mundo num raio de quilômetros estava imobilizado, se não fosse pela morte ou por ferimentos graves, então pela APT. Trout gastou momentos preciosos esperando pela chegada de gente jovem e saudável, equipes de ambulâncias, policiais, mais bombeiros e especialistas em desastres da Cruz Vermelha e da Defesa Civil, que se encarregariam de tudo.

Lembrem-se, pelo amor de Deus! O pobre coitado estava com oitenta e quatro anos de idade! Como fazia a barba diariamente, era comum que o confundissem com uma velhinha de rua, em vez de um velhinho de rua, mesmo quando não estava usando seu lenço de cobertor de bebê amarrado debaixo do queixo. Era, portanto, incapaz de inspirar o mínimo respeito. Quanto às suas sandálias, pelos menos eram resistentes. Eram feitas do mesmo material das sapatas do freio da *Apollo 11,* que havia levado Neil Armstrong à Lua, na qual ele foi o primeiro ser humano a andar, em 1969.

As sandálias eram saldos do governo na guerra do Vietnã, a única guerra que um dia perdemos e durante a qual o filho único de Trout, Leon, havia sido desertor. Os soldados norte-americanos em patrulha naquele conflito usavam as sandálias por cima das botas leves adequadas à selva. Agiam assim porque o inimigo costumava enfiar no chão, nos caminhos que cruzavam a mata, cravos com a ponta para cima, cravos estes sujos com excrementos para provocar infecções graves.

Trout, relutando tanto a jogar roleta-russa com o livre-arbítrio novamente na sua idade, e especialmente com as vidas de terceiros em jogo, afinal percebeu que, desse no que desse, era melhor ele começar a se mexer. Mas o que era que podia fazer?

33

Meu pai costumava citar Shakespeare errado, mas nunca o vi ler um livro.

Isso mesmo, e me disponho a sugerir que o maior autor da língua inglesa até os dias de hoje foi Lancelot Andrewes (1555-1626), não o Bardo de Avon (1564-1616). Naquela época, sem dúvida respirava-se poesia. Ouçam esta:

> *O Senhor é meu pastor, nada me faltará.*
> *Ele me leva a descansar em pastagens verdejantes e me conduz a águas tranquilas.*
> *Ele revigora minha alma e me guia pelos caminhos da virtude pela honra de seu nome.*
> *É, ainda que eu caminhe pelo vale da sombra da morte, não temerei nenhum mal: porque estais comigo, vosso cajado e vosso bastão são meu conforto.*
> *Preparais para mim uma mesa na presença de meus inimigos: ungis com óleo minha cabeça, minha taça transborda.*
> *Decerto a bondade e a graça irão acompanhar-me todos os dias de minha vida, e habitarei para sempre na casa do Senhor.*

Lancelot Andrewes foi o principal tradutor e parafraseador entre os estudiosos que nos deram a tradução da Bíblia de 1611.

Será que Kilgore Trout algum dia escreveu poemas? Ao que eu saiba, escreveu apenas um. Isso, no seu penúltimo dia de vida. Ele estava plenamente consciente de que a Ceifadora Implacável estava chegando e chegando veloz. É útil saber que há um sapotizeiro entre a mansão e a garagem em Xanadu. Escreveu Trout:

Quando o sapoti
Virar ti-ti-ca
Volto para ti.

34

Minha primeira mulher, Jane, e minha irmã, Allie, tinham mães que ficavam loucas de quando em quando. Jane e Allie se haviam formado na Tudor Hall e haviam um dia sido as garotas mais bonitas e alegres do Woodstock Golf and Country Club. Por sinal, todos os escritores, por mais duros que sejam ou por mais motivos que possam dar a censuras de outras naturezas, têm esposas bonitas. Alguém deveria estudar esse fato.

Graças a Deus, Jane e Allie perderam o tremor de tempo. Minha opinião é a de que Jane teria encontrado algo de bom na reprise. Já Allie não. Jane era otimista e amava a vida. Lutou contra o carcinoma até o último instante. As últimas palavras de Allie expressavam alívio, e nada mais. Como registrei em outro lugar, elas foram: “A dor acabou, a dor acabou.” Não a ouvi dizer isso, nem nosso irmão mais velho, Bernie, ouviu. Um auxiliar de enfermagem do hospital, com sotaque estrangeiro, nos transmitiu essas palavras por telefone.

Não sei quais poderiam ter sido as últimas palavras de Jane. Já andei perguntando. Àquela altura, ela era mulher de Adam Yarmolinsky, não minha. Jane evidentemente afundou sem falar, sem perceber que não ia voltar a subir à tona para respirar. No seu enterro, numa igreja episcopal em Washington, D.C., Adam disse aos que lá estavam reunidos que sua exclamação preferida era: “Mal posso esperar!”

O que Jane esperava com tanta alegria repetidas vezes era alguma ocasião que envolvesse um ou mais de um dos nossos seis filhos, todos adultos com seus próprios filhos: um marceneiro, um humorista, um pediatra, uma pintora, um piloto de avião e uma gravadora.

Na sua cerimônia fúnebre na igreja episcopal, eu não falei. Não fui capaz. Tudo o que eu tinha a dizer era só para ela ouvir, e ela não existia mais. A última conversa que tivemos, como dois velhos amigos de Indianápolis, foi duas semanas antes da sua morte. Foi por telefone. Ela estava em Washington, D.C., onde o casal Yarmolinsky residia. Eu estava em Manhattan, casado, como ainda estou, com a fotógrafa e escritora Jill Krementz.

Não sei quem fez a ligação, quem estava pagando por ela. Poderia ter sido qualquer um dos dois. Não importa quem tenha sido, revelou-se que o objetivo da ligação era a despedida.

Nosso filho, o doutor Mark, diria depois que ela morreu que ele próprio não se teria submetido a todos os procedimentos médicos com os quais ela concordou a fim de continuar viva o maior tempo possível, para continuar dizendo, com os olhos brilhando: “Mal posso esperar!”

Nossa última conversa foi íntima. Jane me perguntou, como se eu soubesse, o que determinaria o momento exato da sua morte. Ela pode ter tido a sensação de ser como um personagem num livro escrito por mim. Num certo sentido, ela foi. Durante os vinte e dois anos do nosso casamento, era eu quem decidia para onde iríamos em seguida, para Chicago, Schenectady, Cape Cod. Era o meu trabalho que determinava o que íamos fazer. Ela nunca teve um emprego. Criar seis filhos já era suficiente.

Disse-lhe ao telefone que um menino de dez anos de idade, bronzeado, com um ar de moleque, entediado mas não infeliz, que nós não conhecíamos, estaria parado na encosta de cascalho da rampa de barcos no início de Scudder’s Lane. Ele estaria olhando para nada em especial, aves, embarcações, fosse o que fosse, na enseada de Barnstable, em Cape Cod.

Na outra extremidade de Scudder’s Lane, na Rodovia 6-A, a uns duzentos metros da rampa de barcos, fica o velho casarão onde cuidamos de nosso filho, das duas filhas e dos três filhos de minha irmã até que atingissem a idade adulta. Nossa filha Edith e seu marido, o construtor John Squibb, com os dois filhos pequenos, Will e Buck, moram lá agora.

Eu disse a Jane que esse menino, sem nada melhor a fazer, apanharia uma pedra, como é costume dos garotos. Ele a lançaria numa grande curva sobre a enseada. Quando a pedra atingisse a água, ela morreria.

Jane conseguia acreditar profundamente em qualquer coisa que fizesse com que a vida parecesse cheia de magia luminosa. Essa era sua força. Foi criada na religião quacre, mas parou de comparecer às reuniões dos Amigos depois dos quatro anos de felicidade em Swarthmore. Entrou para a igreja episcopal depois de se casar com Adam, que continuou judeu. Quando morreu, ela acreditava na Trindade, no Paraíso, no Inferno e em todo o resto. Fico tão feliz. Por quê? Porque eu a amava.

35

Os indivíduos que contam histórias no papel, não que elas tenham qualquer importância nos nossos dias, sempre foram ou *impetuosos* ou *batalhadores.* Os impetuosos escrevem um conto rapidamente, de roldão, de chofre, de qualquer jeito. Depois, eles repassam a obra com enorme esmero, corrigindo tudo que esteja simplesmente horrível ou que não funcione. Os batalhadores seguem frase por frase, aperfeiçoando cada uma ao máximo antes de passar para a seguinte. Quando terminam, está terminado.

Sou um batalhador. A maioria dos homens é de batalhadores. E a maioria das mulheres, impetuosas. Repito: alguém deveria estudar isso. Pode ser que escritores de um sexo ou do outro tenham *nascido* para ser impetuosos ou batalhadores. Visitei a Rockefeller University recentemente, e eles estão procurando e encontrando uma quantidade cada vez maior de genes que têm a tendência a *fazer com que* nos comportemos de uma forma ou de outra, exatamente como uma reprise depois de um tremor de tempo faria. Mesmo antes dessa visita, eu já tinha a impressão de que meus filhos com Jane e os de Allie e Jim, embora não fossem parecidos como adultos, se haviam tornado, cada um por si, o tipo de adulto que praticamente *tinham de se tornar.*

Todos os seis vão bem.

Mas a verdade é que todos os seis tiveram inúmeras oportunidades de se sair bem. Se pudermos acreditar no que lemos nos jornais, no que vemos e ouvimos na televisão e na Estrada da Informação, a maioria das pessoas não tem.

Parece-me que escritores que são impetuosos consideram maravilhoso que as pessoas sejam divertidas, trágicas ou não importa o quê, *dignas de figurar num relato,* sem se perguntar por que ou como as pessoas estão vivas para começar.

Já os batalhadores, enquanto vão ostensivamente criando uma frase após a outra com a eficiência possível, podem na realidade estar derrubando cercas e portas aparentes, abrindo caminho entre aparentes obstáculos de arame farpado, sob fogo e numa atmosfera de gás mostarda, em busca de respostas para estas perguntas eternas: “O que é que deveríamos estar fazendo? O que é que realmente está acontecendo?”

Se os batalhadores não se dispuserem a aceitar o “*Il faut cultiver notre jardin*”, do batalhador Voltaire, ainda resta a política dos direitos humanos, que estou disposto a debater. Começo com duas histórias reais do final da guerra que foi minha e de Trout, na Europa.

Prestem atenção. Durante algum tempo, após a rendição da Alemanha no dia 7 de maio de 1945, tendo sido aquele país direta ou indiretamente responsável pelas mortes de talvez quarenta milhões de pessoas, havia um bolsão de anarquia ao sul de Dresden, perto da fronteira tcheca, que ainda estava por ser ocupado e policiado pelas tropas da União Soviética. Eu me encontrava ali e o descrevi parcialmente no meu romance *Bluebeard.* Milhares de prisioneiros de guerra como eu haviam sido liberados naquele local, junto com sobreviventes de campos de extermínio com tatuagens nos braços, malucos, criminosos condenados, ciganos e só Deus sabe o que mais.

Ouçam essa. Também havia soldados alemães por ali, ainda armados, mas humilhados e procurando qualquer um a quem pudessem se render desde que não fosse à União Soviética. Meu companheiro de guerra particular, Bernard V. O’Hare, e eu conversamos com alguns deles. O’Hare, tendo sido, mais tarde na vida, advogado tanto na promotoria quanto na defesa, está agora no Céu. Naquela época, porém, nós dois pudemos ouvir os alemães dizendo que os Estados Unidos precisariam agora fazer o que eles vinham fazendo, que era combater os comunistas ateus.

Respondemos que achávamos que não. Esperávamos que a URSS tentasse se tornar mais parecida com os EUA, com liberdade de expressão e de religião, com julgamentos imparciais e autoridades eleitas com honestidade, e assim por diante. Nós, por nosso lado, tentaríamos fazer o que eles alegavam estar fazendo, que era uma distribuição mais justa de bens, serviços e oportunidades. “De cada um, de acordo com sua capacidade. A cada um, de acordo com sua necessidade.” Esse tipo de coisa.

A Navalha de Occam.

E então O’Hare e eu, que na realidade não éramos muito mais do que rapazolas, entramos num celeiro abandonado ali no campo durante a primavera. Queríamos algo para comer, qualquer coisa para comer. Encontramos, porém, um capitão ferido e obviamente moribundo da Schutzstaffel, a SS nazista, de notória impiedade, num monte de feno. Era muito possível que ele até uma época muito recente tivesse sido encarregado das torturas e de planejar a morte de alguns dos sobreviventes de campos de extermínio que não estavam muito longe dali.

Como todos os membros da SS, e como todos os sobreviventes de campos de extermínio, era presumível que esse capitão tivesse um número de série tatuado no braço. Querem falar de *ironia* do pós-guerra? Havia muito disso.

Ele pediu a mim e a O’Hare que fôssemos embora. Logo morreria e disse que esperava ansiosamente pela morte. Quando nos preparávamos para sair, sem nenhum sentimento maior por ele, negativo ou positivo, o homem pigarreou e fez um sinal de que tinha algo mais a dizer afinal. Era mais uma vez essa história de últimas palavras. Se tinha algo a dizer, quem a não ser nós iria ouvir?

— Acabo de desperdiçar os últimos dez anos da minha vida — disse ele.

E vocês querem falar em tremor de tempo?

36

Minha mulher acha que eu me considero o maioral. Está enganada. Eu não me considero tão bom assim.

Meu herói, George Bernard Shaw, socialista e dramaturgo perspicaz e engraçado, disse aos oitenta anos que, se ele era considerado inteligente, então sem dúvida tinha pena de quem era considerado burro. Disse que, tendo vivido todo o tempo que viveu, ele afinal era sábio o suficiente para ser um mensageiro razoavelmente competente.

É assim que *eu* me sinto.

Quando Londres quis conferir a Shaw a Ordem do Mérito, ele agradeceu mas disse que já se havia conferido essa ordem por si só.

Eu a teria aceitado. Espero que tivesse reconhecido a oportunidade para uma piada de primeiríssima, mas nunca me permiti ser engraçado à custa de fazer com que outra pessoa se sentisse como algo que o gato arrastou para dentro de casa.

Que esse seja meu epitáfio.

No finalzinho do verão de 1996, eu me pergunto se houve ideias que tive um dia que agora deveria repudiar. Considero o exemplo do único irmão de meu pai, tio Alex, o vendedor de seguros, sem filhos, natural de Indianápolis, formado em Harvard. Ele me fazia ler autores socialistas de alto nível como Shaw, Norman Thomas, Eugene Debs e John Dos Passos quando eu era adolescente e também me dedicava a aeromodelos e à masturbação. Depois da Segunda Guerra Mundial, tio Alex passou a ser tão conservador em termos políticos quanto o Arcanjo Gabriel.

Eu, porém, ainda gosto do que O'Hare e eu dissemos aos soldados alemães pouco depois de sermos libertados. Que os Estados Unidos iam se tornar mais socialistas, que iam se esforçar mais para dar a todos um trabalho e para se assegurar de que nossas crianças pelo menos não sentissem fome nem frio, não fossem analfabetas nem morressem de pavor.

Haja sorte!

Ainda cito Eugene Debs (1855-1926), nascido em Terre Haute, Indiana, cinco vezes candidato à presidência pelo Partido Socialista, em cada discurso que faço.

"Enquanto houver uma classe inferior, farei parte dela; enquanto houver um elemento criminoso, estarei com ele; enquanto houver uma criatura na cadeia, não serei livre."

Nos últimos anos, descobri que é prudente avisar, antes de fazer a citação de Debs, que ele deve ser levado a *sério.* Se não fizer isso, muitos na plateia começarão a rir. Essas pessoas estarão sendo simpáticas, não cruéis, pois sabem que gosto de ser engraçado. No entanto, é também um sinal dos tempos que um eco tão comovente do Sermão da Montanha possa ser visto como uma palhaçada obsoleta e totalmente desacreditada.

O que ele não é.

37

As robustas sandálias de andar na selva de Kilgore Trout pisaram nos fragmentos de cristal do candelabro caído quando ele saltou por cima da porta de aço e seu batente, com os dizeres “ODA-SE A AR”. Como havia estilhaços de cristal em cima da porta e do batente em vez de embaixo deles, um perito teria de testemunhar num processo, se algum dia alguém resolvesse processar o empreiteiro vigarista, que o trabalho do canalha caiu primeiro. O lustre deve ter ficado suspenso por cerca de um segundo antes de deixar que a gravidade fizesse com ele o que a gravidade aparentemente teria gostado de fazer com simplesmente *tudo.*

O alarme de incêndio na pinacoteca ainda estava soando “supostamente”, diria Trout mais tarde, “continuando a soar por sua própria vontade”. Ele estava brincando, fazendo uma piada, como era seu costume, com a ideia de que algum dia houvesse existido o livre-arbítrio para qualquer um ou qualquer coisa, com reprise ou sem ela.

A campainha da Academia se havia calado no instante em que Zoltan Pepper foi atingido pelo caminhão do corpo de bombeiros. Mais uma vez, as palavras de Trout: “Disse a campainha com seu silêncio, ‘Sem comentários, por enquanto’.”

O próprio Trout, como já relatei, estava mesmo assim abraçando o livre-arbítrio quando entrou na Academia e também invocava a divindade judaico-cristã: “Acordem! Pelo amor de Deus, acordem, acordem! Livre-arbítrio! É o livre-arbítrio!”

Em Xanadu, ele diria que, mesmo que tivesse sido um herói naquela tarde e noite, sua entrada na Academia “fingindo”, segundo suas próprias palavras, “ser Paul Revere no contínuo de espaço-tempo” havia sido um “ato de pura covardia”.

Ele estava procurando abrigar-se do alarido crescente na Broadway, a meio quarteirão dali, bem como dos ruídos de explosões realmente sérias de outras partes da cidade. A dois quilômetros e meio dali na direção sul, perto do Túmulo de Grant, um enorme caminhão da limpeza urbana, por falta de convicção no manejo do volante, atravessou o saguão de um condomínio invadindo o apartamento do zelador e atropelando seu fogão a gás. A tubulação rompida desse importante equipamento encheu o poço da escada e do elevador da estrutura de seis andares com metano temperado com um cheiro de gambá. A maioria dos inquilinos vivia da previdência social.

E então CA-BUUUM!

— Um acidente que estava esperando para acontecer — diria Kilgore Trout em Xanadu.

O velho escritor de ficção científica confessou mais tarde que quis estimular Dudley Prince, que estava armado e uniformizado, a entrar em ação para que ele próprio não tivesse de fazer mais nada.

— Livre-arbítrio! Livre-arbítrio! Fogo! Fogo! — gritava ele para Prince.

Prince não movia um músculo. Ele piscava os olhos, mas esses eram reflexos, não livre-arbítrio, como no meu caso com a sopa de galinha e macarrão. Uma coisa em que Prince estava pensando por si mesmo era que, se ele mexesse um músculo sequer, poderia se encontrar de novo no Instituto Penal de Segurança Máxima para Adultos do Estado de Nova York, em Athena, em 1991.

Dá para se entender!

Por isso, Trout desviou de Prince por enquanto, declaradamente ainda à procura do *numero uno.* Um alarme de incêndio fazia um barulho enorme. Se o prédio estivesse mesmo em chamas e o fogo não pudesse ser controlado, Trout teria de ir procurar algum outro lugar no qual um cidadão idoso pudesse se proteger até que se acalmasse um pouco não importa o que estivesse acontecendo lá fora.

Ele encontrou um charuto aceso num pires na pinacoteca. O charuto, embora ilegal em qualquer parte da jurisdição municipal de Nova York, ainda não era e provavelmente nunca seria um perigo para mais ninguém além de si mesmo. Seu ponto central estava no meio do pires, de modo que ele não ia a lugar nenhum enquanto se oxidava. No entanto, o alarme de incêndio berrava sobre o fim da civilização enquanto tal.

Trout, em *Meus dez anos no piloto automático,* resumiria o que deveria ter dito ao alarme de incêndio naquela tarde: “Bobagem! Procure se controlar, seu histérico desmiolado.”

E agora a parte apavorante: não havia ninguém na pinacoteca além de Trout!

Seria possível que a Academia Americana de Letras e Artes estivesse sendo assombrada por *poltergeists*?

38

Recebi uma bela carta hoje, sexta-feira, 23 de agosto de 1996, de um jovem desconhecido chamado Jeff Mihalich, suposto descendente de sérvios ou croatas, que está se formando em física pela Universidade de Illinois, em Urbana. Jeff diz que gostava das aulas de física no segundo grau e que tirava as melhores notas, mas que "desde que comecei a estudar física na universidade, tenho enfrentado muitos problemas. Isso foi para mim um grande golpe porque eu costumava me sair bem na escola. Eu imaginava que não houvesse nada que eu não pudesse fazer se tivesse força de vontade suficiente".

Minha resposta será mais ou menos como se segue: "Você talvez queira ler um romance picaresco de Saul Bellow, *As aventuras de Augie March.* A revelação no final, ao que me lembre, é a de que não deveríamos procurar desafios excruciantes mas, sim, tarefas que nos pareçam naturais e interessantes, tarefas que pareçamos ter nascido para realizar.

"Quanto aos encantos da física. Duas das matérias mais interessantes ensinadas no segundo grau ou na faculdade são a *mecânica* e a *ótica.* Para além dessas disciplinas divertidas, entretanto, aguardam-nos jogos mentais tão dependentes do talento nato quanto tocar trompa ou jogar xadrez.

"No que diz respeito ao talento nato, costumo dizer em palestras: 'Se você for para uma cidade grande, e uma universidade é uma cidade grande, é bem capaz que se depare com Wolfgang Amadeus Mozart. Fique em casa, fique em casa.'"

Em outras palavras, não importa em que especialidade um(a) jovem pense que é o(a) maioral, mais cedo ou mais tarde ele(a) vai encontrar alguém naquele mesmo campo que vai pôr no seu rabo, por assim dizer.

Um amigo meu de infância, William H. C. “Skip” Failey, que morreu há quatro meses e agora está no Céu, tinha bons motivos, quando estava no segundo ano do segundo grau, para se considerar invencível no pingue-pongue. Eu mesmo não sou nenhum lesado no pingue-pongue, mas me recusava a jogar com Skip. Seu saque tinha tanto efeito que, não importava como o devolvesse, eu já sabia que a bola subiria pelo meu nariz, sairia pela janela ou até voltaria para a fábrica. Ela cairia em qualquer lugar menos na mesa.

Quando estava no terceiro ano, porém, Skip jogou com um colega nosso de turma chamado Roger Downs. Skip depois comentou que Roger havia posto no seu rabo.

Trinta e cinco anos mais tarde, eu estava dando uma conferência numa universidade no Colorado e quem estava na plateia senão Roger Downs! Roger se tornara empresário para aqueles lados, e era um adversário respeitado no Circuito Sênior de Tênis. Por esse motivo, dei-lhe os parabéns por ter dado a Skip uma aula de tênis de mesa tantos anos antes.

Roger estava ansioso para saber de qualquer coisa que Skip pudesse ter dito depois daquela derrota.

— Skip disse que você pôs no rabo dele — disse eu.

Roger ficou extremamente satisfeito, como seria de se esperar.

Não lhe perguntei, mas a metáfora não lhe poderia ser desconhecida. Além do mais, como a vida é o experimento darwiniano ou “monte de merda”, como Trout gostava de chamá-la, que é, o próprio Roger já deveria ter saído de mais de um torneio de tênis, como Skip, tendo sofrido uma penetração no seu amor-próprio.

Mais notícias deste dia em agosto, já passada metade da reprise, à medida que vai se aproximando mais um outono. Meu irmão mais velho, Bernie, o cientista nato que talvez saiba mais sobre as tempestades elétricas do que qualquer outra pessoa, está com um câncer invariavelmente fatal, avançado demais para se intimidar diante dos Três Cavaleiros do Apocalipse Oncológico, a Cirurgia, a Quimioterapia e a Radioterapia.

Bernie ainda se sente bem.

Ainda é muito cedo para se falar nisso mas, quando ele morrer, que Deus não permita, acho que suas cinzas não deveriam ser enterradas no cemitério de Crown Hill, como James Whitcomb Riley e John Dillinger, que pertenciam apenas a Indiana. Bernie pertence ao Mundo.

Suas cinzas deveriam ser espalhadas no alto de um imenso cúmulo-nimbo.

39

Portanto, lá está Roger Downs de Indianápolis, no Colorado. Cá estou eu, de Indianápolis, no South Fork de Long Island. As cinzas de minha mulher de Indianápolis, Jane Marie Cox, estão misturadas com as raízes de uma cerejeira em flor, sem qualquer identificação, em Barnstable Village, Massachusetts. Os ramos dessa árvore podem ser vistos do puxado que Ted Adler reconstruiu a partir do nada, após o que perguntou: “Como foi que consegui *fazer* isso?”

Padrinho do meu casamento com Jane em Indianápolis, Benjamin D. Hitz, da mesma cidade, está agora viúvo e mora em Santa Bárbara, na Califórnia. Ben saiu algumas vezes com uma das minhas primas de Indianápolis nesta primavera. Ela é viúva e mora no litoral de Maryland. Minha irmã morreu em Nova Jersey, e meu irmão, embora ainda não esteja querendo que isso aconteça, está morrendo em Albany, Nova York.

Meu companheiro de infância David Craig, que fez um rádio dentro de um tanque alemão parar de tocar música popular durante a Segunda Guerra Mundial, é construtor em Nova Orleans. Minha prima, Emmy, cujo pai me disse que eu finalmente era um homem quando voltei da guerra, e que era minha parceira no laboratório na aula de física na Shortridge High School, mora a uns cinquenta quilômetros de Dave, na Louisiana.

Diáspora!

Por que tantos de nós sumiram de uma cidade construída por nossos antepassados, na qual nossos sobrenomes são respeitados, cujas ruas e jeito de falar eram tão familiares e na qual, como eu disse na Butler University em junho passado, havia de fato o melhor e o pior da civilização ocidental?

Aventura!

Pode ser, também, que quiséssemos escapar à poderosa atração, não da força da gravidade, que existe por toda parte, mas do cemitério de Crown Hill.

Crown Hill pegou minha irmã, Allie. Mas não conseguiu pegar Jane. Não vai apanhar meu irmão mais velho Bernie. Não vai me apanhar.

Proferi uma palestra em 1990 numa universidade no sul do Ohio. Eles me alojaram num motel da vizinhança. Quando voltei para o motel depois da palestra, e estava tomando meu costumeiro uísque com soda para poder dormir como um bebê, que é o jeito que gosto de dormir, o bar estava simpaticamente ocupado por pessoas de idade, obviamente moradoras da cidade, que pareciam realmente gostar umas das outras. Tinham muitos motivos para rir. Eram todos comediantes.

Perguntei ao barman quem eram. Fui informado de que se tratava da quinquagésima reunião da Turma de 1940 da Zanesville High School. Parecia agradável. Parecia certo. Eu fazia parte da Turma de 1940 da Shortridge High School, e agora estava faltando à minha própria reunião.

Aquelas pessoas poderiam ter sido personagens de *Our Town* de Thornton Wilder, uma das peças mais cativantes que já existiram.

Eles e eu éramos tão velhos que podíamos nos lembrar de uma época em que não fazia tanta diferença em termos econômicos se a pessoa fosse para a universidade ou não. Ainda se podia chegar a ser alguém. E naquela época eu disse a meu pai que talvez eu não quisesse ser químico como meu irmão mais velho, Bernie. Eu lhe pouparia muito dinheiro se fosse trabalhar num jornal em vez de ir para a faculdade.

Vejam bem: eu só poderia ir para a faculdade se fosse para fazer o mesmo tipo de curso que meu irmão havia feito. Papai e Bernie estavam de acordo quanto a isso. Qualquer outro tipo de educação superior era o que os dois chamavam de *ornamental.* Eles riam de tio Alex, o vendedor de seguros, por sua formação em Harvard ter sido tão *ornamental.*

Papai disse que era melhor eu ir conversar com seu grande amigo Fred Bates Johnson, um advogado que, quando jovem, havia trabalhado como repórter para o diário democrata agora extinto, *The Indianapolis Times.*

Eu conhecia bem o Sr. Johnson. Papai e eu costumávamos caçar coelhos e aves com ele lá para os lados do condado de Brown, até Allie chorar tanto que tivemos de desistir. Ele me perguntou ali no escritório, recostando-se na sua cadeira giratória, com os olhos semicerrados, como eu planejava começar minha carreira de jornalista.

— Bem, senhor, eu imaginava talvez conseguir um emprego no *Culver Citizen* e ficar trabalhando ali uns três ou quatro anos. Conheço a área muito bem. — Culver ficava às margens do lago Maxincuckee no norte de Indiana. Tínhamos uma casa de verão às margens daquele lago.

— E depois? — disse ele.

— Com essa experiência, eu deveria ter condições de conseguir um emprego num jornal muito maior, talvez em Richmond ou Kokomo.

— E depois?

— Depois de talvez uns cinco anos num jornal desse porte, acho que poderia estar pronto para fazer uma tentativa em Indianápolis.

— Você vai precisar me dar licença, mas tenho de dar um telefonema — disse ele.

— Pois não.

Ele girou a cadeira para ficar de costas para mim enquanto telefonava. Falou baixo, mas eu não estava tentando escutar. Calculei que não era da minha conta.

Ele desligou o telefone e ficou novamente de frente para mim.

— Parabéns! Você conseguiu um emprego no *Indianapolis Times.*

40

Fui para a faculdade na distante Ithaca, Nova York, em vez de ir trabalhar no *Indianapolis Times.* Desde então, eu, como Blanche DuBois em *Um bonde chamado desejo,* sempre dependi da gentileza de desconhecidos.

Penso agora, faltando apenas cinco anos para a mariscada na praia em Xanadu, num homem que eu poderia ter sido, se ele tivesse passado sua vida adulta entre aqueles com que foi à escola, com amor e com ódio, como haviam feito seus pais e avós, numa cidade que era sua.

Ele morreu!

Teu pai repousa a cinco braças;
Seus ossos hoje são coral;
Em pérolas, seus olhos traças:
Nada dele acaba, afinal,
É só mudado pelo mar
Em algo rico, algo sem par.

Ele teria sabido diversas piadas que conheço, como a que Fred Bates Johnson contou uma vez, quando ele, meu pai e eu, ainda menino, com mais alguns outros, estávamos caçando lá no condado de Brown. De acordo com Fred, um grupo de homens como nós estava caçando cervos e alces lá no Canadá. Alguém tinha de cozinhar, ou todos morreriam de fome.

Eles tiraram a sorte para ver quem iria cozinhar enquanto os outros caçavam desde o amanhecer do dia até o pôr do sol. Para tornar a piada mais concreta, Fred disse que foi papai quem tirou a palhinha mais curta. Papai sabia cozinhar. Mamãe não. Ela se orgulhava de não saber cozinhar, se recusava a lavar a louça e esse tipo de coisa. Eu gostava de ir às casas dos outros meninos, onde as mães faziam tudo isso.

Os caçadores entraram em acordo segundo o qual quem se queixasse da comida de papai seria o próximo cozinheiro. Por isso, papai preparava refeições cada vez piores, enquanto os outros se divertiam a valer na floresta. Por pior que estivesse o jantar, porém, os caçadores o declaravam delicioso, de lamber os beiços, dando tapinhas nas costas de papai.

Um dia de manhã, depois que eles partiram, papai encontrou um monte de bosta fresca de alce ali perto. Ele a fritou em óleo de motor. Naquela noite, serviu aquilo como bolinhos fumegantes.

O primeiro cara que provou cuspiu o bolinho longe. Não *conseguiu* se conter!

— Puta merda! Isso tem gosto de bosta de alce frita em óleo de motor! — disse ele, atabalhoadamente. Mas acrescentou em seguida. — Mas está *gostoso, gostoso mesmo*!

Acho que mamãe foi criada para ser uma criatura tão inútil porque seu pai, Albert Lieber, cervejeiro e especulador, acreditava que os Estados Unidos teriam uma aristocracia baseada no modelo europeu. Ele deve ter raciocinado que uma prova de se pertencer a essa casta lá na Europa, como aconteceria aqui também, era ter esposas e filhas que fossem ornamentais.

41

Não creio que tenha deixado passar uma oportunidade ao não escrever um romance sobre Albert Lieber e sobre como foi sua a principal responsabilidade pelo suicídio de minha mãe, na véspera do Dia das Mães em 1944. Os norte-americanos de origem alemã em Indianápolis carecem de universalidade. Eles jamais foram caracterizados com simpatia ou maldade em filmes, livros ou peças. Eu teria de explicar quem eles são a partir do básico.

Haja sorte!

O grande crítico H. L. Mencken, ele próprio um norte-americano de origem alemã, mas que viveu a vida inteira em Baltimore, Maryland, confessou que tinha certa dificuldade para se concentrar nos romances de Willa Cather. Por mais que se esforçasse, realmente não conseguia se importar muito com imigrantes tchecos no Nebraska.

Problema idêntico.

Devo deixar registrado que a primeira mulher de meu avô Albert Lieber, Alice, *née* Barus, xará de minha irmã, Allie, morreu ao dar à luz seu terceiro filho, tio Rudy. Mamãe era a primogênita. O filho do meio era tio Peter, que saiu do MIT por ter péssimas notas, mas que, mesmo assim, gerou um cientista nuclear, meu primo Albert, em Del Mar, Califórnia. O primo Albert avisa que acaba de ficar cego.

Não foi a radiação que cegou o primo Albert. Foi outra coisa que poderia ter acontecido com qualquer um, no campo da ciência ou não. O próprio primo Albert gerou um cientista do tipo não nuclear, um gênio da informática.

Como Kilgore Trout costumava exclamar de vez em quando: “A vida continua!”

A questão que quero salientar é que o pai de mamãe, o cervejeiro, o chefão republicano, o *bon vivant* neo-aristocrático, casou-se com uma violinista depois da morte da primeira mulher. Ela se revelou um caso de hospício. Encarem os fatos! Algumas mulheres são mesmo! Ela odiava os filhos dele loucamente. Sentia ciúme do seu amor pelas crianças. Queria toda a sua atenção. Algumas mulheres são assim!

Essa doida dos infernos, que tocava o violino como ninguém, maltratou mamãe, tio Pete e tio Rudy com tanta crueldade, tanto física quanto mental, durante seus anos de formação, antes que vovô Lieber se divorciasse dela, que eles nunca se recuperaram.

Se houvesse um grupo significativo de compradores em potencial que se interessassem pelos norte-americanos ricos de origem alemã de Indianápolis, para mim seria facílimo produzir um *roman-fleuve,* demonstrando que meu avô de fato *assassinou* minha mãe, embora de forma muito lenta, ao traí-la tantos anos atrás.

— Tlintlim, seu filho da puta!

Título provisório: *E o vento levou.*

Quando mamãe se casou com meu pai, um jovem arquiteto em condições financeiras razoáveis, os políticos, os donos de bares e a elite da sociedade germano-americana lhes deram um perfeito tesouro em cristais, cama e mesa, porcelana e prata, até mesmo algum ouro.

Sherazade!

Quem poderia duvidar naquela época que mesmo Indiana tinha sua própria aristocracia hereditária, com bens inúteis dignos de serem comparados às ancas de cavalos no outro hemisfério?

Tudo aquilo parecia um monte de lixo para mim, meu irmão, minha irmã e nosso pai durante a Depressão. E agora está espalhado por tantos lugares quanto a Turma de 1940 da Shortridge High School.

Auf Wiedersehen.

42

Sempre tive dificuldade para terminar os contos de uma forma que satisfizesse o público em geral. Na vida real, exatamente como durante uma reprise após um tremor de tempo, as pessoas não mudam, não aprendem nada com seus erros e não pedem desculpas. Num conto, elas precisam fazer pelo menos duas dessas três coisas, ou será melhor jogá-lo fora na lata de lixo de arame sem tampa presa com corrente e cadeado ao hidrante em frente à Academia Americana de Letras e Artes.

Tudo bem, isso eu podia resolver. Mas, depois de fazer um personagem mudar, aprender alguma coisa e/ou pedir desculpas, isso deixava o resto do elenco parado chupando o dedo. Isso não é jeito de dizer ao leitor que o espetáculo terminou.

Quando eu era jovem e inexperiente, imaturo nas minhas opiniões e, para começo de conversa, sem nunca ter pedido para nascer, pedi conselho a meu agente literário daquela época sobre como terminar os contos sem matar todos os personagens. Ele havia sido editor de ficção de uma revista importante além de consultor de roteiros de um estúdio de Hollywood.

— Nada mais simples, meu menino — disse ele. — O herói monta no seu cavalo e sai cavalgando na direção do pôr do sol.

Muitos anos depois, ele se mataria deliberadamente com uma espingarda calibre 12.

Outro amigo e cliente seu disse ser impossível que ele tivesse cometido suicídio. Simplesmente *não combinava com ele.*

— Mesmo com treinamento militar — retruquei — não há maneira de um homem conseguir estourar os miolos acidentalmente com uma espingarda.

Muitos anos antes, há tanto tempo que eu ainda estudava na Universidade de Chicago, tive uma conversa com o orientador da minha tese sobre a arte em geral. Naquela época, eu não fazia ideia de que iria pessoalmente abraçar qualquer forma de arte.

— Você sabe o que são os artistas? — perguntou ele. Eu não sabia. — Os artistas são pessoas que dizem: “Não tenho como consertar meu país, meu estado, minha cidade ou mesmo meu casamento. Mas, por Deus, eu posso pegar essa tela, essa folha de papel, esse monte de barro ou esses doze compassos musicais e fazer deles exatamente o que eles *deveriam* ser.”

Cerca de cinco anos mais tarde, ele fez o mesmo que o ministro da Propaganda de Hitler, sua mulher e seus filhos fizeram no final da Segunda Guerra Mundial. Engoliu cianureto de potássio.

Escrevi uma carta à viúva, dizendo o quanto seus ensinamentos haviam sido importantes para mim. Não recebi resposta. Pode ser que ela estivesse arrasada de dor. Mas pode ser também que estivesse furiosa com ele por ter optado pela saída mais fácil.

Neste mesmo verão, perguntei ao romancista William Styron num restaurante chinês quantas pessoas no planeta inteiro tinham o que nós tínhamos, ou seja, vidas dignas de serem vividas. Entre nós dois, chegamos a *dezessete por cento.*

No dia seguinte, fiz uma caminhada pelo centro de Manhattan com um velho amigo, um médico que trata todo tipo de dependência no Bellevue Hospital. Muitos dos seus pacientes são sem-teto além de soropositivos. Falei-lhe do cálculo meu e de Styron dos dezessete por cento. Ele disse que lhe parecia correto.

Como já escrevi em outro lugar, esse homem é um santo. Defino como santo uma pessoa que se comporte com decência numa sociedade indecente.

Perguntei-lhe por que metade dos seus pacientes em Bellevue não cometia suicídio. Ele disse que essa mesma pergunta lhe havia ocorrido. Às vezes, como se fizesse parte normal de uma rotina de diagnóstico, ele lhes perguntava se tinham algum pensamento relacionado com a autodestruição. Disse que quase sem exceção eles ficavam surpresos e ofendidos com a pergunta. Uma ideia *tão doentia* jamais lhes havia passado pela cabeça!

Foi mais ou menos nessa hora que passamos por um ex-paciente seu que carregava um saco de plástico cheio de latas de alumínio que havia recolhido. Ele fazia parte do *gado sagrado* de Kilgore Trout, fantástico sob um certo aspecto apesar da sua inutilidade econômica.

— Oi, Doutor — disse ele.

43

Pergunta: O que é esse negócio branco na titica de passarinho?
Resposta: É titica de passarinho, também.



É arte ou não?

Quanto à ciência e ao modo pelo qual ela pode ser útil nestes nossos tempos de calamidades ambientais, não é preciso dizer mais nada. Chernobyl ainda está mais quente do que um carrinho de bebê de Hiroshima. Nossos desodorantes para o sovaco abriram buracos na camada de ozônio.

E ouçam só mais essa. Meu irmão mais velho, Bernie, que não sabe desenhar nem que a vaca tussa, e que nos seus momentos mais censuráveis costumava dizer que não gostava de quadros porque eles não *faziam* nada, só ficavam ali pendurados ano após ano, neste verão acabou de se tornar um artista!

Não estou brincando! Esse físico-químico com doutorado pelo MIT é agora o Jackson Pollock dos pobres! Ele espreme tinta de várias cores e consistências entre duas lâminas planas de material impermeável, como por exemplo vidraças ou azulejos. Ele as separa, *et voilà*! Isso não tem nada a ver com o câncer. Ele ainda não sabia que estava doente e, de qualquer jeito, a malignidade estava nos seus pulmões, não no cérebro. Ele estava simplesmente sem ter o que fazer um dia, um velhote meio aposentado sem uma mulher que lhe perguntasse em nome de Deus o que ele pensava que estava fazendo *et voilà*! Antes tarde do que nunca, é só o que posso dizer.

E assim ele me mandou algumas cópias xerox em preto e branco das suas miniaturas floreadas, em sua maioria formas dendríticas, talvez árvores ou arbustos, talvez cogumelos ou guarda-chuvas cheios de furos, mas realmente muito interessantes. Como minha dança de salão, elas eram *passáveis.* Desde então, ele me mandou originais multicoloridos, dos quais gosto muito.

A mensagem que me enviou junto com as cópias xerox, entretanto, não falava de uma felicidade inesperada. Era um desafio de um tecnocrata empedernido ao universo dos que arrotam arte, do qual eu era um exemplar de primeira. “Isso é arte ou não?”, perguntava ele. É claro que ele não poderia ter proposto essa pergunta com tanto escárnio cinquenta anos atrás, antes da fundação da primeira escola de pintura inteiramente norte-americana, a do Expressionismo Abstrato, e especialmente da deificação de Jack, o Espirrador, Jackson Pollock, que também não sabia desenhar nem que a vaca tossisse.

Bernie disse, também, que aquilo envolvia um *fenômeno científico* muito interessante. Coube a mim adivinhar que ele estaria relacionado aos diferentes comportamentos de tintas quando são espremidas de um jeito ou de outro, sem nenhum lugar para ir a não ser para baixo, para cima ou para os lados. Se o mundo dos que arrotam arte não tivesse nenhuma utilidade para seus quadros, ele parecia insinuar que os quadros ainda poderiam indicar o caminho para melhores lubrificantes, loções de bronzear ou sei lá o quê. O revolucionário Preparado H!

Ele dizia que se recusava a assinar seus quadros, a admitir publicamente que os havia feito ou a descrever como eram feitos. Estava claro que ele esperava que críticos metidos a besta reagissem atirando por tudo que é buraco e cuspindo pedras ao tentarem responder à sua pergunta astuciosamente inocente: “É arte ou não?”

Tive o prazer de responder com uma epístola que foi abertamente vingativa, já que ele e papai me haviam impedido de ter uma formação universitária voltada para as ciências humanas. “Prezado irmão, isso aqui é quase como lhe falar dos rudimentos do sexo”, começava eu. “Há muitas pessoas decentes que são estimuladas positivamente por alguns arranjos, mas não por todos, de cores e formas feitos pelo homem sobre superfícies planas, basicamente algo sem sentido.

“Você mesmo se sente gratificado com determinada música, arranjos de ruídos, e novamente no fundo algo sem sentido. Se eu chutasse um balde pela escada do porão abaixo e depois lhe dissesse que o alarido que provoquei filosoficamente se equiparava à *Flauta mágica*, esse não seria o início de uma discussão longa e irada. Uma resposta perfeitamente satisfatória e completa de minha parte seria, ‘Gosto do que Mozart fez, e detesto o que o balde fez’.

“Contemplar algo que pretenda ser uma obra de arte é uma atividade social. A pessoa pode sentir que valeu a pena ou não. Não é preciso dizer *por que* depois. Não é preciso dizer nada.

“Você é um cientista merecidamente reverenciado por suas atividades experimentais, querido irmão. Se realmente quer saber se seus quadros são, como você diz, ‘arte ou não’, deverá expô-los em algum local público e ver se desconhecidos gostam de olhar para eles. Essa é a regra do jogo. Mande-me notícias do que acontecer.”

“Pessoas capazes de gostar de certos quadros, gravuras ou seja lá o que for raramente chegam a essa atitude sem conhecer alguma coisa sobre o artista”, prossegui. “Mais uma vez, a situação é social em vez de científica. Qualquer obra de arte já é metade de uma conversa entre dois seres humanos, e ajuda muito saber quem está falando com a gente. Será que ele ou ela tem uma reputação de seriedade, de religiosidade, de sofrimento, de concupiscência, de rebeldia, de sinceridade, de humor?

“Não há praticamente nenhum quadro respeitado feito por pessoas sobre as quais não saibamos nada. Podemos até mesmo depreender alguma coisa sobre as vidas de quem quer que tenha feito os desenhos nas cavernas subterrâneas de Lascaux, na França.

“Eu ousaria sugerir que nenhum quadro consegue despertar uma atenção séria sem que um tipo especial de ser humano esteja vinculado a ele na mente do observador. Se você não se dispõe a reconhecer a autoria dos seus quadros e a dizer por que motivo espera que outros poderiam considerá-los dignos de exame, lá se vai tudo por água abaixo.

“Os quadros são famosos por sua qualidade humana, não por sua qualidade pictórica.”

“Há também a questão da técnica”, continuei. “Os que realmente apreciam a pintura gostam de *entrar na brincadeira,* por assim dizer, examinar detidamente as superfícies, ver como a ilusão foi criada. Se você não se dispõe a dizer como criou seus quadros, lá se vai tudo por água abaixo mais uma vez.

“Boa sorte e o carinho de sempre”, escrevi. E depois assinei meu nome.

44

Eu mesmo pinto quadros em folhas de acetato com nanquim. Um artista com a metade da minha idade, Joe Petro III, que mora e trabalha em Lexington, Kentucky, as imprime pelo processo de silk-screen. Pinto uma folha separada de acetato, sempre em preto opaco, para cada cor que desejo que Joe use. Meus quadros, que pintei exclusivamente em preto, só vou ver em cores quando Joe tiver feito a impressão, uma cor de cada vez.

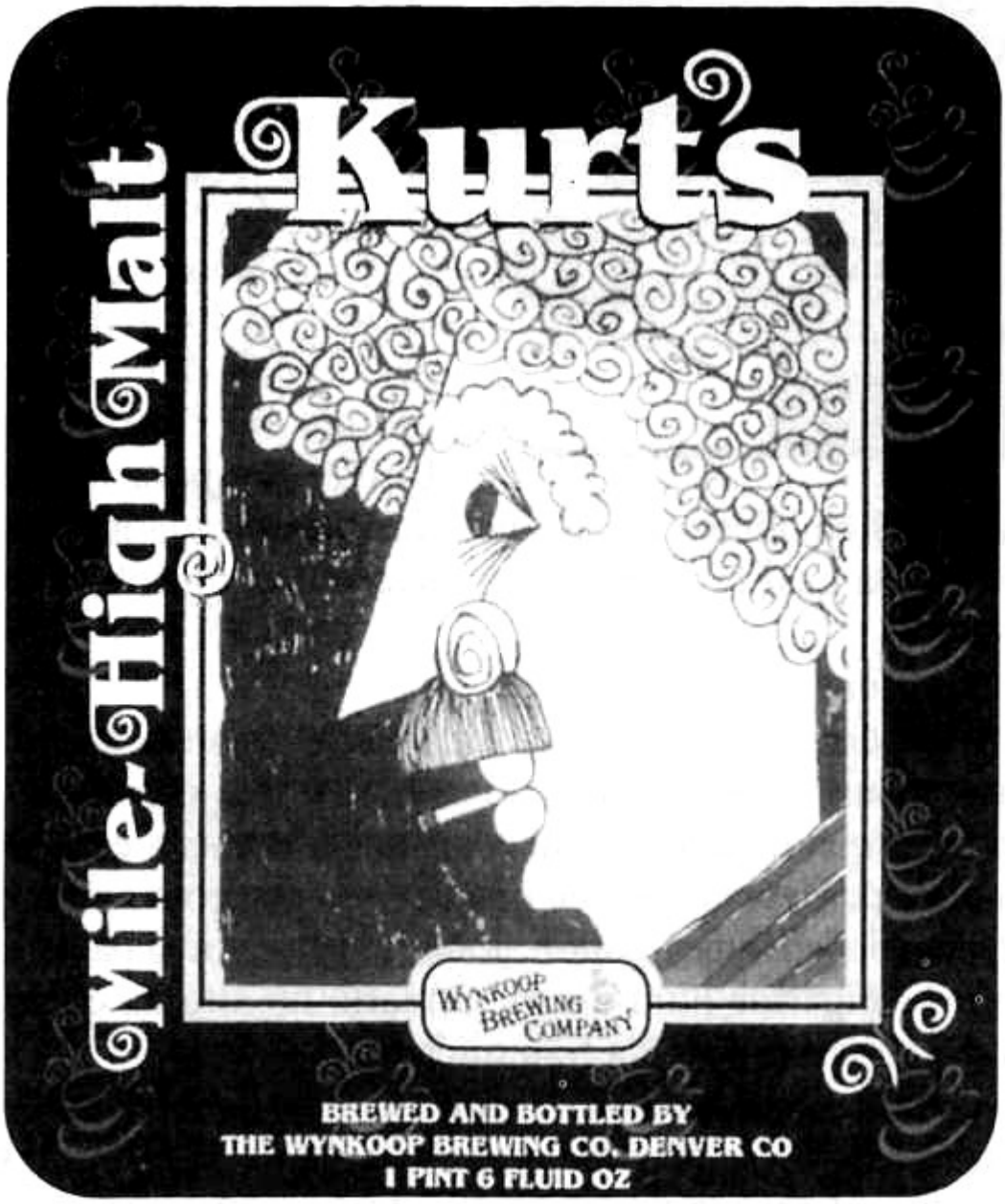
Eu faço os negativos para os positivos dele.

Podem existir meios mais fáceis, mais rápidos e mais baratos de se criar um quadro. Esses meios talvez nos permitissem mais tempo para o golfe, o aeromodelismo e a masturbação. Deveríamos reexaminar essa questão. O estúdio de Joe dá a impressão de ter saído da Idade Média.

Nunca vou conseguir agradecer a Joe o suficiente por me fazer criar negativos para seus positivos depois que o radiozinho na minha cabeça parou de receber mensagens do tal lugar de onde vêm as ideias brilhantes. A arte é tão *envolvente.*

É um *estimulante e tanto.*

Ouçam só: há apenas três semanas do momento em que estou escrevendo, no dia 6 de setembro de 1996, Joe e eu inauguramos uma mostra de vinte e seis das nossas gravuras na 1/1 Gallery em Denver, no Colorado. Uma microcervejaria local, a Wynkoop, preparou uma cerveja especial para a ocasião. O rótulo era um dos meus autorretratos. O nome da cerveja era Kurt’s Mile-High Malt.



Vocês acham que não foi divertido? Vejam só. Por sugestão minha, a cerveja foi levemente temperada com café. E daí? Bem, para começar, o sabor era realmente uma delícia, mas também foi uma homenagem ao meu avô materno, Albert Lieber, que era cervejeiro até a Lei Seca extinguir seu ramo de atividade. O ingrediente secreto na cerveja que ganhou a Medalha de Ouro para a Indianapolis Brewing Company na Exposição de Paris de 1889 era o café!

Tlintlim!



Isso ainda não foi bastante divertido lá em Denver? Pois bem, o que me dizem do fato de o nome do proprietário da Wynkoop Brewing Company, um cara mais ou menos com a idade de Joe, ser John Hickenlooper? E daí? Só o seguinte: quando fui para a Cornell University para me tornar químico há cinquenta e seis anos, fui membro da mesma fraternidade da qual fazia parte um rapaz chamado John Hickenlooper.

Tlintlim?

Esse era seu filho! Meu companheiro de fraternidade morreu quando o filho tinha só sete anos. Eu conhecia o pai melhor do que o filho o conhecia! Pude contar a esse jovem cervejeiro de Denver que seu pai, em parceria com outro irmão da fraternidade Delta Upsilon, John Locke, vendia balas, refrigerantes e cigarros num grande armário no alto da escada do segundo andar na sede da fraternidade.

O bar foi batizado de *Hickenlooper's Lockenbar.* Nós o chamávamos de *Lockenlooper's Hickenbar, Barkenhicker's Loopenlock, Lockenbarker's Loopenhick* e assim por diante.

Tempos felizes aqueles! Nós achávamos que íamos viver para sempre.

Cerveja velha em garrafas novas. Piadas velhas em pessoas novas.

Contei ao jovem John Hickenlooper uma brincadeira que seu pai me havia ensinado. Funcionava da seguinte forma: não importa onde estivéssemos, seu pai me perguntaria se eu era membro do Turtle Club. Eu não tinha outra opção a não ser berrar a plenos pulmões: "PODE JURAR PELO SEU CU QUE EU SOU!"

Eu podia fazer a mesma coisa com o pai dele. Em alguma ocasião especialmente solene e sagrada, como o juramento de novos irmãos na fraternidade, eu poderia lhe perguntar sussurrando se ele era membro do Turtle Club. E ele não teria outra saída a não ser gritar o mais alto possível: "PODE JURAR PELO SEU CU QUE EU SOU!"

45

Outra piada velha: “Oi, eu me chamo Spalding. Sem dúvida você já brincou com minhas bolas.” Hoje ela não funciona mais porque Spalding não é mais um grande fabricante de materiais esportivos, da mesma forma que a cerveja Lieber da Medalha de Ouro já não é mais uma droga recreativa popular no meio-oeste e da mesma forma que a Vonnegut Hardware Company já não é mais fabricante e comerciante de artigos duráveis e eminentemente práticos lá para aquelas bandas.

A empresa de ferragens foi extinta diretamente por concorrentes mais vigorosos. A Indianapolis Brewing Company foi fechada pelo Artigo XVIII da Constituição dos Estados Unidos, que em 1919 declarava ilegais a fabricação, comercialização ou transporte de bebidas alcoólicas.

O humorista de Indianápolis Kin Hubbard disse a respeito da Lei Seca que ela era “melhor do que não ter bebida nenhuma”. As bebidas alcoólicas só voltariam à legalidade em 1933. A essa altura, o contrabandista de bebidas Al Capone já era dono de Chicago, e Joseph P. Kennedy, pai de um futuro presidente assassinado, era multimilionário.

Ao raiar do dia seguinte à inauguração da minha mostra com Joe Petro III em Denver, um domingo, acordei sozinho num quarto do hotel mais velho da cidade, o Oxford. Eu sabia onde estava e como havia chegado ali. Não era como se eu tivesse ficado bêbado como um gambá com a cerveja do meu avô na noite anterior.

Vesti-me e saí para a rua. Não havia mais ninguém acordado que eu pudesse ver. Não havia nenhum veículo em movimento. Se o livre-arbítrio tivesse resolvido se instalar novamente naquele instante, e eu estivesse meio sem equilíbrio e caísse, ninguém teria me atropelado.

É provável que a melhor coisa para se ser quando o livre-arbítrio se instala seja um Mbuti, um pigmeu numa floresta pluvial no Zaire, na África.

A duzentos metros do meu hotel estava a carcaça do que costumava ser o coração pulsante da cidade, com suas aurículas e ventrículos túrgidos. Estou falando da estação ferroviária, que foi concluída em 1880. Atualmente apenas dois trens por dia param ali.

Eu mesmo tinha idade suficiente para me lembrar da música fantástica dos silvos e estrondos das locomotivas a vapor, dos seus apitos lamentosos, dos estalidos metronômicos das rodas nas junções dos trilhos e da aparente subida e descida, graças ao efeito Doppler, do timbre das campainhas de aviso nas passagens de nível.

Lembrei-me, também, da história do operariado, porque as primeiras greves eficazes realizadas pelos trabalhadores norte-americanos em busca de melhor remuneração, mais respeito e maior segurança nas condições de trabalho foram convocadas contra as ferrovias. E depois contra os proprietários de minas de carvão, de siderúrgicas, de fábricas de tecidos e assim por diante. Muito sangue foi derramado naquilo que parecia à maioria dos membros da minha geração de escritores norte-americanos batalhas tão dignas de serem travadas quanto qualquer luta contra um inimigo estrangeiro.

O otimismo que permeava grande parte da nossa obra baseava-se na crença de que, depois da Carta Magna, da Declaração da Independência, da Carta de Direitos, da Declaração de Emancipação e enfim do Artigo XIX da Constituição, que em 1920 deu às mulheres o direito ao voto, algum esquema que propiciasse a justiça econômica também poderia ser elaborado. Esse era o próximo passo em termos lógicos.

E, mesmo em 1996, eu proponho em palestras as seguintes emendas à Constituição:

Artigo XXVIII: Todo recém-nascido será sinceramente acolhido com carinho e receberá cuidados até que atinja a maturidade.

Artigo XXIX: Será dado trabalho significativo, a um salário mínimo, a todo adulto que dele precisar.

Em vez disso, o que criamos, como consumidores, empregados e investidores, foram gigantescas fortunas em papel, tão imensas que um punhado de gente que se encarrega delas consegue tirar milhões e bilhões para si sem ferir ninguém. Aparentemente.

Muitos membros da minha geração estão decepcionados.

46

Dá para vocês acreditarem? Kilgore Trout, que nem mesmo havia visto uma peça de teatro sequer, até chegar a Xanadu, não só escreveu uma peça depois de voltar para casa da nossa guerra, que foi a Segunda Guerra Mundial, como *registrou seus direitos autorais*! Acabo de extraí-la dos bancos de dados da Biblioteca do Congresso, e ela é intitulada *O velho e enrugado criado da família.*

É como um presente de aniversário do meu computador aqui na Suíte Sinclair Lewis em Xanadu. Uau! Ontem foi o dia 11 de novembro de 2010. Acabo de completar oitenta e oito anos, ou noventa e oito anos, se formos contar a reprise. Minha mulher, Monica Pepper Vonnegut, diz que oitenta e oito é um número de muita sorte, da mesma forma que noventa e oito. Ela é grande adepta da numerologia.

Minha querida filha Lily completará vinte e oito anos no dia 15 de dezembro! Quem jamais imaginou que eu estaria vivo para ver esse dia?

O velho e enrugado criado da família fala de um casamento. A noiva é *Mirabile Dictu,* uma virgem. O noivo é *Flagrante Delicto,* um mulherengo insensível.

Sotto Voce, um convidado do sexo masculino que está parado na periferia da cerimônia, diz com o canto da boca ao cara que está ao seu lado: “Não me dou a todo esse trabalho. Simplesmente encontro uma mulher que me odeie e lhe dou uma casa.”

E o outro cara comenta, enquanto o noivo beija a noiva: “Todas as mulheres são psicóticas. Todos os homens são canalhas.”

Já o epônimo criado da família, velho e enrugado, que se desfaz em lágrimas remelentas por trás de um vaso de palmeiras, chama-se *Scrotum.*

Monica ainda é obcecada pelo mistério de quem deixou um charuto aceso bem embaixo do alarme de incêndio na pinacoteca da Academia minutos antes de o livre-arbítrio voltar a se instalar. Isso foi há mais de nove anos! Quem se importa? Que diferença poderia resultar desse conhecimento? É como saber o que é aquele negócio branco na titica de passarinho.

O que Kilgore Trout fez com o charuto foi apagá-lo, esmagando-o no pires. Ele o esmagou, esmagou, esmagou, de acordo com sua própria confissão a Monica e a mim, como se o charuto fosse responsável não só pelo alarme estridente, mas por todo o alarido lá fora também.

— Quem não chora não mama — disse ele.

Trout disse que só percebeu o absurdo do que estava fazendo quando, no instante em que tirou um quadro da parede, preparando-se para atingir o alarme com um canto da moldura, o alarme se calou por si só.

Ele voltou a pendurar o quadro e até se certificou de que ele estava reto.

— Não sei bem por que parecia importante que o quadro estivesse bem reto e a uma distância uniforme dos outros. Eu pelo menos podia fazer com que essa pequena parte do Universo caótico fosse exatamente como deveria ser. Fiquei grato pela oportunidade de fazer isso.

Trout voltou ao saguão de entrada, esperando que o vigilante armado estivesse despertando do seu torpor. No entanto, Dudley Prince continuava como uma estátua, ainda na convicção de que, se fizesse o menor movimento, voltaria a se encontrar na cadeia de novo.

Trout o enfrentou novamente.

— Acorde! Acorde! Você voltou a dispor do livre-arbítrio, e há trabalho a fazer! — E assim por diante.

E nada.

Trout teve então uma inspiração! Em vez de tentar vender o conceito do livre-arbítrio, no qual ele próprio não acreditava, disse o seguinte:

— Você esteve muito mal! Agora está bem novamente. Você esteve muito mal! Agora está bem novamente.

Esse mantra funcionou.

Trout poderia ter sido um grande publicitário. O mesmo já foi dito acerca de Jesus Cristo. A base para toda propaganda de sucesso é uma *promessa em que se possa acreditar.* Jesus prometeu uma vida melhor após a morte. Trout estava prometendo a mesma coisa no aqui e agora.

O *rigor mortis* espiritual de Dudley Prince começou a ceder! Trout apressou sua recuperação mandando que ele estalasse os dedos, batesse os pés, esticasse a língua, requebrasse os quadris e assim por diante.

Trout, que não havia sequer prestado o exame supletivo do segundo grau, havia mesmo assim se tornado um Dr. Frankenstein de carne e osso!

47

Tio Alex Vonnegut, que dizia que deveríamos declarar em voz alta sempre que por acaso nos sentíssemos felizes, era considerado um bobo por sua mulher, tia Raye. Ele sem dúvida começou sua carreira de bobo quando era calouro novinho em folha em Harvard. Pediram a tio Alex que explicasse num ensaio por que motivo viera daquela distância de Indianápolis, para estudar em Harvard. De acordo com seu próprio relato, cheio de prazer, ele escreveu: “Porque meu irmão mais velho está no MIT.”

Tio Alex nunca teve um filho e nunca possuiu uma arma. Tinha, porém, um monte de livros e não parava de comprar livros novos e de me dar aqueles que considerava especialmente bem-feitos. Para ele, era um tormento encontrar um livro ou outro, para poder ler algum trecho especialmente mágico em voz alta para mim. Eis o motivo: sua mulher, tia Raye, que todos diziam ser uma artista, arrumava sua biblioteca de acordo com o tamanho e a cor dos volumes, bem como da altura do degrau da escada.

Por isso, ele poderia dizer a respeito de uma coletânea de ensaios de autoria do seu herói H. L. Mencken: “Acho que era verde e mais ou menos *dessa* altura.”

Sua irmã, minha tia Irma, me disse um dia quando eu já era adulto: “*Todos* os homens da família Vonnegut morrem de medo das mulheres.” Seus dois irmãos sem dúvida morriam de medo *dela.*

Prestem atenção: uma formação em Harvard não foi para meu tio Alex o que ela é hoje em dia: o troféu de uma vitória de microestratégia darwiniana sobre os outros. Seu pai, o arquiteto Bernard Vonnegut, mandou-o para lá para que ele se *civilizasse,* o que realmente aconteceu, embora ele se tornasse fabulosamente submisso à mulher e não passasse de um vendedor de seguros de vida.

Sou-lhe eternamente grato, e indiretamente grato ao que Harvard costumava ser, imagino, por minha queda para encontrar em grandes livros, alguns dos quais muito divertidos, razão suficiente para sentir a honra de estar vivo, não importa o que mais possa estar acontecendo.

Agora parece que os livros na forma tão amada pelo tio Alex e por mim, caixas articuladas e sem trancas, cheias de folhas salpicadas de tinta, estão ficando obsoletos. Meus netos já estão fazendo grande parte da sua leitura a partir de palavras projetadas na superfície de uma tela de vídeo.

Por favor, por favor, esperem só um minuto!

Na época da sua invenção, os livros eram dispositivos tão estupidamente práticos para armazenar ou transmitir linguagem, embora fossem fabricados a partir de substâncias pouquíssimo modificadas encontradas em florestas, campos e animais, quanto os últimos milagres do Vale do Silício. Não por alguma estratégia sutil, mas por acaso, graças ao seu peso e textura e graças à suave e insignificante resistência que oferecem à manipulação, os livros envolvem nossas mãos e nossos olhos e depois nossas mentes e nossas almas numa aventura espiritual que eu lamentaria que meus netos não conhecessem.

48

Para mim é agradavelmente provocante que um dos maiores poetas e um dos maiores dramaturgos deste século negassem ser do meio-oeste, especificamente de St. Louis, Missouri. Estou falando de T. S. Eliot, que acabou dando a impressão de ser o Arcebispo de Canterbury, e de Tennessee Williams, um produto da Washington University em St. Louis e da Universidade de Iowa, que acabou soando como Ashley Wilkes em *E o vento levou.*

Para dizer a verdade, Williams nasceu no Mississippi, mas se mudou para St. Louis quando estava com sete anos. E foi ele quem se deu o nome de Tennessee, aos vinte e sete anos de idade. Antes de fazer isso a si mesmo, ele era Tom.

Cole Porter nasceu em Peru, Indiana. “Night and Day”? “Begin the Beguine”? Nada mal, nada mal.

Kilgore Trout nasceu num hospital nas Bermudas, perto de onde seu pai, Raymond, estava recolhendo material para um adendo à sua tese de doutorado sobre as últimas águias marinhas das Bermudas. A última colônia dessa enorme ave azul, o maior de todos os predadores marinhos, ficava em Dead Man’s Rock, um penhasco de lava desabitado se não fosse pelas aves, no centro do célebre Triângulo das Bermudas. Na realidade, Trout foi concebido em Dead Man’s Rock, durante a lua de mel de seus pais.

O que era de especial interesse nesses pássaros era que a fêmea, e não alguma ação humana, ao que se pudesse dizer, era culpada pela rápida diminuição da população. No passado, e presumivelmente por milhares de anos, as fêmeas chocavam os ovos, cuidavam da ninhada e finalmente ensinavam os filhotes a voar, empurrando-os do alto do despenhadeiro.

No entanto, quando foi para lá como candidato a um doutorado, acompanhado da noiva, Raymond Trout descobriu que as fêmeas haviam encurtado o processo de criação empurrando *os ovos* do alto do despenhadeiro.

Foi assim que o pai de Kilgore Trout se tornou, providencialmente, um especialista, graças à iniciativa, ou como queiram rotular essa atitude, das fêmeas das águias marinhas das Bermudas, no que diz respeito aos mecanismos evolutivos que governam o destino das espécies, mecanismos diferentes da Navalha de Occam da *Seleção natural* de Darwin.

E, quando o pequeno Kilgore estava com nove anos, a família Trout não sossegou enquanto não passou o verão de 1926 acampada às margens de Disappointment Lake, no interior da Nova Escócia. Os pica-paus Dalhousie daquela região haviam abandonado a frenética atividade de ficar picando pau e, em vez disso, estavam se banqueteando com a abundância de borrachudos encontrados nos dorsos de cervos e alces.

É claro que os Dalhousies são os pica-paus mais comuns do leste do Canadá, principalmente da Terra Nova a Manitoba, e de Hudson Bay até Detroit, Michigan. Somente aqueles das proximidades de Disappointment Lake, entretanto, idênticos aos outros na plumagem, no formato e no tamanho do bico, haviam parado de conseguir insetos com esforço, extraindo-os um a um de buracos que os insetos haviam aberto ou encontrado em troncos de árvores.

A primeira vez em que eles foram observados banqueteando-se com borrachudos foi em 1916, com a Primeira Guerra Mundial se desenrolando no outro hemisfério. Os Dalhousies de Disappointment Lake não haviam sido, entretanto, alvo de observações anuais antes daquela ocasião, nem depois dela. Isso, porque nuvens de borrachudos vorazes, muitas vezes parecendo pequenos furacões, segundo Trout, tornavam o habitat dos Dalhousies apóstatas praticamente inabitável para seres humanos.

Portanto, a família Trout passou o verão ali, todos vestidos como apicultores dia e noite, com luvas, camisas de mangas compridas amarradas nos pulsos, calças compridas amarradas nos tornozelos, chapéus de abas largas providos de um véu transparente para proteger a cabeça e o pescoço, por mais infernal que estivesse o calor. Atrelados a um burro sem rabo, pai, mãe e filho arrastaram o equipamento de camping assim como uma pesada câmera de filmar com tripé até o local pantanoso onde iam se instalar.

O Dr. Trout esperava filmar nada mais do que Dalhousies comuns, indistinguíveis de outros Dalhousies, mas picando os dorsos de cervos e alces em vez de troncos de árvores. Imagens com essa simplicidade já teriam sido bastante empolgantes, ao revelar que animais inferiores eram tão capazes de evolução cultural quanto de evolução biológica. A partir delas seria possível extrapolar a suposição de que uma ave do bando devesse ter sido uma espécie de Albert Einstein, por assim dizer, tendo levantado a hipótese e depois provado que os borrachudos eram tão nutritivos quanto qualquer coisa que pudessem extrair do tronco de uma árvore.

E não é que uma surpresa aguardava o Dr. Trout! Não era só o fato de essas aves serem obscenamente gordas, presas fáceis, portanto, para os predadores. Elas estavam explodindo também! Esporos de um fungo de árvore comum na proximidade dos ninhos dos Dalhousies encontraram uma oportunidade para se tornar uma nova doença no trato intestinal das aves obesas, graças a certos produtos químicos encontrados nos corpos dos borrachudos.

O novo estilo de vida do fungo no interior dos pássaros a certa altura acionava a súbita liberação de quantidades tão abundantes de dióxido de carbono que eles explodiam! Um Dalhousie, talvez o último veterano da experiência de Disappointment Lake, explodiria um ano depois num parque em Detroit, Michigan, deflagrando o segundo pior conflito racial na história da cidade do automóvel.

49

Trout escreveu um conto uma vez sobre outro conflito racial. Era num planeta duas vezes maior do que a Terra, que gravitava em torno de Vomitor, uma estrela do tamanho de uma bala de espingarda de ar comprimido, há dois bilhões de anos.

Perguntei ao meu irmão mais velho, Bernie, no Museu de História Natural em Nova York, e isso foi muito antes do período da reprise, se acreditava na teoria da evolução de Darwin. Ele disse que acreditava, e eu lhe perguntei como isso era possível. Ele respondeu que era a única que nós tínhamos.

A resposta de Bernie é o final de outra piada velha, como "Tlintlim, seu filho da puta!" Um cara vai entrar num jogo de cartas e um amigo lhe diz que o baralho está viciado. Daí o cara responde: "É, eu sei, mas é o único que nós temos."

Sou preguiçoso demais para pesquisar a citação exata, mas o astrônomo britânico Fred Hoyle disse algo mais ou menos com esse sentido: que acreditar nos mecanismos teóricos da evolução propostos por Darwin era como acreditar que um furacão poderia atingir um ferro-velho e construir um Boeing 747.

Não importa quem esteja fazendo a criação, devo declarar que a girafa e o rinoceronte são ridículos.

Da mesma forma que o cérebro humano, capaz, em cumplicidade com as partes mais sensíveis do corpo, como por exemplo o dim-dom, de odiar a vida enquanto finge que a adora, e de se comportar de acordo. "Alguém me mate enquanto estou feliz!"

Kilgore Trout, o filho do ornitólogo, escreveu em *Meus dez anos no piloto automático*: “O *Fiduciário* é uma ave mitológica. Jamais existiu na Natureza. Nunca pôde existir e nunca existirá.”

Trout é a única pessoa que chegou um dia a dizer que o *Fiduciário* era algum tipo de ave. O substantivo (do latim *fiducia,* confiança, fé) na realidade identifica um tipo de *Homo sapiens* que se dispõe a preservar os bens, nos nossos tempos, especialmente, representações em papel ou no computador da riqueza que pertence a outras pessoas, incluindo-se letras do tesouro dos seus governos.

Ele ou ela não tem como existir, graças ao cérebro e ao dim-dom, e assim por diante. Por isso, neste verão de 1996, da reprise ou não, temos, como sempre, infiéis guardiões do capital que se tornam multimilionários e multibilionários enquanto brincam de passar o anel com dinheiro que seria gasto de uma forma melhor na criação de empregos significativos e no treinamento das pessoas que fossem ocupar esses postos, na criação dos nossos filhos e na aposentadoria dos nossos velhos em ambientes de respeito e segurança.

Pelo amor de Deus, vamos ajudar mais essas pessoas apavoradas a passar por tudo isso, não importa o que seja.

Por que jogar dinheiro em problemas? É *para* isso que o dinheiro serve.

Será que a riqueza do país deveria ser redistribuída? Ela foi e continua sendo redistribuída para algumas pessoas de uma forma espantosamente prejudicial.

Permitam-me observar que Kilgore Trout e eu nunca usamos ponto e vírgula. Eles não fazem nada, não sugerem nada. São hermafroditas travestidos.

É, e qualquer sonho de cuidar melhor do nosso povo também poderia não passar de um hermafrodita travestido se não houver algum projeto para dar a todos nós o apoio e o companheirismo de famílias extensas, no seio das quais a solidariedade e a compaixão são mais plausíveis do que no seio de uma nação enorme. E um *Fiduciário* pode, afinal de contas, não ser tão mítico quanto o *Roca* e a *Fênix.*

50

Sou tão velho que posso me lembrar de uma época em que a palavra *foder* era considerada tão repleta de magia nociva que nenhuma publicação respeitável a imprimia.

Uma palavra supostamente tão cheia de veneno quanto essa, mas que podia ser pronunciada na presença de pessoas educadas, desde que o tom de quem falasse sugerisse medo e ódio era *Comunismo,* indicando uma atividade praticada com tanta regularidade e inocência quanto a foda em muitas sociedades primitivas.

Por isso, foi um comentário especialmente sintético a respeito do patriotismo e do bom-mocismo reinantes durante a loucura deliberada da guerra do Vietnã quando o humorista Paul Krassner mandou imprimir adesivos para para-choques com os dizeres FODA-SE O COMUNISMO!

Meu romance *Matadouro 5* foi criticado naquela época por conter palavrões como *filho da puta.* Num dos episódios iniciais, alguém atira em quatro soldados norte-americanos apanhados atrás das linhas alemãs. Um norte-americano rosna para outro, que, como eu digo, nunca trepou com ninguém, “Baixa essa cabeça, seu palerma filho da puta”.

É claro que eu compreendo que a revolta generalizada inspirada mesmo agora, e talvez para sempre, pela palavra *Comunismo* é uma reação saudável à crueldade e estupidez dos ditadores da URSS, que se denominavam, imaginem só, *comunistas,* exatamente como Hitler se dizia, imaginem só, *cristão.*

Para os filhos da Depressão, entretanto, ainda chega a parecer uma pena excluir do pensamento educado, em decorrência dos crimes de tiranos, uma palavra que no início descrevia para nós nada mais do que uma alternativa possivelmente razoável à ciranda de Wall Street.

É, e a palavra *Socialistas* era o primeiro *S* de *URSS.* Por isso, adeus, *Socialismo,* junto com o *Comunismo.* Adeus ao espírito de Eugene Debs de Terre Haute, Indiana, onde o luar brilha ao longo do Wabash. Dos campos sobe o alento de feno recém-cortado.

"Enquanto houver uma criatura na cadeia, não serei livre."

A Depressão foi uma época propícia para o debate sobre todas as alternativas à ciranda de Wall Street, que de repente havia exterminado tantas empresas, bancos inclusive. A ciranda deixou milhões e milhões de norte-americanos sem nenhum meio para pagar por alimentos, roupas e um teto.

E daí?

Isso já foi há quase um século, se quisermos contar a reprise. Esqueça! Praticamente todo mundo que estava vivo naquela época já está mortinho da silva. Feliz Socialismo para eles na Vida após a Morte!

O que importa agora é que, na tarde de 13 de fevereiro de 2001, Kilgore Trout despertou Dudley Prince da sua Apatia Pós-Tremor. Trout insistiu com ele para que falasse, dissesse alguma coisa, por mais sem sentido que fosse. Trout sugeriu que ele fizesse um juramento à bandeira ou coisa semelhante para provar a si mesmo com isso que voltava a estar no comando do seu próprio destino.

A princípio, Prince falou com a voz enrolada. Não fez nenhum juramento à bandeira, mas em vez disso indicou que estava tentando compreender tudo que Trout lhe dissera até então.

— Você me disse que eu *tinha* alguma coisa — disse ele.

— Você esteve mal, mas agora está bem, e há trabalho a fazer — respondeu Trout.

— Antes disso — insistiu Prince. — Você disse que eu *tinha* alguma coisa.

— Esqueça — retrucou Trout. — Eu estava todo empolgado. Não estava falando coisa com coisa.

— Ainda quero saber o que você disse que eu *tinha.*

— Eu disse que você tinha livre-arbítrio — respondeu Trout.

— Livre-arbítrio, livre-arbítrio, livre-arbítrio — repetiu Prince, com um assombro irônico. — Sempre quis saber o que era que eu *tinha.* Agora tenho um *nome.*

— Por favor, esqueça o que eu disse. Há vidas a salvar!

— Sabe o que você pode fazer com o livre-arbítrio? — disse Prince.

— Não — respondeu Trout.

— Pode enfiá-lo no rabo.

51

Quando comparo Trout ali no saguão de entrada da Academia Americana de Letras e Artes, acordando Dudley Prince da APT, ao Dr. Frankenstein, estou obviamente fazendo alusão ao anti-herói do romance *Frankenstein — ou o Prometeu moderno,* de Mary Wollstonecraft Shelley, segunda esposa do poeta inglês Percy Bysshe Shelley. Nesse livro, o cientista Frankenstein reúne um monte de partes de cadáveres diferentes na forma de um homem.

Frankenstein ativa essas partes com eletricidade. Os resultados no livro são diametralmente opostos àqueles obtidos desde então nas penitenciárias estaduais na vida real com cadeiras elétricas verdadeiras. A maioria das pessoas pensa que Frankenstein é o monstro. E não é. Frankenstein é o cientista.

Prometeu, na mitologia grega, faz os primeiros seres humanos a partir do barro. Ele rouba o fogo do Céu e o dá às criaturas, seria de se esperar, para que possam se aquecer e cozinhar e não para que incinerem todos os “japonesinhos filhos da mãe” em Hiroshima e Nagasaki.

No segundo capítulo deste meu livro sensacional, menciono uma cerimônia na capela da Universidade de Chicago em memória do quinquagésimo aniversário do bombardeio de Hiroshima. Naquela ocasião, eu disse que era forçado a respeitar a opinião do meu amigo William Styron de que a bomba de Hiroshima salvou sua vida. Quando a bomba foi lançada, Styron era fuzileiro naval dos Estados Unidos, em treinamento para uma invasão das ilhas japonesas.

Precisei acrescentar, no entanto, que eu conhecia uma única palavra que provava que nosso governo democrático era capaz de cometer assassinatos obscenos e brutais, com um racismo e uma raiva delirantes, assassinatos de pessoas desarmadas, homens, mulheres e crianças, assassinatos totalmente carentes de bom senso militar. Eu disse a palavra. Era estrangeira. Era *Nagasaki.*

Não importa! Isso também foi há muito, muito tempo, e dez anos a mais ainda por cima, se contarmos a reprise. Neste momento, o que considero merecedor de uma exclamação é a contínua aplicabilidade à condição humana, anos depois de o livre-arbítrio ter deixado de ser uma novidade, daquilo que estimulou Dudley Prince, trazendo-o de volta à vida, ou que é universalmente conhecido como o Credo de Kilgore: “Você esteve mal, mas agora está bem, e há trabalho a fazer.”

Ouvi dizer que os professores em escolas públicas no país inteiro recitam o Credo de Kilgore para os alunos depois que estes fazem o *Juramento à Bandeira* e rezam o *Pai-nosso* no início de cada dia de aula. Os professores afirmam que ele parece ser útil.

Um amigo meu me relatou que esteve num casamento na semana passada no qual o padre disse no clímax da cerimônia: “Vocês estiveram mal, mas agora estão bem, e há trabalho a fazer. Eu agora os declaro marido e mulher.”

Outra amiga, uma bioquímica que trabalha para um fabricante de rações para gatos, disse que estava hospedada num hotel em Toronto, no Canadá, e pediu à recepção que a despertasse pela manhã. No dia seguinte de manhã, ela atendeu o telefone e a telefonista disse: “Você esteve mal, mas agora está bem, e há trabalho a fazer. São sete horas, e a temperatura lá fora é 32 graus Fahrenheit, ou zero Celsius.”

Só na tarde do dia 13 de fevereiro de 2001 e depois durante mais ou menos duas semanas, o Credo de Kilgore foi tão eficaz na salvação da vida na Terra quanto o *E é igual a mc ao quadrado* de Einstein havia sido para exterminá-la algumas gerações antes.

Trout fez com que Dudley Prince dissesse as palavras mágicas aos outros dois vigilantes armados do turno diurno na Academia. Eles entraram no ex-Museu do Índio e as repetiram para os vagabundos catatônicos que encontraram lá. Um bom número de gado sagrado desperto, talvez um terço deles, tornou-se, por sua vez, evangelizador contra a APT. Armados com nada a não ser o Credo de Kilgore, esses esfarrapados veteranos do desemprego foram se espalhando pela vizinhança para devolver outras estátuas vivas a vidas úteis, a ajudar os feridos ou, pelo menos, a procurar logo um abrigo em qualquer lugar antes que morressem congelados.

"Deus está nos detalhes", diz-nos o Anônimo, na décima sexta edição do *Bartlett's Familiar Quotations.* Vem ao caso o detalhe aparentemente insignificante do que aconteceu com a limusine blindada que deixou Zoltan Pepper para ser esmagado pelo caminhão dos bombeiros no momento em que tocava a campainha da Academia. O motorista, Jerry Rivers, levou o veículo uns cinquenta metros para o oeste, na direção do rio Hudson, depois de descarregar na calçada seu passageiro paraplégico e sua cadeira de rodas.

Isso ainda fazia parte da reprise. No entanto, com reprise ou não, Jerry não deveria ficar estacionado diante da Academia, para que o veículo luxuoso não despertasse suspeitas de que a Academia pudesse ser outra coisa além de um prédio abandonado. Se esse não tivesse sido o procedimento, a limusine teria absorvido o impacto do caminhão dos bombeiros e possivelmente, mas não com total certeza, teria salvado a vida de Zoltan Pepper enquanto ele tocava a campainha.

Mas a que custo? A entrada da Academia não teria sido derrubada, dando a Kilgore Trout acesso a Dudley Prince e aos outros vigilantes armados. Trout não poderia ter vestido um uniforme de segurança de reserva que encontrou lá, e que lhe conferiu uma aparência de autoridade. Ele não teria sido capaz de se armar com a bazuca da Academia, com a qual foi destruindo os alarmes contra roubo disparados em veículos estacionados que haviam sido abalroados, mas que se encontravam desocupados.

52

A Academia Americana de Letras e Artes possuía uma bazuca porque os generais que demoliram a Columbia University iniciaram seu ataque com um tanque roubado da Divisão Arco-Íris da Guarda Nacional. Eram tão audaciosos que desfraldaram a bandeira norte-americana, com suas listras e estrelas.

É concebível que os generais, com quem ninguém se mete, da mesma forma que ninguém se mete com as dez maiores empresas, se considerem tão norte-americanos quanto qualquer outra pessoa.

"A América", escreveu Kilgore Trout em *Meus dez anos...,* "é a interação entre trezentos milhões de engenhocas de Rube Goldberg, inventadas apenas ontem."

"E é melhor que se tenha uma família extensa", acrescentou, embora ele próprio tivesse vivido sem família no período que decorreu entre a época em que foi dispensado do Exército, em 11 de setembro de 1945, e o dia 1º de março de 2001, data na qual ele, Monica Pepper, Dudley Prince e Jerry Rivers chegaram a Xanadu, numa limusine blindada, com um reboque sobrecarregado sambando lá atrás.

Rube Goldberg era um cartunista de jornal durante o último século do milênio cristão anterior. Ele criava imagens de máquinas absurdamente complexas e pouco confiáveis, que empregavam esteiras rolantes, alçapões, sinos e apitos, com animais domésticos atrelados, além de maçaricos, carteiros e lâmpadas, bombinhas, espelhos, rádios, vitrolas, pistolas que disparavam cartuchos vazios, entre outras coisas, a fim de realizar alguma tarefa simples, como a de fechar uma veneziana.

É, e Trout insistia na necessidade humana de famílias extensas, e eu ainda insisto, porque está óbvio que nós, por sermos humanos, precisamos delas tanto quanto precisamos de proteínas, carboidratos, gorduras, vitaminas e sais minerais essenciais.

Acabo de ler sobre um pai adolescente que matou o próprio filho de tanto sacudi-lo porque o bebê ainda não sabia controlar o esfíncter anal e não parava de chorar. Numa família extensa, haveria outras pessoas por ali que teriam apanhado o bebê para confortá-lo e teriam feito o mesmo com o pai.

Se o pai tivesse sido criado numa família extensa, ele poderia não ter sido um pai tão horrível, ou talvez não ter sido ainda pai, por ser jovem demais para ser um bom pai ou por ser louco demais para chegar algum dia a ser um bom pai.

Estive no sul da Nigéria em 1970, bem no final da guerra de Biafra, no lado de Biafra, o lado que perdeu, o lado que era principalmente Ibo, muito antes da reprise. Conheci um pai Ibo de um bebê recém-nascido. O pai tinha quatrocentos parentes! Mesmo com uma guerra perdida em andamento, ele e a mulher estavam a ponto de fazer uma viagem, para apresentar o bebê a todos os parentes.

Quando o exército de Biafra precisava de soldados, grandes famílias Ibo se reuniam para decidir quem deveria ir. Em tempos de paz, as famílias se reuniam para resolver quem deveria ir para a faculdade, muitas vezes para Cal Tech, Oxford ou Harvard, muito longe de lá. E então a família inteira fazia uma vaquinha para pagar a viagem, a anuidade e as roupas adequadas para o clima e para a sociedade dominante no lugar para onde o jovem fosse.

Conheci lá o escritor de origem Ibo, Chinua Achebe. Ele agora ensina e escreve na Bard College em Annandale-on-Hudson, estado de Nova York, 12504, aqui do nosso lado. Perguntei-lhe como o povo Ibo estava se saindo agora, com a Nigéria governada por uma junta predatória que costuma enforcar seus críticos por terem livre-arbítrio em excesso.

Chinua disse que não há nenhum Ibo em qualquer posto no governo, e que eles também não queriam nenhum posto. Disse que seu povo sobrevive de pequenas empresas com pouca probabilidade de levá-los a entrar em conflito com o governo ou seus amigos, dentre os quais incluem-se representantes da Shell Oil Company.

Eles devem ter feito muitas reuniões, nas quais foram debatidas questões éticas assim como estratégias de sobrevivência.

E ainda mandam seus filhos mais inteligentes para as melhores universidades, distantes do país.

Quando enalteço a ideia de uma família e de valores familiares, não estou falando em um homem, uma mulher e seus filhos, novos na cidade, apavorados de medo, sem a menor ideia do que fazer em meio ao caos político, ecológico, tecnológico e econômico. Estou falando daquilo de que tantos norte-americanos precisam tão loucamente: do que eu tinha em Indianápolis antes da Segunda Guerra Mundial, do que os personagens de *Our Town* de Thornton Wilder tinham e do que o povo Ibo tem.

No Capítulo 45, propus duas emendas à Constituição. Seguem-se mais duas. Pouca coisa a se esperar da vida, seria de se imaginar, como a Carta de Direitos.

Artigo XXX: Todo indivíduo, ao atingir uma idade de puberdade prevista por lei, será declarado adulto num ritual público solene, durante o qual ele ou ela deverá aceitar suas novas responsabilidades na comunidade e as distinções delas resultantes.

Artigo XXXI: Serão envidados todos os esforços para que cada indivíduo sinta que ele ou ela fará muita falta quando se for.

É claro que essas amenidades só podem ser proporcionadas de forma convincente por famílias extensas.

53

O monstro em *Frankenstein — ou, o Prometeu moderno* passa a ser mau por considerar humilhante estar vivo e ser tão feio, tão *rejeitado.* Ele mata Frankenstein, que, repito, é o cientista e não o monstro. E permitam-me acrescentar rapidamente que meu irmão mais velho, Bernie, nunca foi um cientista no estilo Frankenstein. Nunca trabalhou nem nunca teria se disposto a trabalhar em dispositivos propositadamente destrutivos de qualquer natureza. Ele também não foi nenhuma Pandora, liberando novos venenos, novas doenças ou seja lá o que for.

De acordo com a mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher. Ela foi criada pelos deuses, que estavam furiosos com Prometeu por ter feito um homem do barro e por lhes ter roubado o fogo. Criar uma mulher foi sua *vingança.* Eles deram a Pandora uma caixa. Prometeu implorou-lhe que não a abrisse. Ela a abriu. Todos os males que se abatem sobre a carne humana saíram daquela caixa.

A última coisa a sair da caixa foi a *esperança.* Ela foi embora, voando.

Não fui eu quem inventou isso. Nem foi Kilgore Trout. Foram os gregos da antiguidade.

Mas o que eu quero dizer realmente é que o monstro de Frankenstein era infeliz e destrutivo enquanto as pessoas que Trout energizou nas proximidades da Academia, embora em sua maioria não tivessem conseguido vencer nenhum concurso de beleza, eram quase todas alegres e providas de espírito público.

Devo dizer que *a maioria delas* não teria vencido nenhum concurso de beleza. Havia pelo menos uma mulher de beleza espantosa envolvida. Tratava-se de uma funcionária administrativa da Academia, Clara Zine. Monica Pepper tem certeza de que foi Clara Zine quem estava fumando o charuto que disparou o alarme de incêndio na pinacoteca. Quando inquirida por Monica, Clara Zine jurou que na sua vida inteira nunca havia fumado um charuto sequer, que detestava charutos, e depois desapareceu.

Não faço a menor ideia do que lhe aconteceu.

Clara Zine e Monica estavam cuidando dos feridos no ex-Museu do Índio, que Trout havia transformado em hospital, quando Monica perguntou a Clara pelo charuto. E depois Clara partiu, indignada.

Trout, portando o que se tornara *sua* bazuca e acompanhado por Dudley Prince e pelos outros dois vigilantes armados, havia expulsado todos os vagabundos que ainda estavam no abrigo. Fizeram isso para liberar as camas para pessoas com fraturas em membros ou no crânio, não importa onde, que precisassem e merecessem ficar deitadas num local aquecido ainda mais do que os vagabundos.

Era uma triagem, como a que Kilgore Trout havia visto sendo posta em prática nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. “Só lamento ter apenas uma vida para dar para o meu país”, disse o patriota norte-americano Nathan Hale. “Os vagabundos que se fodam!”, disse o patriota norte-americano Kilgore Trout.

Entretanto, foi Jerry Rivers, o motorista da limusine do casal Pepper, quem conseguiu dirigir seu veículo de sonhos, evitando com cuidado automóveis destroçados e suas vítimas, frequentemente subindo nas calçadas, para chegar aos estúdios da Columbia Broadcasting System lá na West 52nd Street. Rivers despertou o pessoal que lá se encontrava com “Você esteve mal mas agora está bem e há trabalho a fazer”. E em seguida ele conseguiu que eles pusessem no ar a mesma mensagem tanto no rádio quanto na televisão de uma costa do país à outra.

No entanto, para conseguir que fizessem isso, Rivers precisou lhes contar uma mentira. Disse que todo mundo estava se recuperando de um ataque com um gás que afeta o sistema nervoso, ataque perpetrado por desconhecidos. Por isso, a primeira versão do Credo de Kilgore a alcançar milhões no país e em seguida bilhões no mundo inteiro foi a seguinte: “Exclusivo da CBS! Houve um ataque, por parte de desconhecidos, com um gás que afeta o sistema nervoso. Vocês estiveram mal mas agora estão bem, e há trabalho a fazer. Certifiquem-se de que todas as crianças e todos os idosos estejam em segurança dentro de casa.”

54

Sem dúvida! Cometeram-se erros! Mas o fato de Trout ter silenciado alarmes para roubo de automóveis com sua bazuca não foi um deles. Se quisermos escrever um manual sobre como se comportar em áreas urbanas, na eventualidade de ocorrer outro tremor de tempo, outra reprise e outra volta do livre-arbítrio, ele deveria recomendar que toda comunidade tivesse uma bazuca e que adultos responsáveis soubessem onde encontrá-la.

Erros? O manual deveria salientar que os veículos em si *não são responsáveis* pelo prejuízo que causarem, quer estejam sendo conduzidos quer não. Punir veículos como se eles fossem escravos rebeldes em busca de um esconderijo é uma perda de tempo! Além disso, descarregar a raiva em carros, caminhões e ônibus em condições de funcionar, simplesmente porque são *veículos automotivos,* acaba privando de meios de transporte as equipes de salvamento e os refugiados.

Como Trout aconselha em *Meus dez anos...*: “Destroçar o Dodge Intrepid estacionado de algum desconhecido pode até conferir um alívio passageiro para sintomas de estresse. No entanto, no final das contas, isso só poderá tornar a vida do seu proprietário um monte de merda ainda maior do que antes. Tratai o veículo alheio como desejaríeis que os outros tratassem o vosso.

“É pura superstição imaginar que um veículo com a ignição desligada possa se ligar automaticamente sem a ajuda de um ser humano”, prossegue ele. “Se, depois que o livre-arbítrio voltar a prevalecer, você *precisar* arrancar as chaves da ignição de veículos desprovidos de motorista, cujo motor não esteja em funcionamento, por favor, por favor, por favor ponha essas chaves numa *caixa de correio*, e não as jogue num bueiro ou num terreno baldio cheio de lixo.”

O maior erro que o próprio Trout cometeu talvez tenha sido o de transformar a Academia Americana de Letras e Artes num necrotério. A porta de aço e sua moldura foram presas novamente no lugar, para manter o local aquecido. Teria sido mais sensato enfileirar os corpos lá fora, onde a temperatura estava muito abaixo do ponto de congelamento.

E não se poderia esperar que Trout se preocupasse com isso, lá para aquelas bandas da West 155th, mas algum funcionário desperto do Departamento Federal de Aviação deveria ter percebido, depois que todas as colisões em terra começassem a parar, que ainda havia aeronaves nos céus, em piloto automático. Suas tripulações e passageiros, ainda tontos com APT sem tratamento, não estavam em condições de dar a mínima para o que aconteceria quando o combustível acabasse.

Em dez minutos, talvez uma hora, talvez três horas, ou não importa em quanto tempo, esses aparelhos mais pesados do que o ar, muitas vezes a uns dez mil metros de altitude, iriam ajudar todos a bordo a *bater as botas,* a *esticar as canelas.*

Para o povo Mbuti, os pigmeus da floresta pluvial no Zaire, na África, o dia 13 de fevereiro de 2001 foi, com toda probabilidade, um dia nem um pouco mais nem um pouco menos espantoso do que qualquer outro dia, a menos que um avião descontrolado caísse por acaso em cima de um deles depois que a reprise terminou.

De todas as aeronaves, as piores para o momento em que o livre-arbítrio volta a prevalecer são, naturalmente, os helicópteros, parafusos voadores imaginados pela primeira vez pelo gênio Leonardo da Vinci (1452-1519). Os helicópteros não conseguem planar. Para começo de conversa, os helicópteros não querem voar.

Um lugar muito mais seguro para se estar é numa montanha-russa ou numa roda gigante.

É, e quando a lei marcial foi decretada na cidade de Nova York, o ex-Museu do Índio foi transformado num quartel, aliviaram Trout da sua bazuca, a sede da Academia foi requisitada para ser um clube de oficiais e Monica Pepper, Dudley Prince e Jerry Rivers partiram na limusine com destino a Xanadu.

Trout, o ex-vagabundo, tinha roupas caras, incluindo-se sapatos, meias, cuecas e abotoaduras, além de um conjunto de malas Louis Vuitton, que haviam pertencido a Zoltan Pepper. Todos concordaram que o marido de Monica estava melhor morto. O que ele teria para almejar?

Quando encontrou na rua a cadeira de rodas achatada e alongada de Zoltan, Trout a encostou numa árvore e disse que era arte moderna. As duas rodas haviam sido esmagadas uma contra a outra, de modo que pareciam uma roda só. Trout disse que se tratava de um louva-a-Deus de couro e alumínio, de um metro e oitenta de altura, tentando andar num monociclo.

Ele a chamou de *O espírito do século XXI.*

55

Conheci o escritor Dick Francis no Derby de Kentucky há alguns anos. Eu sabia que ele havia sido campeão em corridas de cavalos com obstáculos. Comentei que ele era maior do que eu esperava. Ele respondeu que numa corrida com obstáculos era necessário um homem grande para "controlar" o cavalo. Essa sua imagem permaneceu em primeiro plano nas minhas lembranças por tanto tempo, creio eu, porque a própria vida pode ser muito parecida com isso: uma questão de controlar nosso amor-próprio, em vez de controlar um cavalo, à medida que se espera que nosso amor-próprio salte por cima de obstáculos, de cercas-vivas e da água.

Minha querida filha de treze anos, Lily, tendo se tornado uma adolescente bonita, me parece, à semelhança da maioria dos adolescentes norte-americanos, estar controlando seu amor-próprio da melhor forma possível numa corrida com obstáculos realmente apavorantes.

Eu disse aos formandos da Butler University, não muito mais velhos do que Lily, que eles estavam sendo chamados de *Geração X,* a dois passos do final do alfabeto, mas que eles eram tão *Geração A* quanto Adão e Eva haviam sido. Que papo furado!

Esprit de l'escalier! Antes tarde do que nunca! Somente neste exato momento, em 1996, quando estou prestes a escrever a próxima frase, percebo como a imagem de um Jardim do Éden deve ter sido desprovida de significado para minha jovem plateia, tendo em vista que o mundo apresentava uma população tão densa de outros indivíduos apavorados em segredo, tendo em vista que o mundo estava tão juncado de ciladas tanto naturais quanto feitas pelo homem.

A tal frase seguinte: eu deveria ter-lhes dito que eles eram como Dick Francis quando Dick Francis era jovem e se encontrava montado num animal cheio de orgulho e pânico, na largada de uma corrida com obstáculos.

E mais: se uma montaria refuga repetidamente diante de imprevistos, ela é aposentada, levada para o pasto. O amor-próprio da maioria dos norte-americanos da classe média da minha faixa etária ou mais velhos, que ainda estão vivos, está agora no pasto, o que não é um lugar ruim de todo para se estar. Eles se alimentam. Eles ruminam.

Se o amor-próprio quebrar uma perna, a perna nunca poderá sarar. Seu dono terá de lhe dar um tiro. Minha mãe, Ernest Hemingway, meu ex-agente literário, Jerzy Kosinski, o relutante orientador da minha tese na Universidade de Chicago e Eva Braun, todos eles me ocorrem.

Mas não Kilgore Trout. Seu indestrutível amor-próprio é o que mais admirei em Kilgore Trout. Pode acontecer de homens amarem homens, tanto na paz quanto na guerra. Também amei meu companheiro de armas Bernard V. O'Hare.

Muitas pessoas fracassam porque seus cérebros, seu quilo e meio de esponja encharcada de sangue, sua refeição de cachorro, não funcionam muito bem. A causa do fracasso pode ser extremamente simples. Algumas pessoas, por mais que tentem, não conseguem o desempenho necessário para o sucesso! Só isso!

Tenho um primo da minha idade que estava se saindo pessimamente lá na Shortridge High School. Ele era um atacante grandalhão e um doce de criatura. Um dia, levou para casa um boletim horroroso. O pai lhe perguntou o que aquilo *queria dizer.* Meu primo respondeu com as seguintes palavras: "Você ainda não sabe, pai? Eu sou burro. Sou *burro.*"

Engulam essa! Meu tio-avô por parte de mãe Carl Barus foi um dos fundadores e presidente da Sociedade Americana de Física. Há um prédio na Brown University cujo nome é em sua homenagem. Tio Carl Barus ensinou lá por anos a fio. Não cheguei a conhecê-lo. Mas meu irmão mais velho o conheceu. Até este verão de 1996, Bernie e eu o considerávamos um colaborador sereno dos modestos porém regulares avanços no sentido da compreensão das leis da Natureza.

Em junho passado, entretanto, pedi a Bernie que me relatasse alguma descoberta específica, por menor que fosse, realizada por nosso ilustre tio-avô, cujos genes Bernie havia herdado de forma tão notável. A resposta de Bernie foi para lá de demorada, custou muito a ser dada. Bernie estava perplexo de se dar conta em idade tão avançada de que tio Carl, embora tivesse tornado atraente a ideia de uma carreira dedicada à física, nunca lhe dissera uma palavra sobre algo que ele próprio tivesse realizado.

— Vou ter de pesquisar — disse Bernie.

Não é de se tirar o chapéu?

Ouçam. Tio Carl, por volta de 1900, fez experiências com os efeitos dos raios X e da radioatividade sobre a condensação numa câmara de nuvem, um cilindro de madeira cheio de uma névoa que ele próprio havia produzido. Ele concluiu e publicou em tom de certeza que a ionização era relativamente sem importância na condensação.

Mais ou menos na mesma época, prezados amigos e vizinhos, o físico escocês Charles Thomson Rees Wilson realizou experiências semelhantes com uma câmara de nuvem feita de *vidro.* O engenhoso escocês provou que os íons produzidos por raios X e pela radioatividade tinham muito a ver com a condensação. Wilson criticou tio Carl por ignorar a contaminação por parte das paredes de madeira da sua câmara, por seu método tosco de criar nuvens e por não proteger sua névoa do campo elétrico do seu aparelho de raios X.

Com o auxílio da sua câmara de nuvem, Wilson prosseguiu em seus esforços para tornar visíveis a olho nu as trajetórias de partículas com carga elétrica. Em 1927, ele dividiu um prêmio Nobel de Física por esse seu trabalho.

Tio Carl deve ter se sentido como alguma coisa que o gato arrastou para dentro de casa!

56

Luddita até a morte, como foi Kilgore Trout, como foi Ned Ludd, o provável mas não decididamente fictício trabalhador que teria supostamente destruído máquinas em Leicestershire, na Inglaterra, no início do século XIX, insisto em catar milho numa máquina de escrever manual. Isso ainda me deixa, em termos tecnológicos, algumas gerações à frente de William Styron e Stephen King, que, à semelhança de Trout, escrevem com caneta em blocos amarelos de tamanho ofício.

Corrijo minhas páginas com caneta ou com lápis. Vim a Manhattan a negócios. Telefono para uma mulher que vem já há muitos anos redatilografando tudo para mim. Ela também não tem computador. Talvez eu devesse dispensá-la. Ela se mudou da cidade grande para uma cidadezinha de interior. Pergunto-lhe como está o tempo para aquelas bandas. Pergunto se apareceu algum pássaro raro no comedouro que instalou. Pergunto se algum esquilo descobriu um jeito de chegar até ele e assim por diante.

É, os esquilos descobriram um novo jeito de alcançar o comedouro. Se for preciso, eles podem se transformar em trapezistas.

No passado, ela teve problemas com as costas. Pergunto-lhe como vão as costas. Ela diz que está tudo bem e me pergunta como vai minha filha Lily. Digo que Lily vai bem. Ela quer saber a idade de Lily, e eu digo que fará quatorze anos em dezembro.

— Quatorze! Meu Deus! Meu Deus! Parece que foi ontem que ela era um bebê.

Digo que tenho mais algumas páginas para ela bater. “Está bem”, diz ela. Vou precisar enviá-las pelo correio já que ela não tem fax. Repito: talvez eu devesse dispensá-la.

Ainda estou no terceiro andar da nossa casa revestida de arenito pardo na cidade, e não temos elevador. Por isso, lá vou eu ruidoso escada abaixo, com minhas folhas. Chego ao primeiro andar, onde minha mulher tem seu escritório. Quando estava com a idade de Lily, sua leitura preferida eram histórias sobre Nancy Drew, a garota detetive.

Nancy Drew é para Jill o que Kilgore Trout é para mim. Por isso, Jill pergunta onde estou indo.

— Vou comprar um envelope.

— Você não é pobre. Por que não compra mil envelopes e os guarda num armário? — diz ela. Jill acha que está sendo racional. Ela tem um computador. Tem um fax. Tem secretária eletrônica para não perder nenhum recado importante. Tem máquina xerox. Tem toda essa tranqueira.

— Volto logo — respondo eu.

E lá vou eu mergulhar no mundo! Assaltantes! Caçadores de autógrafos! Drogados! Pessoas com empregos de verdade! Talvez uma trepada fácil! Funcionários e diplomatas das Nações Unidas!

Nossa casa fica perto das Nações Unidas. Por isso, há todo tipo de gente de aparência estrangeira embarcando em limusines estacionadas em local proibido ou desembarcando delas, esforçando-se ao máximo, como os restantes de nós, para controlar seu amor-próprio. Enquanto vou perambulando um meio quarteirão até a loja de jornais e revistas na Segunda Avenida, que também vende artigos de papelaria, posso me sentir, se assim desejar, em virtude de todos os estrangeiros, como Humphrey Bogart ou Peter Lorre em *Casablanca,* o terceiro melhor filme de todos os tempos.

O melhor de todos, como sabe qualquer um que tenha metade do cérebro, é *Minha vida de cachorro.* O segundo melhor filme é *A malvada.*

Existe, além do mais, uma chance de que eu veja Katharine Hepburn, uma *verdadeira* estrela do cinema! Ela mora a um quarteirão de nós! Quando falo com ela e lhe digo meu nome, ela sempre responde: “Ah, é mesmo, você é aquele amigo do meu irmão.” Eu não conheço esse irmão.

Hoje, porém, não tive essa sorte. Mas que importa? Sou um filósofo. Tenho de ser.

Lá entro eu na loja de revistas. Pessoas relativamente pobres, com vidas que não dão grande impressão de valer a pena, estão em fila para comprar bilhetes de loteria ou alguma outra besteira. Todos se controlam. Fingem não saber que eu sou uma celebridade.

A loja é uma empresa familiar de propriedade de *hindus,* não estou brincando, *hindus*! A mulher tem um rubizinho minúsculo entre os olhos. Isso já vale a caminhada. Quem é que precisa de envelope?

You must remember this, a kiss is still a kiss, a sigh is still a sigh.

Conheço o estoque de material de papelaria dos hindus tanto quanto eles. Não estudei antropologia para nada. Encontro sem ajuda um envelope de papel pardo de nove polegadas por doze, lembrando-me simultaneamente de uma piada sobre a equipe de beisebol dos Chicago Cubs. Supostamente os Cubs estavam se transferindo para as Filipinas, onde receberiam o novo nome de Manila Folders.[1] Essa piada também se teria aplicado bem aos Boston Red Sox.[2]

Ocupo meu lugar no final da fila, batendo papo com outros fregueses que estão comprando alguma coisa que não seja bilhetes de loteria. Tanto faria se os panacas da loteria, descerebrados pela esperança e pela numerologia, fossem vítimas de Apatia Pós-Tremor de Tempo. Seria fácil atropelá-los com uma carreta de dezoito rodas. Eles não se importariam.

57

Da loja de revistas, ando um quarteirão na direção sul até a lojinha de conveniência dos correios onde estou secretamente apaixonado por uma mulher que atende atrás do balcão. Já enfiei minhas folhas no envelope de papel pardo. Escrevo o endereço e depois vou para meu lugar no final de outra fila comprida. Agora preciso de selos! Hum, que delícia!

A mulher que amo nesse lugar não sabe que eu a amo. Querem falar de cara de pau? Quando os seus olhos encontram os meus, é como se ela estivesse olhando para um melão!

Como trabalha sentada e em decorrência do balcão e da bata que usa, tudo o que vejo dela é do pescoço para cima. E isso basta! Do pescoço para cima, ela é como um banquete de Ação de Graças! Não quero dizer que ela pareça com um prato cheio de peru, batatas doces e molho de arando. Quero dizer que ela faz com que eu me sinta como se fosse exatamente isso o que acaba de ser posto diante de mim. Ao ataque! Ao ataque!

Sem enfeites, creio eu, seu pescoço, rosto, orelhas e cabelo ainda seriam um banquete de Ação de Graças. No entanto, todos os dias ela pendura novos berloques nas orelhas e em volta do pescoço. Às vezes, penteia o cabelo para cima. Às vezes, para baixo. Numa hora, ele está crespo. Noutra, está liso. E o que ela não consegue fazer com os olhos e os lábios! Um dia compro um selo da filha do conde Drácula! No dia seguinte, ela é a Virgem Maria.

Hoje ela é Ingrid Bergman em *Stromboli.* Mas ainda está muito distante. Na fila à minha frente são inúmeros os idiotas gagás que não conseguem mais contar dinheiro, além dos imigrantes que falam uma algaravia, imaginando de uma forma enlouquecedora que aquilo seja inglês.

Uma vez bateram minha carteira nesse Centro de Conveniência Postal. Conveniente para quem?

Aproveito bem o tempo de espera. Ouço falar de empregos e chefes imbecis que nunca terei, sobre partes do mundo que nunca verei, sobre doenças que espero jamais ter, sobre diferentes raças de cachorro que as pessoas tiveram e assim por diante. Através de um computador? Não. Faço isso através da arte perdida da conversa.

Afinal meu envelope é pesado e selado pela única mulher na face da terra que poderia me fazer sinceramente feliz. Com ela, eu não teria de *fingir.*

Vou para casa. Adorei minha saída. Prestem atenção: nós não estamos aqui na Terra a trabalho. Não acreditem em ninguém que lhes diga outra coisa!

58

Ensinei redação criativa durante meus setenta e três anos no piloto automático, com reprise ou não. Primeiro ensinei na Universidade de Iowa em 1965. Depois dela veio Harvard, e em seguida a City College de Nova York. Já não ensino mais.

Eu ensinava como ser sociável no papel. Dizia a meus alunos que, quando eles estavam escrevendo, deveriam ser amáveis como num encontro marcado com alguém que não conheciam, deveriam divertir desconhecidos. Como alternativa, deveriam cuidar de bordéis realmente simpáticos, abertos a todos, muito embora estivessem de fato trabalhando em total solidão. Disse que esperava que fizessem isso com nenhum outro recurso além de disposições idiossincráticas em linhas horizontais de vinte e seis símbolos fonéticos, dez números e talvez oito sinais de pontuação, porque não era nada que não tivesse sido feito antes.

Em 1996, com a televisão e o cinema se saindo tão bem na missão de atrair a atenção tanto de alfabetizados quanto de analfabetos, tenho de questionar o valor da minha estranhíssima escola de sedução, que é o que ela era quando se pensa bem. Existe um ponto: tentativas de sedução com nada a não ser palavras sobre o papel saem tão *barato* para o pretenso Don Juan ou Cleópatra manchado de tinta! Eles não precisam conseguir um ator ou atriz que gere boa bilheteria e se comprometa com o projeto, depois um diretor de sucesso e assim por diante. E ainda ter de levantar milhões e milhões de dólares com um pessoal maníaco-depressivo, especialista no que a maioria das pessoas deseja.

Mesmo assim, por que se dar a esse trabalho? Eis a *minha* resposta: muitas pessoas precisam desesperadamente receber a seguinte mensagem: “Meus sentimentos e minhas ideias são muito parecidos com os seus. Eu me importo com muitas das coisas com as quais você se importa, apesar de a maioria das pessoas não ligar a mínima. Você não está só.”

Steve Adams, um dos meus três sobrinhos que adotei, era um redator humorístico de sucesso em Los Angeles, na Califórnia, alguns anos atrás. Seu irmão mais velho, Jim, é um ex-integrante do Corpo da Paz e enfermeiro psiquiátrico. Seu irmão mais novo, Kurt, há anos pilota para a Continental Airlines, com todos os enfeites no quepe e trançado dourado nas mangas. Tudo o que o irmão mais novo de Steve quis fazer na vida foi voar. Um sonho que se realizou!

Steve aprendeu a duras penas que todas as suas piadas para a televisão tinham de ser sobre acontecimentos aos quais a própria televisão houvesse dedicado grande atenção e que fossem muito *recentes.* Se uma piada fosse sobre alguma coisa que não aparecia na televisão há um mês ou mais, os espectadores não teriam a menor ideia do motivo pelo qual se esperava que eles rissem, mesmo que a gravação de risadas fosse acionada.

Adivinhem só! A televisão é um *apagador.*

Ter até mesmo o passado imediato apagado pode na realidade tornar mais confortável para a maioria das pessoas a passagem por tudo isso, não importa o que seja. Jane, minha primeira mulher, conquistou sua distinção acadêmica Phi Beta Kappa em Swarthmore College, superando as objeções do Departamento de História. Ela havia escrito, e defendido em exames orais, que tudo o que se podia aprender com a história era que a própria história não fazia absolutamente nenhum sentido. Portanto, estudem alguma outra coisa, música, por exemplo.

Eu concordava com ela, e Kilgore Trout também teria concordado. Naquela época, porém, a história ainda não havia sido apagada. E, quando comecei minha carreira de escritor, eu podia fazer referência a acontecimentos e personalidades do passado, mesmo do passado remoto, com uma expectativa razoável de que um bom número de leitores reagiria com algum tipo de emoção, fosse positiva fosse negativa, diante dessas menções.

Vem ao caso o assassinato do maior presidente que este país jamais chegará a ter, Abraham Lincoln, cometido pelo canastrão de vinte e seis anos John Wilkes Booth.

Esse assassinato foi um importante acontecimento em *Timequake I.* Atualmente, será que sobrou alguém com menos de sessenta anos de idade, que não esteja num departamento de história, que ligue a mínima?

59

Elias Pembroke, um fictício arquiteto naval de Rhode Island que era secretário adjunto da Marinha de Abraham Lincoln durante nossa Guerra de Secessão, foi um personagem de *Timequake I.* Eu disse que ele fez contribuições significativas ao conjunto de transmissão do encouraçado *Monitor,* mas que tratava com negligência sua mulher, Julia, que se apaixonou por um ator e libertino jovem e audacioso chamado John Wilkes Booth.

Julia escrevia cartas de amor a Booth. Um encontro foi combinado para o dia 14 de abril de 1863, dois anos antes de Booth atirar em Lincoln pelas costas com uma pistola pequena de grosso calibre. Ela viajou de Washington à cidade de Nova York com uma acompanhante, a esposa alcoólatra de um almirante, ostensivamente para fazer compras e fugir das tensões na capital sitiada. As duas se hospedaram no hotel em que Booth estava, e naquela noite assistiram a sua apresentação como Marco Antônio em *Julius Caesar,* de William Shakespeare.

Como Marco Antônio, Booth diria frases horrivelmente proféticas no seu caso: “O mal que os homens cometem sobrevive a eles.”

Julia e sua acompanhante foram aos bastidores depois para dar os parabéns não só a John Wilkes, mas a seus irmãos, Junius, que havia representado o papel de Brutus, e Edwin, que havia sido Cassius. Os três irmãos norte-americanos, sendo John Wilkes o caçula, associados ao pai britânico, Junius Brutus Booth, constituíam o que até hoje continua sendo a maior família de especialistas em tragédias na história do teatro em língua inglesa.

John Wilkes beijou, galante, a mão de Julia, como se acabassem de se conhecer, e ao mesmo tempo lhe passou um envelope com cristais de hidrato de cloral, que seria o ingrediente ativo numa bebida adulterada a ser servida à acompanhante.

Booth havia deixado Julia sob a impressão de que tudo que receberia dele quando chegasse ao seu quarto de hotel seria uma única taça de champanhe e um único beijo do qual se recordaria com afeto pelo resto da sua vida depois da guerra, de volta a Rhode Island, uma vida que, se não fosse por esse beijo, seria enfadonha. *Madame Bovary*!

Mal suspeitava Julia que Booth adulteraria seu champanhe, exatamente como *ela* havia adulterado, com hidrato de cloral, o gole de boa-noite de bebida clandestina de tempos de guerra, servido à sua acompanhante.

Tlintlim!

Booth a engravidou! Até então ela nunca havia tido um filho. Havia algo de errado com o dim-dom do seu marido. Ela estava com trinta e um anos de idade! O ator, com vinte e quatro!

Não é incrível?

O marido adorou. Ela não estava grávida? Afinal de contas, não havia nada de errado com o dim-dom do secretário adjunto da Marinha, Elias Pembroke! Levantar ferro!

Julia voltou para Pembroke, Rhode Island, cidadezinha cujo nome homenageava um antepassado do seu marido, para ter o filho. Ela morria de pavor de que a parte superior das orelhas da criança fosse ser parecida com a das orelhas de John Wilkes Booth, pontudas como as do demônio, em vez de curvas. Mas a criança tinha as orelhas normais. Era um garoto. Foi batizado *Abraham Lincoln Pembroke.*

No momento em que Booth mandou chumbo na refeição de cachorro de Lincoln, no cérebro de Lincoln, exatamente dois anos depois da noite em que ejaculou no canal de parto de Julia quando ela estava totalmente sedada, foi que se revelou a ironia suprema do fato de que o único descendente do vilão mais egomaníaco e destrutivo da história norte-americana tivesse esse nome.

Em Xanadu, em 2001, perguntei a Kilgore Trout qual era sua opinião geral sobre John Wilkes Booth. Ele disse a respeito do desempenho de Booth no Ford's Theater em Washington, D.C., na noite de sexta-feira da Paixão, 14 de abril de 1865, quando atirou em Lincoln e saltou de um camarote para o palco, quebrando a perna, que aquilo era "o tipo de coisa que fatalmente acontece sempre que um ator cria seu próprio texto".

60

Julia não contou a ninguém seu segredo. Será que ela se arrependeu? Claro que sim, mas não do amor. Quando completou cinquenta anos, em 1882, ela fundou, sem declarar que era isso o que representava, numa homenagem póstuma ao seu único caso de amor, por mais efêmero e desditoso que tivesse sido, um grupo de teatro amador, o Clube Pembroke de Máscara e Peruca.

E Abraham Lincoln Pembroke, sem saber de quem era realmente filho, fundou em 1889 a Indian Head Mills, fábrica que se tornou a maior do setor têxtil na Nova Inglaterra até 1947, quando Abraham Lincoln Pembroke III fez *lockout* contra seus funcionários em greve e transferiu a empresa para a Carolina do Norte. Abraham Lincoln Pembroke IV subsequentemente a vendeu a um conglomerado internacional, que a transferiu para a Indonésia. E ele morreu de tanto beber.

Nem um ator na cambada. Nem um assassino. Nada de orelhas de duende.

No entanto, antes que Abraham Lincoln Pembroke III deixasse a cidadezinha de Pembroke, com destino à Carolina do Norte, ele engravidou uma empregada doméstica solteira de origem afro-americana, Rosemary Smith. Pagou-lhe uma quantia substancial pelo seu silêncio. Quando seu filho Frank Smith nasceu, ele não estava mais lá.

E agora ouçam só mais essa!

Frank Smith tem orelhas pontudas! Frank Smith tem de ser um dos melhores atores na história do teatro amador! Ele é mestiço de negro e branco e só tem um metro e setenta e cinco de altura. No verão de 2001, porém, ele conseguiu um desempenho espantosamente convincente na matinê no papel título da produção do Clube Pembroke de Máscara e Peruca de *Abe Lincoln in Illinois,* peça de Robert E. Sherwood, com Kilgore Trout encarregado dos efeitos sonoros!

A festa para o elenco foi uma mariscada na praia em Xanadu. Como na última cena de *Oito e meio,* o filme de Federico Fellini, *tout le monde* estava lá, se não em pessoa, representado por sósias. Monica Pepper era parecida com minha irmã Allie. O encarregado da mariscada, homem do local contratado para organizar esse tipo de festa durante o verão, lembrava meu falecido editor Seymour Lawrence (1926-1993), que me salvou do esquecimento inevitável, dos *cacos,* quando publicou *Matadouro 5,* e depois retornou todos os meus livros anteriores ao prelo sob sua proteção.

Kilgore Trout era parecido com meu pai.

O único efeito sonoro que Trout precisava criar nos bastidores era nos últimos instantes da última cena do último ato da peça, daquilo que o próprio Trout chamava de “tremor de tempo feito pelo homem”. Seu equipamento era um antigo apito a vapor do apogeu da Indian Head Mills. Um bombeiro hidráulico, que era sócio do clube e lembrava muito meu irmão, instalou o apito alegremente lamentoso no alto de um tanque de ar comprimido com uma válvula entre eles. Isso também era o que Trout foi em tudo o que escreveu: *alegremente lamentoso.*

Havia, naturalmente, muitos sócios do clube que não representavam nenhum papel em *Abe Lincoln in Illinois,* que teriam gostado de pelo menos fazer soar o grande apito de latão, uma vez que o viram e ouviram seu som acionado pelo próprio bombeiro durante o ensaio geral. Mas o que o clube mais queria era que Trout sentisse que afinal estava em casa, que era um membro essencial de uma família extensa.

Não era só que o clube, a equipe encarregada de Xanadu, as sedes locais dos Alcoólicos Anônimos e dos Jogadores Compulsivos Anônimos, que se reuniam no salão de baile do balneário, as mulheres, crianças e idosos que haviam sofrido maus-tratos e encontraram abrigo ali, não era só que todos eles estivessem gratos pelo seu mantra medicinal e estimulante, que transformou os maus tempos num estado de coma: *você esteve mal, mas agora está bem, e há trabalho a fazer.* Esse era o sentimento do mundo inteiro.

61

Para que Trout não perdesse sua deixa na hora de acionar o apito, o que ele estava morrendo de medo de fazer, morrendo de medo de estragar *tudo* para sua família, o bombeiro que era parecido com meu irmão ficou parado atrás dele e do equipamento, com as mãos nos ombros de Trout. Ele apertaria delicadamente aqueles ombros quando chegasse a hora de Trout debutar no mundo do teatro.

A última cena da peça tem como cenário o pátio da estação ferroviária em Springfield, Illinois. A data é o dia 11 de fevereiro de 1861. Abraham Lincoln, nesse caso representado pelo mestiço de africano e americano, tataraneto de John Wilkes Booth, acabando de ter sido eleito presidente dos Estados Unidos na sua hora mais sombria, está prestes a deixar sua cidade natal por ferrovia, com destino a Washington, que Deus o ajude, Distrito de Colúmbia.

Ele diz, como Lincoln de fato disse: “Ninguém que não esteja na minha situação pode avaliar meus sentimentos de tristeza nesta despedida. A este lugar, e à bondade de seu povo, devo tudo. Vivi aqui vinte e cinco anos, e aqui passei da juventude à velhice. Aqui meus filhos nasceram e um deles está enterrado. Parto agora, sem saber quando ou se voltarei um dia.

“Sou convocado a assumir a Presidência numa época em que onze dos nossos estados soberanos anunciaram sua intenção de se separar da União, em que as ameaças de guerra aumentam em ferocidade a cada dia que passa.

“É um sério dever aquele que agora enfrento. Preparando-me para ele, procurei descobrir que grande princípio ou ideal manteve essa União sólida por tanto tempo. E, na minha opinião, não se tratou da simples questão da separação das colônias da pátria de origem mas, sim, daquele sentimento expresso na Declaração de Independência que conferia liberdade ao povo deste país e esperança ao mundo. Esse sentimento era a realização de um sonho antigo, que os homens tiveram pelos tempos afora, o de que eles um dia pudessem se livrar dos seus grilhões e encontrar a liberdade na irmandade da vida. Nós conquistamos a democracia, e agora surge a questão de saber se ela está apta a sobreviver.

“Talvez tenhamos chegado ao apavorante momento de despertar, e o sonho tenha acabado. Se for assim, receio que ele esteja extinto para sempre. Não posso acreditar que os homens voltarão um dia a ter a oportunidade que tivemos. Talvez devêssemos admitir isso, e reconhecer que nossos ideais de liberdade e igualdade estão decadentes e condenados. Ouvi falar de um monarca oriental que uma vez encarregou seus sábios de lhe inventarem uma frase que fosse verdadeira e adequada a qualquer hora e em qualquer situação. Eles lhe apresentaram as palavras: ‘E isso também passará.’

“É um pensamento que traz certo consolo em momentos de aflição — ‘E isso também passará.’ E no entanto, acreditemos que não seja verdadeiro! Vivamos para provar que podemos cultivar o mundo natural que está à nossa volta, e o mundo intelectual e moral que está dentro de nós, para que possamos garantir uma prosperidade individual, social e política, cujo movimento seja de avanço e que, enquanto a Terra existir, não desapareça...

“Entrego-os aos cuidados do Todo-poderoso, como espero ser lembrado nas suas orações... Adeus, meus amigos e vizinhos.”

Um ator que fazia o papel secundário de Kavanagh, um oficial do Exército, disse: “Hora de partir, Sr. Presidente. Melhor entrar no vagão.”

Lincoln embarca no trem enquanto a multidão canta “John Brown’s Body”.

Outro ator, no papel de guarda-freios, agita sua lanterna.

Era essa a hora em que Trout deveria acionar o apito, e foi o que fez.

À medida que as cortinas iam baixando, ouviu-se um soluço nos bastidores. Não estava no texto. Era de improviso. Estava relacionado à beleza. Vinha de Kilgore Trout.

62

Tudo o que dissemos na festa do elenco, a mariscada na praia, foi a princípio hesitante e contrito, quase como se o inglês não fosse nossa língua materna. Estávamos de luto não só por Lincoln, más pela morte da *eloquência* americana.

Outro sósia ali presente era Rosemary Smith, chefe do figurino do Máscara e Peruca e mãe de Frank Smith, seu astro principal. Ela lembrava Ida Young, neta de escravos, que trabalhava para nós em Indianápolis quando eu era pequeno. Ida Young, em conjunto com meu tio Alex, teve tanto a ver com minha formação quanto meus pais.

Ninguém chegava a ser uma imagem quase fiel de meu tio Alex. Ele não gostava do que eu escrevia. Dediquei a ele *As sereias de titãs,* e tio Alex disse que imaginava que os jovens fossem gostar do livro. Ninguém, tampouco, lembrava minha tia Ella Vonnegut Stewart, prima em primeiro grau de meu pai. Ela e o marido, Kerfuit, eram proprietários de uma livraria em Louisville, Kentucky. Eles se recusavam a vender meus livros porque consideravam meu linguajar obsceno. Assim eram as coisas naquela época, quando eu estava começando.

Entre outras criaturas que já haviam partido e que eu não traria de volta à vida, se tivesse poderes para fazê-lo, mas que estavam representadas por sósias: nove dos meus professores na Shortridge High School, Phoebe Hurty, que me contratou no segundo grau para escrever texto publicitário sobre roupas para adolescentes para a loja de departamentos Blocks', minha primeira mulher, Jane, minha mãe, meu tio, John Rauch, marido de mais uma prima em primeiro grau de papai. Tio John me forneceu uma história da minha família nos Estados Unidos, que inseri em *Palm Sunday.*

A inocente substituta de Jane, uma moça cheia de energia que ensina bioquímica na Rhode Island University, lá em Kingston, disse, ao alcance dos meus ouvidos e a respeito de nada mais do que a apresentação teatral daquele dia e o pôr do sol: "*Mal posso esperar* para ver o que vai acontecer depois."

Só os mortos tinham sósias naquela festa nos idos de 2001. Arthur Garvey Ulm, poeta e secretário residente de Xanadu, funcionário da Academia Americana de Letras e Artes, era baixo e tinha o nariz grande como meu companheiro dos tempos da guerra Bernard V. O'Hare.

Minha mulher Jill estava, graças a Deus, entre os vivos, em carne e osso, da mesma forma que Knox Burger, um colega meu de turma de Cornell. Depois da segunda tentativa malograda de suicídio por parte da civilização ocidental, Knox tornou-se editor de ficção na revista *Collier's,* que publicava cinco contos por semana. Knox conseguiu para mim um bom agente literário, o coronel Kenneth Littauer, o primeiro piloto a metralhar uma trincheira num voo rasante na Primeira Guerra Mundial.

Trout opinou, por sinal, em *Meus dez anos no piloto automático* que era melhor começarmos a numerar os tremores de tempo da mesma forma que numeramos guerras mundiais e partidas da copa dos campeões de futebol.

O coronel Littauer vendeu uma dúzia ou mais de histórias minhas, algumas para Knox, possibilitando que eu deixasse meu emprego na General Electric e me mudasse com Jane e os dois filhos que tínhamos na época para Cape Cod, para trabalhar como escritor autônomo. Quando as revistas faliram por causa da televisão, Knox passou a ser editor de originais em brochura. Publicou três livros meus nesse formato: *As sereias de titãs*, *Canary in a Cathouse* e *O espião americano.*

Foi Knox quem me ajudou a dar os primeiros passos e que fez com que eu continuasse avançando até o ponto em que não pôde mais me ajudar. Foi então que Seymour Lawrence veio me salvar.

Também em carne e osso na mariscada estavam cinco homens com metade da minha idade que me faziam querer seguir em frente nesses meus anos crepusculares, graças ao seu interesse pela minha obra. Eles não estavam ali para me ver. Queriam afinal conhecer Kilgore Trout. Eram Robert Weide, que neste verão de 1996 está rodando um filme em Montreal baseado em *O espião americano,* Marc Leeds, que escreveu e publicou uma espirituosa enciclopédia da minha vida e da minha obra, Asa Pieratt e Jerome Klinkowitz, que mantiveram atualizada minha bibliografia e também escreveram ensaios a meu respeito, além de Joe Petro III, numerado como uma guerra mundial, que me ensinou a trabalhar em silk-screen.

Meu contato comercial mais íntimo, Don Farber, advogado e agente, estava lá com sua querida esposa, Anne. Meu camaradinha, Sidney Offit, estava lá. O crítico John Leonard estava lá assim como os acadêmicos Peter Reed e Loree Rackstraw, o fotógrafo Cliff McCarthy e outros desconhecidos simpáticos numerosos demais para serem mencionados.

Os atores profissionais Kevin McCarthy e Nick Nolte também compareceram.

Meus filhos e netos não estavam lá. Tudo bem, era perfeitamente compreensível. Não se tratava de nenhum aniversário meu, nem era eu o convidado de honra. Os heróis daquela noite eram Frank Smith e Kilgore Trout. Meus filhos e os filhos de meus filhos tinham outros peixes a fritar. Ou talvez eu devesse dizer que meus filhos e os filhos de meus filhos tinham outras lagostas, mexilhões, ostras, batatas e espigas de milho a cozer no vapor de algas.

Não importa.

Procurem acertar! Lembrem-se de tio Carl Barus e acertem!

63

Este não é um romance gótico. Meu falecido amigo Borden Deal, mestre do romance sulista, tão sulista que pedia aos editores que não mandassem exemplares para a crítica ao norte da linha Mason-Dixon,[3] também escreveu romances góticos com um pseudônimo feminino. Pedi-lhe uma definição de romance gótico. Sua resposta: “Uma mocinha entra numa casa antiga e se borra de medo.”

Borden e eu estávamos em Viena na Áustria para um congresso do PEN, a organização internacional de escritores fundada após a Primeira Guerra Mundial, quando ele me disse isso. Passamos então a conversar sobre o romancista alemão Leopold von Sacher-Masoch, que em livro considerava a humilhação e a dor tão deliciosas no final do século anterior. Por causa dele, as línguas modernas dispõem da palavra *masoquismo.*

Borden não só escrevia romances sérios e góticos. Também compunha música *country.* Estava com seu violão lá no seu quarto de hotel e trabalhava, disse ele, numa nova canção intitulada “Nunca dancei valsa em Viena”. Sinto falta dele. Quero um sósia de Borden na mariscada, e dois pescadores sem sorte num barquinho a remo logo depois da arrebentação, iguaizinhos aos santos Stanley Laurel e Oliver Hardy.

Assim seja.

Borden e eu ficamos pensando em romancistas como Masoch e como o Marquês de Sade, que haviam, fosse de propósito, fosse por acaso, inspirado novas palavras. O *sadismo* é, naturalmente, a alegria de infligir dor aos outros. O *sadomasoquismo* consiste em extrair grande prazer de ferir os outros, de ser ferido pelos outros ou de ferir a si mesmo.

Borden disse que tentar viver sem essas palavras hoje em dia era como tentar falar sobre a vida sem palavras para designar a cerveja ou a água.

Só conseguimos pensar em um único escritor norte-americano contemporâneo que nos tenha dado uma palavra nova, e sem dúvida não por ser um degenerado famoso, o que ele não é: Joseph Heller. O título do seu primeiro romance, *Ardil 22* está definido da seguinte forma no meu *Webster's Collegiate Dictionary.* "Uma situação problemática para a qual a única solução é impossibilitada por alguma circunstância inerente ao problema."

Leiam o livro!

Relatei a Borden o que Heller disse numa entrevista quando lhe perguntaram se temia a morte. Heller disse que nunca havia passado por um tratamento de canal. Muitas pessoas que ele conhecia haviam passado por isso. A partir do que essas pessoas lhe contaram, Heller disse imaginar que ele também conseguiria suportar esse tratamento, se fosse preciso.

Era assim que ele se sentia em relação à morte, disse ele.

Isso me faz lembrar uma cena de uma das peças de George Bernard Shaw, o tremor de tempo de sua própria confecção, *Back to Methuselah.* A peça inteira tem dez horas de duração! A última vez em que foi apresentada em sua totalidade foi em 1922, o ano em que nasci.

A cena: Adão e Eva, que já estão por aí há muito tempo, esperam junto ao portão da sua fazenda linda, próspera e pacífica pela visita anual do seu senhorio, Deus. Durante todas as visitas anteriores, e a essa altura já houve centenas delas, eles só conseguiram Lhe dizer que tudo estava ótimo e que eles estavam gratos.

Dessa vez, porém, Adão e Eva estão tensos, assustados mas orgulhosos. Eles têm um assunto *novo* sobre o qual querem falar com Deus. E assim, Deus aparece, simpático, grandalhão, saudável e caloroso, como meu avô, o cervejeiro Albert Lieber. Ele pergunta se tudo está satisfatório e acha que sabe a resposta já que o que Ele criou é tão perfeito quanto Lhe foi possível.

Adão e Eva, mais apaixonados do que nunca, Lhe dizem que até que gostam da vida, mas que gostariam ainda mais se pudessem saber que ela *terminaria* algum dia.

Chicago é uma cidade melhor do que Nova York porque Chicago tem becos. O lixo não se acumula sobre as calçadas. Os veículos de entregas não atrapalham o trânsito em vias importantes.

O falecido romancista norte-americano Nelson Algren disse ao falecido romancista chileno José Donoso, quando todos nós estávamos dando aulas na Oficina de Escritores na Universidade de Iowa em 1966: “Deve ser bom ser de um país tão comprido e estreito.”

Vocês acham que os romanos antigos eram inteligentes? Observem como seus números são bobos. Uma teoria sobre os motivos de sua decadência e queda é que seus encanamentos eram de chumbo. A raiz da palavra “encanamento” em inglês (*plumbing*) é “*plumbum*”, a palavra latina para “chumbo”. O envenenamento por chumbo torna as pessoas burras e preguiçosas.

Qual é a *sua* desculpa?

Recebi uma carta piegas de uma mulher há algum tempo. Ela sabia que eu era piegas também, o que quer dizer que sou democrata nortista. Estava grávida e queria saber se era um erro trazer uma criancinha inocente a um mundo tão cruel.

Respondi que o que quase fazia a vida valer a pena para mim eram os santos que eu conhecia, pessoas que se comportavam com competência e sem egoísmo. Essas pessoas surgiam nos lugares mais inesperados. Talvez você, caro leitor, seja ou possa vir a ser um santo que o doce filhinho da minha correspondente venha a conhecer.

Acredito no pecado original. Também acredito na virtude original. Olhem ao redor!

Xantipa acreditava que o marido, Sócrates, era bobo. Tia Raye acreditava que tio Alex era bobo. Mamãe, que papai era bobo. Minha mulher acredita que eu sou bobo.

I'm wild again, beguiled again, a whimpering, simpering child again. Bewitched, bothered, and bewildered am I.[4]

E Kilgore Trout disse na mariscada, com Laurel e Hardy num barco a remo uns cinquenta metros mar adentro, que os jovens gostavam de filmes com muitos tiros porque esses filmes mostravam que morrer não dói, que as pessoas portadoras de armas poderiam ser consideradas "anestesistas ambulantes".

Ele estava tão feliz! Todos gostavam tanto dele! Trout estava todo arrumado no smoking, camisa de pala engomada, faixa vermelha e gravata-borboleta que haviam pertencido a Zoltan Pepper. Postei-me atrás dele para dar o laço na gravata-borboleta exatamente como meu irmão mais velho havia feito para mim antes que eu aprendesse a dar o laço sozinho.

Lá na praia, não importa o que Trout dissesse resultava em risos e aplausos. Ele não conseguia acreditar! Ele disse que as pirâmides e Stonehenge foram construídos numa época de gravidade muito baixa, na qual rochas podiam ser jogadas de um lado para o outro como se fossem almofadas, e as pessoas adoraram. Elas lhe imploravam por mais. Ele disse então a frase de "Beije-me de novo": "Não há como uma mulher linda possa viver à altura da promessa da sua aparência por um período minimamente razoável. Tlintlim?" As pessoas lhe disseram que ele era tão espirituoso quanto Oscar Wilde!

Vejam bem, a maior plateia que aquele homem teve antes da mariscada na praia havia sido uma bateria de artilharia, quando ele era observador avançado na Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

— Tlintlim! Se isso não é bom, o que então será? — exclamou ele para todos nós.

— O senhor esteve mal, Sr. Trout, mas agora está bem, e há trabalho a fazer — gritei dos fundos da aglomeração para que ele me ouvisse.

Minha agente de conferências, Janet Cosby, estava presente.

Às dez horas, o velho escritor de ficção científica há muito tempo sem nada publicado anunciou que estava na sua hora de ir dormir. Havia uma última coisa que ele queria dizer para nós, para sua *família.* Como um mágico que procura um voluntário na plateia, ele pediu que alguém se postasse ao seu lado e fizesse o que ele mandasse.

— Eu, por favor, eu — disse eu, erguendo a mão.

A multidão ficou calada quando ocupei meu lugar à sua direita.

— O Universo expandiu com tal enormidade — disse ele — com exceção desse pequeno soluço pelo qual nos fez passar, que a luz já não tem velocidade suficiente para fazer qualquer viagem digna de ser feita mesmo nos períodos de tempo mais absurdos. A luz, que outrora tinha a maior velocidade possível, segundo dizem, agora tem seu lugar no cemitério da história, igualzinho ao Pony Express.

“Eu agora peço a este ser humano valente o bastante para ficar parado ao meu lado que escolha dois pontos cintilantes de luz obsoleta no céu acima de nós. Não importa quais sejam eles, só que precisam cintilar. Se não cintilarem, serão planetas ou satélites. Hoje não estamos interessados em planetas, nem em satélites.”

Escolhi dois pontos de luz talvez a uns três metros um do outro. Um era Polaris. Não faço a menor ideia do que seria o outro. Ao que me fosse dado saber, era Vomitor, a estrela de Trout do tamanho de uma bala de espingarda de ar comprimido.

— Eles cintilam? — perguntou ele.

— Cintilam — respondi.

— Tem certeza?

— Juro — disse eu.

— Muito bem! Tlintlim! Agora vejamos, não importa quais corpos celestes esses dois brilhos representem, é certo que o Universo já está tão rarefeito que, para que a luz vá de um ponto a outro, seriam necessários milhares ou milhões de anos. Tlintlim? Mas agora eu lhe peço que olhe exatamente para um e depois, com tanta informalidade quanto quiser, olhe exatamente para o outro.

— Está bem. Pronto.

— Demorou um segundo, não acha?

— Não mais do que um segundo.

— Mesmo que você tivesse levado uma hora — disse ele — algo teria passado entre os pontos ocupados por esses dois corpos celestes, algo um milhão de vezes mais rápido do que a velocidade da luz, tradicionalmente falando.

— E o que foi? — perguntei.

— Sua percepção — disse ele. — Essa é uma qualidade nova no Universo, qualidade que existe apenas porque existem seres humanos. De agora em diante, os físicos, quando refletirem sobre os segredos do Cosmo, deverão levar em conta não só a energia, a matéria e o tempo, mas algo muito novo e lindo que é a *percepção humana.*

Trout fez uma pausa para se certificar com o polegar esquerdo de que sua dentadura superior não escorregasse quando ele nos dissesse suas últimas palavras que encantaram a noite.

Estava tudo certo com os dentes. Eis seu *finale*:

— Ocorreu-me uma palavra melhor do que *percepção.* Vamos chamá-la de *alma.* — Ele fez mais uma pausa.

— Tlintlim?

EPÍLOGO

Meu irmão mais velho e único, Bernard, viúvo há vinte e cinco anos, morreu após prolongados embates com cânceres, sem dores excruciantes, na manhã do dia 25 de abril de 1997, aos oitenta e dois anos de idade, há exatamente quatro dias. Ele era Cientista Pesquisador Emérito no Centro de Pesquisas de Ciências Atmosféricas da State University of New York em Albany, e pai de cinco belos filhos.

Eu estava com setenta e quatro. Nossa irmã Alice teria estado com setenta e nove. Na época da sua morte acabrunhante aos quarenta e um anos de idade, eu disse: “Que velhinha maravilhosa Allie teria sido.” Infelizmente não deu.

Tivemos mais sorte com Bernard. Quando morreu, ele era o velhote querido, terno, engraçado, altamente inteligente que merecia ser. Bem no final, ele estava enlevado por uma coletânea de dizeres de Albert Einstein. Um exemplo: “O que há de mais belo que se possa experimentar é o misterioso. Ele é a fonte de toda verdadeira arte e ciência.” Mais um: “Os conceitos físicos são livres criações da mente humana e não são, por mais que possam parecer, exclusivamente determinados pelo mundo externo.”

A frase mais famosa que se alega que Einstein teria dito foi: “Nunca vou acreditar que Deus faça um joguete do mundo.” O próprio Bernard tinha a mente tão aberta no que dizia respeito a como lidar com o universo que acreditava que orar possivelmente fosse útil em situações drásticas. Quando seu filho Terry estava com câncer na garganta, Bernie, experimentalista como sempre, orou por sua recuperação. Terry na realidade sobreviveu.

E foi do mesmo jeito com o iodeto de prata. Bernie se perguntou se cristais dessa substância, tão parecidos com os cristais de água congelada, não poderiam ensinar gotículas hiper-resfriadas em nuvens a se tornar gelo, neve. Ele fez a experiência. Ela funcionou.

Bernard passou a década final da sua vida profissional tentando negar um paradigma antigo e amplamente respeitado sobre a origem das descargas elétricas em tempestades, para onde elas iam, o que faziam e por que motivo. Foi contestado. O último dos mais de cento e cinquenta artigos que escreveu, a ser publicado postumamente, descreve experiências que podem demonstrar de forma irrefutável se ele estava certo ou não.

Seja como for, ele não tinha como sair perdendo. Não importa como a experiência se desenrolasse, ele teria considerado os resultados extremamente divertidos. Fosse como fosse, ele teria rido feito louco.

Em conversas, ele era mais engraçado do que eu. Durante a Depressão, aprendi tantas piadas enquanto andava atrás dele quanto aprendi com comediantes no cinema e no rádio. Senti-me honrado com o fato de ele também me achar engraçado. Revelou-se que ele havia reunido um pequeno arquivo de material meu que o divertira. Um dos itens era uma carta escrita por mim ao nosso tio Alex quando eu estava com vinte e cinco anos. Naquela época, eu ainda não havia publicado nada, tinha mulher e um filho, e acabava de chegar de Chicago para trabalhar para a General Electric em Schenectady, estado de Nova York.

Consegui esse emprego porque Bernie se tornara uma celebridade no Laboratório de Pesquisas da GE, em colaboração com Irving Langmuir e Vincent Schaefer, por experiências com borrifos em nuvens, e porque a empresa decidiu que os encarregados da sua publicidade seriam jornalistas comuns. Por sugestão de Bernie, a GE me tirou do Chicago City News Bureau, onde eu era um repórter à caça de furos. Ao mesmo tempo, trabalhava para conseguir um mestrado em antropologia na Universidade de Chicago.

Eu imaginava que tio Alex soubesse que Bernie e eu estávamos na GE naquela época, e que eu trabalhava em publicidade. Ele *não* sabia!

E tio Alex havia visto uma fotografia de Bernie num jornal, com o crédito da *Schenectady Gazette.* Ele escreveu para esse jornal, dizendo que tinha uma "pontinha de orgulho" do sobrinho e que gostaria de ter uma cópia da fotografia. Anexou um dólar à carta. A *Gazette* conseguira a foto com a GE e, por isso, encaminhou o pedido ao meu novo empregador. Como seria lógico, meu novo chefe passou a carta para mim.

Respondi como se segue em papel oficial azul da GE:

GENERAL ELECTRIC
COMPANY

GENERAL OFFICE SCHENECTADY, N.Y.

1 River Road
Schenectady 5, N.Y.
28 de novembro de 1947

Sr. Alex Vonnegut
701 Guaranty Building
Indianápolis, 4, Indiana

Prezado Sr. Vonnegut,

O Sr. Edward Themak, editor da SCHENECTADY GAZETTE, encaminhou-me sua carta de 26 de novembro.

A fotografia do Dr. Bernard Vonnegut, da GE, teve como origem nosso escritório. No entanto, não temos mais nenhuma cópia em nossos arquivos, e o negativo está em poder do Corpo de Sinaleiros dos Estados Unidos. Além do mais, temos muito mais a fazer para ficar perdendo tempo com pedidos insignificantes como o seu.

Na realidade, temos outras fotografias desse Steinmetz dos pobres, e pode ser que lhe mande algumas quando bem me aprouver. Mas não me apresse! “Uma pontinha de orgulho”, é mesmo? Ha! Vonnegut! Ha! *Foi esta empresa que fez seu sobrinho, e nós podemos destruí-lo num segundo, como uma casca de ovo.* Por isso, não vá ficar todo alvoroçado se não receber as fotografias numa semana ou duas.

Além do mais, um dólar para a General Electric Company é como um peido num vendaval. Receba-o de volta. Não vá soltá-lo num lugar só.

Cordiais saudações,



Seção de Imprensa
ASSESSORIA GERAL DE IMPRENSA

Guy Fawkes:bc

Como se pode ver, assinei “Guy Fawkes”, figura abominável da história inglesa.

Tio Alex ficou tão ofendido que perdeu as estribeiras. Levou a carta a um advogado para descobrir que medidas legais ele poderia tomar para extrair um pedido humilhante de desculpas de algum alto funcionário da empresa, que custasse ao autor da carta seu emprego. Tio Alex ia escrever ao presidente da GE, dizendo-lhe que um dos seus funcionários não conhecia o valor de um dólar.

Antes que tomasse essas iniciativas, entretanto, alguém lhe disse quem era Guy Fawkes na história da Inglaterra, onde eu estava trabalhando e que a carta era de uma hilaridade tão grotesca que só podia ser uma brincadeira minha. Ele quis me matar por fazê-lo bancar o palhaço. Acho que nunca me perdoou, muito embora minha intenção tivesse sido apenas a de fazer com que desse umas boas risadas.

Se ele tivesse enviado minha carta para a General Electric, exigindo reparação espiritual, eu teria sido demitido. Não sei o que teria sido de mim, de minha mulher e meu filho, nesse caso. Também nunca teria me deparado com o material que usei em meus romances *Revolução no futuro* e *Cama de gato,* bem como em diversos contos.

Tio Alex deu a Bernie a carta de Guy Fawkes. Bernie, no leito de morte, me devolveu a carta. Se não fosse assim, ela teria sido perdida para sempre. Mas cá está!

Tremor de tempo! Estou de volta a 1947, tendo acabado de chegar para trabalhar para a General Electric, e uma reprise começa. Todos nós teremos de fazer de novo exatamente o que fizemos da primeira vez, de bom ou de ruim.

Circunstância atenuante a ser mencionada no Dia do Juízo Final: para começo de conversa, nós nunca pedimos para nascer.

Eu era o caçula da família. Agora não tenho mais ninguém a quem mostrar minhas gracinhas.

Uma mulher que conheceu Bernie apenas durante os dez dias finais da sua vida, na enfermaria de doentes terminais do St. Peter's Hospital em Albany, descreveu suas maneiras como "corteses" e "elegantes". Que irmão!

Que linguagem.

Título original
TIMEQUAKE

Copyright © 1999 *by* Editora Rocco Ltda.

Copyright © 1997 *by* Kurt Vonnegut
Todos os direitos reservados incluindo os de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma

Edição publicada de acordo com
The Putnam Berkley Group, Inc.

Página 144 — citação de *A tempestade*, de William Shakespeare, tradução de Barbara Heliodora, por cortesia de Lacerda Editores

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Rodrigo Silva, 26 — 5º andar
20011-040 — Rio de Janeiro, RJ
Tel: 507-2000 — Fax: 507-2244

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
MAIRA PARULA

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

V917t
Vonnegut, Kurt, 1922-
Timequake = Tremor de tempo / Kurt Vonnegut; tradução de Waldéa Barcellos. — Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Tradução de: Timequake
ISBN 85-325-0979-7

1. Ficção norte-americana. I. Barcellos, Waldéa. II. Título. III. Título: Tremor de tempo.

99-0059 CDD-813
CDU-820(73)-3

O Autor

Kurt Vonnegut escreveu 13 romances, três livros de não ficção, entre eles *Hócus-Pócus* e *Destinos piores que a morte*, ambos publicados pela Rocco. O autor vive em Nova York.

[1] A piada está relacionada ao fato de as equipes esportivas terem no seu nome a cidade de origem. *Manila* é a capital das Filipinas, mas é também em inglês o papel pardo. *Folders* pode significar pasta ou envelope grande; ou um fracasso total. Portanto o significado de Manila Folders tanto poderia ser Envelopes de Papel Pardo ou Derrotados de Manila. (N. da T.)

[2] Já no caso dos Boston Red Sox, a piada se refere à homofonia entre a palavra *Sox* e o substantivo plural *Socks*, que levaria à tradução como os Meias Vermelhas de Boston. (N. da T.)

[3] A linha Mason-Dixon, que separa o estado de Maryland do estado da Pennsylvania, era vista como uma divisão entre os estados abolicionistas ao norte e os escravagistas ao sul antes da Guerra de Secessão. (N. da T.)

[4] Início da canção *Bewitched.* “Estou louco de novo, enganado de novo, voltei a ser uma criancinha tímida e chorona. É que estou enfeitiçado, perturbado e confuso.” (N. da T.)